

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CAMPUS DE MARÍLIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS**

ÁRIFE AMARAL MELO

**“ÉS O QUE FOMOS, SERÁS O QUE SOMOS”: O PROCESSO DE
RESSIGNIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS CEMITERIAIS E DAS PRÁTICAS
FUNERÁRIAS.**

**MARÍLIA
2019**

ÁRIFE AMARAL MELO

**“ÉS O QUE FOMOS, SERÁS O QUE SOMOS”¹: O PROCESSO DE
RESSIGNIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS CEMITERIAIS E DAS PRÁTICAS
FUNERÁRIAS.**

Tese de Doutorado apresentada para o Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP – Campus de Marília, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.

Linha de Pesquisa: Pensamento Social, Educação e Políticas Públicas.

Orientador: Professor Dr. Aluisio Almeida Schumacher.

MARÍLIA

2019

¹ O título desta tese é uma adaptação de um *memento mori* presente em um Cemitério da Cidade Catanduva, interior de São Paulo.

M528"	<p>Melo, Árifé Amaral</p> <p>"És o que fomos, serás o que somos": o processo de resignificação dos espaços cemiteriais e das práticas funerárias. / Árifé Amaral Melo. -- Marília, 2019</p> <p>168 f. : il., fotos</p>
	<p>Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília</p> <p>Orientador: Aluisio Almeida Schumacher</p>
	<p>1. Ciências sociais. 2. Cemitérios. 3. Práticas mortuárias. 4. Resignificação. I. Título.</p>

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ÁRIFE AMARAL MELO

**“ÉS O QUE FOMOS, SERÁS O QUE SOMOS”: O PROCESSO DE
RESSIGNIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS CEMITERIAIS E DAS PRÁTICAS
FUNERÁRIAS.**

BANCA EXAMINADORA

Orientador: _____

Prof. Dr. Aluisio Ameida Schumacher

2º Examinador: _____

Prof. Dr. Luís Antônio Francisco de Souza

3º Examinador: _____

Prof. Dr. José Geraldo Alberto Bertoncini Poker

4º Examinador: _____

Prof. Dr. André Pires do Prado

5º Examinador: _____

Prof. Dr. Rodolfo Franco Puttini

À minha esposa Joseane e minhas filhas Helena e
Fernanda: as mulheres da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a toda a minha família, que pacientemente acompanhou e apoiou cada um dos meus passos durante todos os momentos que envolveram este trabalho.

Ao Instituto Federal do Paraná, que possibilitou a minha dedicação ao Doutorado, por meio de afastamento integral para pós-graduação, bem como a todos os meus colegas de trabalho que torceram por mim enquanto estive afastado.

A Universidade Estadual Paulista, que mesmo diante de um cenário controverso no qual se encontra, ainda resiste, oferecendo uma Educação pública, gratuita e de qualidade.

Ao meu orientador, Prof, Dr. Aluisio Almeida Schumacher, que generosamente dedicou sua atenção, conhecimento e experiência para a elaboração desta tese.

Ao Prof. Dr. José Geraldo Alberto Bertocini Poker, que me orientou no Mestrado e continuou compartilhando seus conhecimentos durante o Doutorado.

Ao Prof. Dr. Luís Antônio Francisco de Souza, que durante o Exame de Qualificação me instigou a aceitar o desafio de aprimorar esta tese.

A minha família de santo, em especial ao meu pai de santo, Crislei Alberto, que me apoiou com sua espiritualidade o desenvolvimento das atividades do Doutorado.

A Deus, aos Orixás e a todas as minhas entidades.

RESUMO

A presente tese pretende interpretar os espaços cemiteriais e as práticas funerárias a eles relacionados, visando compreender a existência de um processo de ressignificação relacionado a ambos. Esse processo se dá a partir do que pode ser observado na maioria dos cemitérios tradicionais: visualmente, é possível observar que nesses cemitérios existe um contraste estético, no qual os jazigos mais antigos apresentam diversos elementos simbólicos e alegóricos relacionados a valores religiosos, ao passo que em jazigos mais novos esses elementos são cada vez mais raros ou simplesmente inexitem. Coube à pesquisa, através de visitas a alguns cemitérios em cidades do Estado de São Paulo e do Paraná, observar e identificar os elementos que permeiam esse contraste. Observou-se que não somente os espaços cemiteriais, mas também as práticas funerárias vinculadas a eles se encontram em constante mudança. Essas mudanças, impulsionadas pela secularização e pela racionalização, afetaram o significado do espaço cemiterial e das atitudes perante a morte, haja vista que até mesmo a visão que se possuía sobre a morte, antes norteadada por valores religiosos, aos poucos é subjugada por uma visão de mundo racionalizada. Nesse sentido, surgem “cemitérios de novo tipo”, cuja configuração, de caráter tecnicista e racional, se estende às práticas funerárias, nas quais seu tecnicismo se aprofundou em detrimento dos aspectos ritualísticos religiosos. Como incremento a esse processo, existe a mercantilização das práticas funerárias, que aprofunda as formas de distinção social já existentes anteriormente, criando constantemente produtos e serviços direcionados aos enlutados, tratando-os como consumidores. Essa mercantilização, que se apropria da racionalidade da execução das práticas funerárias, uma vez comercializadas e terceirizadas, passam a coexistir com a religiosidade no que se refere à atenuação da dor da perda.

Palavras-chave: ressignificação; cemitérios; práticas funerárias; racionalização.

ABSTRACT

The present thesis intends to interpret the cemeterial spaces and the funeral practices related to them, in order to understand the existence of a process of resignification related to both. This process is based on what can be observed in most traditional cemeteries: visually, it is possible to observe that in these cemeteries there is an aesthetic contrast, in which the oldest deposits present various symbolic and allegorical elements related to religious values, in newer deposits these elements are increasingly rare or simply non-existent. It was the research, through visits to some cemeteries in cities of the State of São Paulo and Paraná, to observe and identify the elements that permeate this contrast. It was observed that not only the cemetery sites, but also the funeral practices linked to them are constantly changing. These changes, driven by secularization and rationalization, have affected the meaning of the cemetery space and attitudes towards death, since even the view of death, once guided by religious values, is gradually subjugated by a vision of the rationalized world. In this sense, "cemeteries of a new type" arise, whose configuration, of a technical and rational character, extends to funeral practices, in which its technicality has deepened to the detriment of religious ritualistic aspects. As an increment to this process, there is the commercialization of funeral practices, which deepens the forms of social distinction already existing, constantly creating products and services directed to the bereaved, treating them as consumers. This mercantilization, which appropriates the rationality of the execution of funerary practices, once marketed and outsourced, come to coexist with religiosity regarding the attenuation of the pain of loss.

Keywords: re-signification; cemeteries; funeral practices; rationalization.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I: O SIGNIFICADO SOCIAL DA MORTE E SEUS ASPECTOS SIMBÓLICOS	22
1.1 - A morte como fato social	22
1.2 - Representações artísticas sobre a ideia de morte e sua relação com as práticas funerárias.	26
1.3 – Fotografias mortuárias e fotografias <i>post-mortem</i> : referências indiretas e diretas sobre a morte e as práticas funerárias.....	32
CAPÍTULO II – O CEMITÉRIO: SUA CARACTERIZAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM AS PRÁTICAS FUNERÁRIAS	39
2.1 – O cemitério como cenário de representações.....	39
2.2 – Iconografia cimiterial: Signos antropomórficos	46
2.2.1– Jesus Cristo e a Virgem Maria: os ícones da religiosidade perante a morte	46
2.2.2 – Anjos: a juventude que guarda os mortos.....	49
2.2.3 – As pranteadoras e a representação iconográfica do feminino.....	52
2.3 – Signos não-antropomórficos.....	55
2.3.1 – As virtudes teológicas: fé, esperança e caridade	55
2.3.2 – O “Chi-Rho”: XP	57
2.3.3 – Chamas: Lâmpadas e tochas.....	58
2.3.4 – Plantas: flores e folhas	58
2.4 – Elementos textuais: os epitáfios	59
2.5 – Ausência de símbolos: sinais de ressignificação.....	61
CAPÍTULO III – AS MUDANÇAS DO ESPAÇO CEMITERIAL	64
3.1 – A racionalização dos espaços cimiteriais.....	64
3.2 – O cemitério como heterotopia	73
3.3 – Os “cemitérios de novo tipo”: a consolidação da racionalidade cimiterial.	75
3.4 – O cemitério no contexto <i>virtual</i>	81
3.4.1 – O cemitério “Jardim da Ressurreição”: O uso das redes sociais como mediação.	85
CAPÍTULO IV – A RESSIGNIFICAÇÃO DAS PRÁTICAS FUNERÁRIAS.	90
4.1 – A prática funerária como ação social	90
4.2- A religiosidade nas práticas funerárias e sua relação com a distinção social	92
4.3 - A racionalização das práticas funerárias.....	100
4.3.1 – As práticas funerárias e seus profissionais.....	104
4.4 – A ressignificação das práticas funerárias como mudanças de visão de mundo.....	108
CAPÍTULO V - A MERCANTILIZAÇÃO DAS PRÁTICAS FUNERÁRIAS	113

5.1 – O mercado funerário: novas formas de delimitação social.	113
5.1 – A cremação e sua relação com a mercantilização das práticas funerárias	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	138
APÊNDICE - A PESQUISA DE CAMPO: OBSERVAÇÕES SOBRE OS CEMITÉRIOS	
ANALISADOS	148
Cemitério Municipal São João Batista	148
Cemitério Municipal de Ourinhos	152
Cemitério Memorial Garden – Ourinhos	155
Cemitério Vertical de Curitiba	159
Cemitério Municipal São Francisco de Paula – Curitiba	161
Cripta da Catedral da Sé	164
Cemitério da Consolação	166

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Dança Macabra.....	p. 27
Figura 2 - Engerrand Quarton, <i>O coroamento da Virgem</i>	p. 29
Figura 3 - Philippe Champaigne, Natureza-Morta com Tulipa e Ampulheta.....	p. 30
Figura 4 - Gustave Courbet, <i>Enterro em Ornans</i>	p. 30
Figura 5 - Lápide no cemitério Père Lachaise.....	p. 33
Figura 6 - Equipamento utilizado em cadáveres para fotografia post-mortem.....	p. 35
Figura 7 - Fotografia post-mortem retocada de criança.....	p. 35
Figura 8 - Cadáver de menina preparado em fotografia post-mortem.....	p. 36
Figura 9 - Fotografia post-mortem de bebê depositado em caixão.....	p. 36
Figura 10 - Tipos de construções cemiteriais.....	p. 44
Figura 11 – <i>Pietà</i>	p. 46
Figura 12 - Jesus batendo à porta.....	p. 47
Figura 13 - Imagem de anjo na entrada do Cemitério Municipal de Ourinhos.....	p. 49
Figura 14 - Escultura em mármore de um <i>putto</i>	p. 50
Figura 15 – Pranteadora.....	p. 52
Figura 16 - O último adeus.....	p. 53
Figura 17 - Mausoléu no Cemitério Municipal de Curitiba.....	p. 56
Figura 18 - <i>Chi Rho</i> em detalhe de sepultura.....	p. 56
Figuras 19 e 20 - Lâmpadas e Tocha invertida em mausoléus.....	p. 57
Figura 21 - Cruz adornada com flores de Papoula.....	p. 58
Figura 22 - Exemplo de epitáfio de piedade.....	p. 59
Figura 23 - Exemplo de epitáfio laudatório.....	p. 59
Figuras 24 e 25 – Interior do Cemitério Vertical de Curitiba.....	p. 77
Figura 26 – Vista interna do Cemitério <i>Memorial Garden</i>	p. 79
Figuras 27 e 28- Exemplos de <i>memes</i> do Cemitério Jardim da Ressureição.....	p. 85
Figura 29 – Zé Vampir, em <i>meme</i> utilizado para campanha de doação de sangue promovido pelo cemitério Jardim da Ressureição.....	p. 87
Figuras 30 e 31 - <i>Memes</i> utilizados no Dia Nacional da Consciência Negra e Dia dos Pais no Cemitério Jardim da Ressureição.....	p. 87

Figura 32 - Distribuição dos sepultamentos <i>ad sanctum</i>	p. 96
Figura 33 - Jazigo dos Padres Palotinos.....	p. 149
Figuras 34 e 35 - Jazigo dos fundadores da cidade de Jacarezinho.....	p. 150
Figura 36 - Vista aérea do Cemitério de Ourinhos.....	p. 152
Figura 37 - Primeiro Jazigo do cemitério Municipal de Ourinhos.....	p. 153
Figura 38 - Entrada principal do Cemitério <i>Memorial Garden</i> em Ourinhos.....	p. 155
Figura 39 - Vista de alguns jazigos do Cemitério <i>Memorial Garden</i>	p. 157
Figura 40 - Vista aérea do Cemitério Vertical de Curitiba.....	p. 158
Figura 41 - Entrada Principal do Cemitério Municipal São Francisco de Paula.....	p. 161
Figura 42 - Mausoléu “egípcio”	p. 162
Figura 43 - Fachada de uma das empresas funerárias no entorno do Cemitério São Francisco de Paula.....	p. 163
Figura 44 – Imagens da Cripta da Catedral da Sé, em São Paulo.....	p. 164
Figuras 45 e 46 - Contrastes entre passado e presente em jazigos do Cemitério da Consolação.....	p. 166

INTRODUÇÃO

O CEMITÉRIO

Pelas ruas de túmulos, fomos calados. Eu olhava vagamente aquela multidão de sepulturas, que trepavam, tocavam-se, lutavam por espaço, na estreiteza da vaga e nas encostas das colinas aos lados. Algumas pareciam se olhar com afeto, roçando-se amigavelmente; em outras, transparecia a repugnância de estarem juntas. Havia solicitações incompreensíveis e também repulsões e antipatias; havia túmulos arrogantes, imponentes, vaidosos e pobres e humildes; e, em todos, ressumava o esforço extraordinário para escapar ao nivelamento da morte, ao apagamento que ela traz às condições e às fortunas. Amontoavam-se esculturas de mármore, vasos, cruzes e inscrições; iam além; erguiam pirâmides de pedra tosca, faziam caramanchéis extravagantes, imaginavam complicações de matos e plantas — coisas brancas e delirantes, de um mau gosto que irritava. As inscrições exuberavam; longas, cheias de nomes, sobrenomes e datas, não nos traziam à lembrança nem um nome ilustre sequer; em vão procurei ler nelas celebridades, notabilidades mortas; não as encontrei. E de tal modo a nossa sociedade nos marca um tão profundo ponto, que até ali, naquele campo de mortos, mudo laboratório de decomposição, tive uma imagem dela, feita inconscientemente de um propósito, firmemente desenhada por aquele acesso de túmulos pobres e ricos, grotescos e nobres, de mármore e pedra, cobrindo vulgaridades iguais umas às outras por força estranha às suas vontades, a lutar...

Fomos indo. A carreta, empunhada pelas mãos profissionais dos empregados, ia dobrando as alamedas, tomando ruas, até que chegou à boca do soturno buraco, por onde se via fugir, para sempre do nosso olhar, a humildade e a tristeza do contínuo da Secretaria dos Cultos.

Antes que lá chegássemos, porém, detive-me um pouco num túmulo de lípidos mármore, ajeitados em capela gótica, com anjos e cruzes que a rematavam pretensiosamente.

Nos cantos da lápide, vasos com flores de biscuit e, debaixo de um vidro, à nível altura da base da capelinha, em meio corpo, o retrato da morta que o túmulo engolira. Como se estivesse na Rua do Ouvidor, não pude sustentar um pensamento mau e quase exclamei:

- Bela Mulher!

Estive a ver a fotografia e logo em seguida me veio à mente que aqueles olhos, que aquela boca provocadora de beijos, que aqueles seios túmidos, tentadores de longos contatos carnis, estariam àquela hora reduzidos a uma pasta fedorenta, debaixo de uma porção de terra embebida de gordura.

Que resultados teve a sua beleza na terra? Que coisas eternas criaram os homens que ela inspirou? Nada, ou talvez outros homens, para morrer e sofrer. Não passou disso, tudo mais se perdeu; tudo mais não teve existência, nem mesmo para ela e para os seus amados; foi breve, instantâneo, e fugaz.

Abalei-me! Eu que dizia a todo o mundo que amava a vida, eu que afirmava a minha admiração pelas coisas da sociedade — eu meditar como um cientista profeta hebraico! Era estranho! Remanescente de noções que se me infiltraram e cuja entrada em mim mesmo eu não percebera! Quem pode fugir a elas?

Continuando a andar, adivinhei as mãos da mulher, diáfanas e de dedos longos; compus o seu busto ereto e cheio, a cintura, os quadris, o pescoço,

esguio e modelado, as espáduas brancas, o rosto sereno e iluminado por um par de olhos indefinidos de tristeza e desejos...

Já não era mais o retrato da mulher do túmulo; era de uma, viva, que me falava.

Com que surpresa, verifiquei isso.

Pois eu, eu que vivia desde os dezesseis anos, despreocupadamente, passando pelos meus olhos, na Rua do Ouvidor, todos os figurinos dos jornais de modas, eu me impressionar por aquela menina do cemitério! Era curioso.

E, por mais que procurasse explicar, não pude. (BARRETO, 2005, p.80)

Lima Barreto, neste conto, conduz o leitor a uma reflexão sobre diversos aspectos observáveis em um cemitério. Inicialmente, atribui características humanas às sepulturas como se elas reproduzisse a conduta dos vivos num local destinado aos mortos. Impressos nas formas estéticas dos túmulos estão os conflitos sociais, as diferenças de humor, a opulência e a miséria, como uma tentativa efêmera de se ter visibilidade mesmo após a morte. Elementos simbólicos como epitáfios e toda a arte tumular atraem a atenção do observador, que é interrompida por um elemento singelo presente em uma das sepulturas: a fotografia de uma bela mulher que o conduz a devaneios sensuais em sua imaginação, cuja sensação ele mesmo não consegue explicar.

O personagem ilustra a potencialidade do cemitério como um *locus* no qual se pode compreender como o fenômeno da morte desencadeia diversas práticas funerárias, e como suas implicações refletem importantes aspectos da vida social, bem como as mudanças que ocorrem nessas práticas podem ser manifestações de uma sociedade que também se encontra em transformação. As peculiaridades encontradas em diversos cemitérios podem servir como ponto de partida para identificar essas mudanças, num contraste entre espaço/tempo plasmado na materialidade de túmulos, mausoléus e demais dependências físicas fúnebres. Se tomarmos como exemplo a entrada da Capela dos Ossos, em Évora, Portugal, encontraremos a inscrição "Nós ossos que aqui estamos pelos vossos esperamos". Um *memento mori*², similar ao de um cemitério deste lado do Atlântico como o de Nossa Senhora do Carmo em Catanduva, interior de São Paulo, que contém os dizeres: "Fomos o que és, serás o que somos". Ainda em São Paulo, no Cemitério Municipal de Paraibuna, no Vale do Paraíba, os dizeres "Nós que aqui estamos por vós esperamos", que assim como o de Évora, serviu de título para o filme de Marcelo Masagão de 1999. Essas frases, como uma macabra recepção, se apresentando aos

² Expressão latina designada aos visitantes para que os mesmos tenham consciência de sua condição de criaturas mortais. A tradução dessa expressão seria "Lembre-se da morte". Fonte: Dicionário online Glosbe, em: <https://pt.glosbe.com/en/pt/memento%20mori> acesso em 29/1/2018.

visitantes como se os mortos pudessem dizer a eles qual a sua futura condição, são na verdade construções orais dos vivos para os vivos, simbolizando a efemeridade da vida diante da certeza da morte. Vale ressaltar que ao tratar-se do cemitério como dispositivo de práticas funerárias, serão trabalhados aqui dois modelos de necrópole: os cemitérios “tradicionais” (os mais comuns, abertos à visitação, com toda sua variedade de elementos estéticos tumulares) e os que se convencionou tratar neste trabalho como “cemitérios de novo tipo” (cemitérios-parque e cemitérios verticais, que possuem suas peculiaridades que os diferenciam dos convencionais).

Nesta tese, o ponto de partida se baseia na análise dos elementos representativos da morte, ou seja, a forma como a morte é socialmente representada por meio de imagens. Esse aspecto é importante para se compreender os aspectos simbólicos presentes nos cemitérios tradicionais. O segundo passo é analisar o cemitério enquanto cenário de representatividade de práticas funerárias, neste caso, a inumação (sepultamento e enterro), e como essas práticas podem apresentar uma riqueza de elementos visuais a serem analisados por dois vieses: o da presença e o da ausência. Pela presença pode-se elencar a arte cemiterial (estatuário, arquitetura, símbolos religiosos) e a configuração dos túmulos e mausoléus (tamanho, material utilizado, estado de conservação, distribuição geográfica). Pela ausência pode-se observar o esvaziamento desses elementos, caracterizados principalmente pela falta de referências visuais e pelo aspecto funcional dos jazigos. Considerando os elementos visuais pela presença, eles podem ser observados como a materialidade mais evidente dos rituais fúnebres e os valores sociais que representam. Segundo MOTTA (2009),

Quando submetidos à leitura, os dispositivos funerários plasmados nos túmulos permitem traduzir não só acomodações e equilíbrios, mas também tensões e mudanças operadas no contexto de um grupo específico ou no corpo social mais amplo; assim como é também capaz de revelar atos institucionais e de condutas sociais e morais diversos, tendo sempre como preocupação dar sentido e significado a alguma coisa. (p. 74)

No que se refere à ausência, pode-se também perceber as mudanças de significado, considerando que essa ausência de elementos visuais também tem seu propósito, tornando assim o cemitério convencional um espaço de amplo espectro de observações sobre as práticas funerárias que conferem a determinados grupos visibilidade e invisibilidade social.

O terceiro aspecto a ser trabalhado se dá no intuito de compreender que não somente os espaços cemiteriais se modificam, mas as práticas funerárias também, haja vista que seus significados se alteram, consolidando um processo de ressignificação. A priori, as condutas

relacionadas à morte consumada, tinham seu escopo na religiosidade, transferindo, progressivamente, suas práticas para um viés secularizado e racionalizado, tornando cada vez mais tênue a separação entre o sagrado e o profano, o público e o privado, evidenciando que o cemitério enquanto espaço e funcionalidade também é um espaço ressignificado. Dadas essas perspectivas, insere-se no processo de ressignificação a mercantilização, que compreende a apropriação dos aspectos estudados pela lógica do mercado, incentivando o consumo de bens mortuários e inserindo outros tipos de prática funerária, como a cremação. Nesse sentido, o objetivo desse trabalho é identificar as mudanças ocorridas nas práticas funerárias presentes em cemitérios brasileiros e compreender de que maneira essas mudanças são um reflexo de diversas mudanças sociais, considerando que os espaços cemiteriais são espaços que evidenciam uma trajetória de mudanças de mentalidade e de valores da sociedade dos vivos.

Compreende-se nesse processo de ressignificação a mudança no sentido atribuído às práticas relacionadas ao destino a ser dado aos corpos bem como o local no qual se manifestam essas práticas. Consumada a morte de um indivíduo, exige-se daqueles que o circundam formas específicas de como tratar o corpo, principalmente no que se refere ao seu destino: a cova, a sepultura ou o forno. No caso brasileiro, a inumação é ainda a forma mais utilizada, ainda que a cremação possa ser apresentada como tendência. No entanto, essas práticas, outrora vinculadas estreitamente a valores religiosos, cedem lugar a valores mais pragmáticos e secularizados, que podem ser observados nas mudanças visuais dos cemitérios, local que, anteriormente também vinculado à religiosidade, adquire novas características além das sagradas.

Apesar das similitudes com outros tempos, percebe-se que a maneira como se lida com os mortos, na sociedade brasileira atual, possui particularidades que demandam compreender alguns pontos chave:

Sobre a ideia de morte e suas mudanças: compreender a ideia de morte e suas transformações possibilitam localizar de que maneira elas afetam a forma e o significado das práticas funerárias, bem como os contrastes encontrados nos cemitérios. ELIAS (2001, p. 10) sinaliza a morte como um problema dos vivos, que, apesar de compartilhar do fenômeno da finitude da vida com os outros animais, é o único a ter consciência de que a sua própria morte é um dever. Considerando essa realidade, dar significado à morte, bem como representá-la artisticamente dentro e fora dos cemitérios são elementos importantes para se compreender as práticas funerárias. Para isso, utilizou-se o referencial teórico de Durkheim e Mauss: A perspectiva durkheimiana, passível de incluir a morte como fato social, também contribui para a análise comparativa entre as sociedades tribais no que se refere à morte com as sociedades

ocidentais modernas. Marcel Mauss, complementar à estrutura teórica de seu tio, traz, com o “paradigma da dádiva”, a fundamentação sobre as práticas funerárias dessas sociedades, e como elas influenciam essas práticas atualmente.

Aspectos históricos e iconográficos do cemitério: a passagem dos enterros *ad sanctum* para os enterros e sepultamentos *extra muros*. Fazendo um recorte histórico sobre os cemitérios oitocentistas, pode-se perceber as mudanças pelas quais os cemitérios passaram no decorrer do tempo, nos quais uma riqueza de elementos estéticos advindos da iconografia cemiterial e que hoje dividem espaço com elementos desprovidos de valores voltados à arte tumular. Nesse processo, inclui-se o enfraquecimento do monopólio da Igreja Católica sobre os cemitérios, a separação Igreja/Estado e a mudança de conduta no que se refere à constituição dos cemitérios. Gradativamente o cemitério perde a função agregada à sua origem etimológica, do grego *koimeterion*³, o lugar onde os mortos descansam, para um local onde estão apenas depositados os restos mortais de alguém. Nesse sentido, a contribuição de Ariés é de grande valia, pois a análise sobre a história da morte na sociedade ocidental possibilita delimitar as mudanças ocorridas no cenário cemiterial e nas práticas funerárias.

A secularização e a racionalização: os valores religiosos passam gradativamente a dividir espaço com aspectos secularizados, racionais, técnicos e burocratizados sobre a inumação. Para Weber (2006, p.57), *O destino de nossos tempos é caracterizado pela racionalização e intelectualização e, acima de tudo, pelo “desencantamento do mundo”*. A aura antes *estritamente* religiosa das práticas funerárias, passa a coexistir com valores mais práticos, nas quais o culto à memória não mais depende de uma fundamentação espiritual ou religiosa no que se refere ao modo de se tratar os mortos.

Os cemitérios de novo tipo: os cemitérios convencionais ou “tradicionais”, apesar de serem espaços que demonstram essas mudanças, não são mais os únicos, considerando que o processo de ressignificação das práticas funerárias já sinaliza locais exclusivos, tais como os cemitérios verticais e os cemitérios-parque.

A mercantilização: acompanhando o processo de racionalização, o mercado funerário se apropria da mentalidade tecnicista e racionalizada da sociedade para incentivar o consumo, por meio dos empreendimentos funerários que oferecem cada vez mais produtos e serviços relacionados à morte.

Os itens listados acima não estão interligados de maneira linear, mas se entrecruzam de diversas maneiras, ficando evidentes em maior ou menor grau, de acordo com as realidades

³ Segundo o “Dicionário etimológico da língua portuguesa”, de 1955, *Os antigos comparavam a morte ao sono*.

vivenciadas pelos grupos sociais e suas perspectivas no que se refere às práticas funerárias, compreendendo que essa ressignificação é um processo, no qual a religiosidade era a expressão principal dos valores sociais em tempos anteriores, mas que vem sendo gradativamente substituída por uma visão pragmática, gerando um outro tipo de cenário. Para elucidar os diversos aspectos sociológicos e identificar as mudanças ocorridas no processo de ressignificação das práticas funerárias, serão utilizados diversos referenciais teóricos que dedicam especial atenção aos aspectos sociais vinculados às mudanças possíveis de serem identificadas nos cemitérios e nas práticas funerárias. Associada aos elementos teóricos, realizou-se uma pesquisa de campo, em cemitérios no Estado de São Paulo e Paraná.

Serão consideradas como práticas funerárias ressignificadas, primeiramente, aquelas relacionadas com as mudanças de conduta relacionadas à morte, que por consequência, afetam direta e indiretamente aquelas direcionadas ao destino a ser dado aos mortos. No caso brasileiro, tomando como parâmetro uma sociedade profundamente influenciada pelo catolicismo, a morte era em primeira instância, tratada como aspecto essencialmente religioso: somente com o aval da Igreja, os mortos poderiam “descansar em paz”, e quanto mais próximo da casa de Deus isso ocorresse, mais desejosa se tornava a inumação *ad sanctum* (dentro ou próximo da Igreja). Conforme o avanço da secularização, da racionalização e, por conseguinte, da separação entre Estado e Igreja, a morte passa a se tornar assunto das autoridades estatais, delimitando aspectos normativos e instituindo parâmetros que retiram das mãos da Igreja o monopólio sobre o destino a ser dado aos mortos. Nesse processo, a inserção do Estado em assuntos sobre a morte contribui para o desenvolvimento de uma forte racionalização sobre ela, haja vista que a justificativa e o embasamento legal sobre o que se fazer com os mortos se sustentam em princípios científicos e sobretudo, técnicos. O corpo, nesse contexto, passa a não ser somente objeto de cunho sacralizado, mas também político, de saúde pública, de interesse da medicina, e assim, também interesse de um mercado que se expande cada vez mais em seus produtos e serviços oferecidos, com a mesma velocidade de transformação e ressignificação oriundos de uma sociedade moderna, que também se transforma e se ressignifica.

Os agentes sociais na trajetória de suas vidas tentam constantemente preservar sua própria história e transmitir uma herança social que, via de regra, mesmo que ela se desenvolva com novas características, tentam preservar a memória. A vida social, dotada de sentido que se manifesta nas práticas funerárias, se faz quando outros atribuem a essas práticas algo de relevante, e nesse caso, com relação à morte dos seus, a mentalidade e a conduta podem ser analisadas não só diante do momento derradeiro ou ao tratamento dado ao morto, mas sobretudo na mensagem a ser transmitida, em um esforço de fazer da morte, esse evento tão indesejável,

algo que seja no mínimo *suportável*. Nesse contexto, o *locus* que é o cemitério, espaço de lamentação e saudade está intimamente vinculado ao ato de lidar com o cadáver e lhe prestar homenagem, dando a esse local, independentemente de sua carga religiosa, a prática de um ritual reflexivo que remete ao momento histórico e social dos grupos envolvidos, deixando como legado uma preponderância de visão de mundo que pode ficar cristalizada em um túmulo, mausoléu, urna para cinzas ou obra de arte picto-crematória⁴.

Considera-se, portanto, que na ressignificação das práticas funerárias, a conduta perante a morte é envolvida por um tipo de sentimento no qual a dor da perda, antes alimentada pela religiosidade, coexiste mas também se transfere para o culto à memória de forma racional e pragmática. Isso implica em um laço material entre os vivos e os mortos; o que é visivelmente expressado (mas ainda não totalmente evidente) pela estética tumular nos cemitérios convencionais. Entretanto, essa estética vem sendo gradativamente reformulada por uma visão mais racional, tecnicista e funcional, gerando um outro tipo de imaginário sobre o que o sepultamento representa, evidenciado nos cemitérios “modernos” ou “de novo tipo”.

Nos cemitérios tradicionais, a aura de sacralidade é percebida pelos resquícios religiosos que ainda fazem jus ao local ser chamado de “campo santo”, no qual o culto aos mortos é mais preponderante, fazendo do sepultamento um meio para se preservar a alma dos mortos. Nos novos modelos de cemitério, a prática da inumação é muito mais um fim em si do que um meio, considerando que a espacialidade desse tipo de cemitério é ainda mais racionalizada do que nos cemitérios tradicionais, limitando explicitamente determinadas práticas religiosas que nesses cemitérios são comuns (acender velas no túmulo, levar flores, inserir imagens religiosas, etc., são praticamente proibidas nos cemitérios de novo tipo). Essas práticas, ressignificadas, fazem do sepultamento algo menos tenso e pesado; tratadas cada vez mais de maneira racionalizada, vem se tornando algo corriqueiro e em alguns casos quase banal. A dor do luto vem sendo substituída por uma pretensa praticidade e conforto terceirizados pelas empresas do ramo funerário e sobrepujada progressivamente pela valorização da memória em detrimento dos sentimentos religiosos, nos quais o cadáver, até então figura central, se torna mero coadjuvante, considerando que aos mortos, o destino de seus corpos passa a ser mais importante do que eles mesmos. A materialidade do corpo morto, antes figura indispensável, cede lugar a aspectos acessórios no que se refere à lembrança e à memória, cujos valores se desvinculam do aspecto sagrado atribuído anteriormente ao cadáver.

⁴ A arte picto-crematória é um processo no qual um artista plástico mistura as cinzas do corpo cremado ao material utilizado para sua obra, de acordo com a encomenda feita pelo morto ainda em vida ou pelos seus entes após a cremação.

Ainda que os rituais no tratamento dado aos mortos existam, estes não são mais dedicados ao morto *em si*, mas se modificam, principalmente, com o desenvolvimento contínuo da mercantilização, ao conforto oferecido aos familiares em forma de prestação de serviços e de produtos relacionados à morte. Observar-se-á de que maneira essas mentalidades afetam direta e indiretamente os espaços cemiteriais e as práticas funerárias relacionadas a eles.

A organização deste trabalho está dividida em cinco capítulos e um apêndice, que estão distribuídos da seguinte forma:

No capítulo I é abordado o significado social da morte e seus aspectos simbólicos: a ideia de morte construída socialmente, bem como a forma como é tratada, demonstrando que as mudanças no seu significado se projetam na maneira em que ela é representada, cultural e artisticamente, quer seja na pintura, arte cemiterial ou fotografias *post mortem*, ilustrando a relação existente entre os cemitérios tradicionais e as práticas funerárias vinculadas a eles.

O capítulo II aprofunda as questões levantadas no capítulo anterior, abordando os aspectos simbólicos do cemitério tradicional, principalmente no que se refere à sua constituição e sua representatividade iconográfica, que, em primeiro momento, estão fortemente ligadas à religiosidade católica, mas que diante do processo de ressignificação, vão gradativamente cedendo espaço a um modelo mais racionalizado.

O terceiro capítulo lida com os aspectos de mudança nos espaços cemiteriais, demonstrando que o processo de ressignificação faz do cemitério um local heterotópico, haja vista que a racionalização desses espaços modifica a sua configuração, bem como contribuem para o surgimento de “cemitérios de novo tipo”, nos quais sua abordagem reflete as novas formas de conduta perante a morte e os mortos, cujos aspectos religiosos são progressivamente substituídos por valores mais pragmáticos.

O capítulo IV dedica-se a apresentar as mudanças nas práticas funerárias que possuem algum vínculo, direto ou indireto, com a inumação e/ou os cemitérios. As transformações nos espaços cemiteriais possuem uma íntima relação com aquelas direcionadas à forma como os vivos lidam com seus mortos. Antes pautadas em princípios guiados pela Igreja, as práticas funerárias racionalizam-se de tal maneira que se direcionam à uma profunda especialização de seus agentes e à mercantilização de si mesmas.

O quinto capítulo lida com os aspectos comerciais nos quais estão inseridas as práticas funerárias, que, uma vez racionalizadas, são apropriadas pelo mercado e se tornam produtos e serviços que incentivam o consumo voltado ao ramo funerário. Nesse contexto se insere a cremação, que apesar de não ser uma prática funerária diretamente ligada aos cemitérios, seu aspecto comercial passa a ser relevante, haja vista que o próprio cadáver pode vir a se tornar

uma mercadoria, através da transformação das cinzas em produtos. Essa potencialidade de se aprofundar a mercantilização faz com que os cemitérios de novo tipo passem a oferecer a cremação como opção aos enlutados, estabelecendo uma nova relação com essa prática.

A pesquisa de campo, para esse trabalho, foi realizada em cemitérios nas cidades de Ourinhos e São Paulo no Estado de São Paulo; Jacarezinho e Curitiba no Estado do Paraná. As observações estão descritas ao final desta tese, na forma de apêndice. Foram visitados cinco cemitérios tradicionais: São Francisco de Paula (Curitiba), São João Batista (Jacarezinho), Cemitério Municipal de Ourinhos, a Cripta da Catedral da Sé e o Cemitério da Consolação, ambos na cidade de São Paulo. O Cemitério Vertical de Curitiba e o Cemitério Parque *Memorial Garden* de Ourinhos foram as referências para se conhecer os cemitérios de novo tipo. A pesquisa de campo nesses locais possibilitou visualizar, de maneira concreta, as mudanças não só estéticas, mas também a configuração dos cemitérios tradicionais, em contraponto aos cemitérios de novo tipo, cuja implementação os apresentam como cemitérios consolidadamente ressignificados.

CAPÍTULO I: O SIGNIFICADO SOCIAL DA MORTE E SEUS ASPECTOS SIMBÓLICOS

1.1 - A morte como fato social

A morte, num primeiro momento, representa uma ruptura e uma passagem. A ruptura se dá no âmbito pessoal e social. A vida rompe seu laço com o corpo, e esse corpo antes animado será apartado do contato com os vivos, inaugurando uma transição de um ser, para um não-ser. De maneira geral, o rompimento causado pela morte é gerador de inquietação quando se pensa na própria morte e um sofrimento causado pela perda, impulsionando um desejo por parte dos vivos em proporcionar *descanso* aos entes que partiram e alento à memória dos que ficaram, numa condição de preenchimento causado pelo vazio da morte. Essa lacuna, deixada pelo outro que não mais está presente e que remete à própria finitude dos viventes, serve como objeto de reflexão na tentativa de dar significado a esse fenômeno. Nas palavras de BAUMAN (2008),

Irreparável... Irremediável... Irreversível... Irrevogável... Impossível de cancelar ou curar... O ponto sem retorno. O final. O derradeiro. O *fim de tudo*. Há um e apenas um evento no qual se podem atribuir todos esses qualificativos na íntegra e sem exceção. Um evento que torna metafóricas todas as outras aplicações desses conceitos. O evento que lhes confere significado primordial - prístino – sem adulteração nem diluição. Esse evento é a *morte*. [...] Só a morte significa que nada acontecerá daqui por diante, e nada acontecerá com *você*, ou seja: nada que *você* possa ver, ouvir, tocar, cheirar, usufruir ou lamentar. É por essa razão que a morte tende a permanecer incompreensível para os vivos. (p. 44)

Bauman insere a “inevitabilidade e a incompreensão” no contexto do impacto do evento da morte. Contudo, mesmo diante das barreiras do inevitável e do incompreensível, a humanidade não cessa suas tentativas de dar a esse evento algum sentido. As primeiras tentativas de busca por significado diante da ausência causada pelo fim derradeiro foram constituídas sob a égide da fé e da religião, baseando-se primeiramente em um *ethos* religioso e numa mentalidade religiosa que busca legitimar as condutas diante desse tipo de evento. Segundo BERGER (1985), para que uma legitimação ocorra, é necessário que ela esteja sustentada por uma estrutura de plausibilidade:

A legitimação religiosa pretende relacionar a realidade humanamente definida como a realidade última, universal e sagrada. As construções da atividade humana, intrinsecamente precárias e contraditórias, recebem assim, a aparência de definitiva segurança e permanência. (p.49)

Inevitabilidade e incompreensão *versus* segurança e permanência. Caos *versus* ordem. Assim se estabelecem religiosamente as trajetórias sobre a construção de significado sobre a morte, na qual a alma, enquanto “recheio” sobrenatural do corpo, após o evento final, esvazia-se de seu receptáculo. DURKHEIM (2000) em sua clássica obra sobre o fenômeno religioso em sociedades tribais australianas, constata que esse pensamento, proeminente no cristianismo, não é exclusivo da sociedade judaico-cristã ocidental. Observando essas sociedades cujas características podem revelar aspectos antropológicos inerentes a outras, no que se refere à morte o autor destaca primeiramente a separação alma-corpo, baseando-se nas características do sonho: o ato de dormir e sonhar teria levado o homem a crer que esse estado de consciência é o embrião da noção de que o corpo físico está associado a um outro tipo de existência, um “duplo” que se manifesta de forma etérea. Nesse contexto, Durkheim diferencia a ideia de “alma” e “espírito”: a existência da alma se manifesta somente nos vivos; ela reside no vínculo que ainda estabelece com o corpo físico; uma vez findada essa relação proporcionada pela morte, o “duplo” se desvencilha da matéria corporal e irá adquirir outra substancialidade, transformando-se num espírito. Porém, após realizar essa passagem, o espírito, apesar dessa mudança, pode vir a conviver com os vivos, influenciando e atuando no mundo material. Diante da possibilidade de se beneficiar ou ser ameaçado por esses espíritos, surge o culto a eles.

Eis aí a alma transformada. De simples princípio vital, animando um corpo de homem, tornou-se um espírito, um gênio⁵, bom ou mau, uma divindade inclusive, segundo a importância dos efeitos que lhe são imputados. Mas já que a morte é que teria operado essa apoteose, é aos mortos, em última instância às almas dos antepassados, que teria se dirigido o primeiro culto da humanidade. Assim, os primeiros ritos teriam sido os ritos mortuários; os primeiros sacrifícios teriam sido oferendas alimentares destinadas a satisfazer as necessidades dos defuntos, os primeiros altares teriam sido túmulos. (p. 42)

Sob uma perspectiva durkheimiana, é possível conceber a morte por meio de um dos seus conceitos mais fecundos, que é o do fato social. A morte é um fenômeno geral, cuja abrangência, temporal ou espacial é indiscutível. Todas as sociedades lidam com a morte e a ela atribuem significado em virtude de sua exterioridade, haja vista que ela se apresenta de maneira inexorável. Por conseguinte, a partir do momento em que ela representa muito mais do que os seus aspectos biológicos do cessar da vida, sua significação nas mais diversas sociedades

⁵ Segundo o “Dicionário etimológico da língua portuguesa”, de 1955, a palavra “gênio” tem sua origem no latim *geniu*, divindade particular, espécie de anjo da guarda. Essa entidade sobrenatural tem origem na mitologia romana. Segundo Kant (1924, p. 166), *Entre os antigos romanos, gênio era o espírito autêntico do homem, que começa no nascimento e cessa com a morte. Esse espírito estava associado ao homem para aconselhá-lo e desaconselhá-lo.*

passa a exercer diversificadas coerções. No plano das instituições, as práticas funerárias representam as condutas nas quais o homem se vê forçado a criar mecanismos de significação pessoal e coletiva. Isso ocorre porque, como sustenta Durkheim, a sociedade é o cerne da sacralidade. Segundo ARON (2000),

Durkheim acredita poder explicar a realidade do fenômeno religioso. Se o homem adora a sociedade transfigurada, adora de fato uma realidade autêntica. Que há de mais real do que a força da coletividade? A religião é uma experiência por demais permanente e profunda para não corresponder a uma realidade autêntica. Se esta realidade autêntica não é Deus, é preciso que seja o que está situado, por assim dizer, imediatamente abaixo de Deus, a saber, a sociedade. (p. 313)

Marcel Mauss avança nos conceitos desenvolvidos pelo tio no que se refere aos aspectos antropológicos e sociológicos dos fatos sociais. Para ele, os fatos sociais totais são determinadas práticas coletivas exercidas de maneira geral, não dependendo da ligação com o tempo ou ligação geográfica. No *Ensaio sobre a dádiva* (2003), Mauss evidencia não só a conduta entre os polinésios, mas algo de caráter geral, ontológico:

Existe aí [nas sociedades arcaicas] um enorme conjunto de fatos. E fatos que são muito complexos. Neles, tudo se mistura, tudo o que constitui a vida propriamente social das sociedades que precederam as nossas – até às da proto-história. Nesses fenômenos sociais "totais", como nos propomos chamá-los, exprimem-se, de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais – estas sendo políticas e familiares ao mesmo tempo –; econômicas – estas supondo formas particulares da produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição –; sem contar os fenômenos estéticos em que resultam estes fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam. (p. 187)

A obra maussiana, particularmente no que se refere à dádiva, carrega consigo a questão da universalidade que pode ser aplicada às formas pelas quais a morte é tratada, principalmente quando a relacionamos com as práticas funerárias. Traçando um perfil histórico sobre a prática da inumação, observa-se que *em si* ela não é moderna, e se estende a inúmeros grupos sociais. Os aspectos mais visíveis que se podem aplicar ao objeto de estudo desse trabalho são seus aspectos *simbólicos*. Segundo MAUSS,

Pois a noção de símbolo – não é verdade? – é inteiramente nossa, oriunda da religião e do direito. Há muito Durkheim e eu ensinamos que não pode haver comunhão e comunicação, entre homens a não ser por símbolos, por signos comuns, permanentes, exteriores aos estados mentais individuais que são simplesmente sucessivos, por signos de grupos de estados tomados a seguir

por realidades. (...) Há muito pensamos que uma das características do fato social é precisamente seu aspecto simbólico. Na maioria das representações coletivas, não se trata de uma representação única de uma coisa única, mas de uma representação escolhida arbitrariamente, ou mais ou menos arbitrariamente, para significar outras e para comandar práticas. (*op. cit.* p. 328)

CAILLÉ (1998, p. 7) identifica na obra de Mauss uma grande contribuição no que se refere ao esclarecimento dos fatos sociais totais. Para ele, a dádiva apontada por Mauss abriga um simbolismo extremamente relevante no que concerne à “obrigação de dar, receber e retribuir” formando o que seria um “paradigma da dádiva”, “ao mesmo tempo obrigação e liberdade, interesse e desinteresse” (p. 17). As relações simbólicas de troca e retribuição analisadas pela ótica de Mauss podem aqui estabelecer vínculos observáveis no que se refere às práticas funerárias. Se na polinésia a retribuição de presentes é uma obrigação, cuja não-observância pode acarretar desde problemas espirituais a diplomáticos, temos em questão uma expressão de valores. Sendo a morte um fenômeno visível em todas as instâncias sociais, observa-se que as práticas funerárias são expressões de valores que os grupos manifestam ao cuidar de seus mortos. Dar destino ao corpo (inumação e/ou cremação) requer determinados rituais. Esses valores adquirem características diferenciadas na sociedade de acordo com o impacto causado pela morte. Os “anônimos” não recebem o mesmo tratamento que as pessoas notáveis, heróis de guerra, membros do clero. Jovens e crianças sobretudo recebem maior comoção, o que impulsiona maiores atitudes simbólicas sobre o evento. Não dedicar homenagens “dignas” a personalidades importantes é sinal de ingratidão, na qual o não reconhecimento dos grandes feitos se assemelha à quebra da retribuição. A questão da dádiva pode ser compreendida a partir da obrigação de dar (demonstrar distinção social pelo viés do investimento artístico nos túmulos), para garantir que o mesmo tratamento seja dado ao agente dessa ação quando morrer (retribuição).

O cristianismo se apropria muito bem desse tipo de mecanismo relacionado à dádiva, modernizando o conceito. CAILLÉ afirma que

(...) fomos obrigados a nos tornar modernos. O cristianismo teceu e constituiu tal aventura. Isso porque o que é o cristianismo senão, antes de mais nada, uma história de dádiva? (...) Pois, ao longo de quase dois milênios, foi com o objetivo de determinar o que Deus dá, com que grau de gratuidade (graça), a quem, como e por que, o que se deve dar em troca, que as mentes se contorceram em toda a Europa e noutras partes. (*op.cit.* p. 24)

A inserção do cristianismo no processo de significação da morte nos permite analisar alguns aspectos simbólicos relevantes sobre a morte no que se refere à sua representação imagética.

1.2 - Representações artísticas sobre a ideia de morte e sua relação com as práticas funerárias.

Para se compreender os aspectos vinculados à representação da morte e sua relação com as práticas funerárias, é pertinente constatar que os termos relacionados à palavra *imagem* (imaginário, imagético, etc.) derivam do termo latino *imago*⁶. Curiosamente, este termo possui uma estreita relação com a representação da morte, haja vista que etimologicamente, alguns usos do termo podem estar relacionados: “*Imago, – inis. subs. f. I – Sent. Próprio: 1) imagem, forma, aspecto (...). Daí: 2) retrato, representação (...). Por extensão: 3) Imagem, sombra (de um morto) (...). Donde: 4) Fantasma, visão, sonho (...). 5) Espectro (...)*”.

Segundo DEBRAY (1993), a própria construção da necessidade humana de criar a imagem tem origem na morte; as representações pictóricas, desde as mais antigas, remetem à tentativa humana de perpetuar aquilo que se teme perder, no intuito de resistir simbolicamente àquele mistério do fim da existência:

O nascimento da imagem está envolvido com a morte. Mas se a imagem arcaica jorra dos túmulos é por recusar o nada e para prolongar a vida. As artes plásticas representam um terror domesticado. Por conseguinte, quanto mais apagada da vida social estiver a morte, menos viva será a imagem e menos vital nossa necessidade de imagens. (p. 20)

O autor afirma que a ação humana de criar imagens carrega em si mesma um aspecto simbólico no qual a “domesticação do terror” se traduz em permanência da representação. Representar a morte, portanto, é uma forma de elaborá-la para significá-la e, assim, transferir essa significação para as práticas funerárias, principalmente a do sepultamento.

A morte, a princípio é indesejável, e portanto, é comum, nas mais variadas sociedades, a tentativa de negá-la, criando simbolismos para o vivente que, absorvendo uma ideia de morte, passa a esperá-la com medo, resignação e/ou esperança, pois aquele que vive sabe que a passagem da vida para a morte é ao mesmo tempo inevitável, mas traz consigo um imaginário que pode haver uma realidade melhor em um outro plano. Nesse sentido, ter à sua volta

⁶ Fonte: Dicionário Escolar Latino-Português, 1962, p. 467.

elementos visuais que remetam à morte, é um mecanismo que proporciona ao observador uma reflexão sobre a efemeridade da vida humana. Medo, esperança e resignação são sentimentos tão profundos, que se incrustam de tal maneira que podem ser expressas de maneira cultural e artisticamente, tal como as *danças macabras*, as pinturas sobre as almas do purgatório e a arte *vanitas*.

As danças macabras, no que se refere à sua representação artística, são ilustrações que se tornaram populares a partir de um afresco encontrado no Cemitérios dos Santos Inocentes, em Paris no século XV. No afresco, várias figuras humanas representando diversos membros da sociedade (clero, nobreza, militares, homens, mulheres e crianças) eram conduzidos por figuras cadavéricas cujo destino seria uma dança rumo à morte. Essas ilustrações possuíam características de *memento mori*, pois estava claro o caráter reflexivo das imagens, principalmente no que se refere ao caráter implacável da morte, no sentido de que ela não faz nenhum tipo de distinção social. Apesar de ter sido destruído em 1669, o afresco serviu por muito tempo como inspiração para várias outras expressões artísticas e literárias. O poema mais conhecido sobre *la danse macabre* é o de Guyot Marchant, de 1485. No poema, a morte literalmente conversa com seus “parceiros de dança”:

Morte: Logo você não terá mais nada dos bens deste mundo e da natureza.
 Bispo: é sobre você, apesar de sua prelatura. Seu destino é incerto. Você deve informar sobre seus assuntos;
 Para cada um deus fará a justiça.
 Ele não está seguro, aquele que sobe muito alto.

O bispo: Meu coração não pode se alegrar
 Notícias que a morte me traz.
 Deus vai querer que eu explique tudo;
 Isso é o que mais me desespera.
 O mundo também me conforta pouco,
 Aquele que deserdou no final.
 Ele segura tudo; Ninguém leva nada.
 Tudo é efêmero, exceto o mérito.

Morte: Venha, nobre senhor, que conhecia todos os passos da dança.
 Ontem você usou lança e escudo,
 E hoje você termina seus dias.
 Não há nada que não siga seu curso.
 Dance e siga o ritmo.
 Você não pode ser resgatado: ninguém pode fugir da morte.

O escudeiro: Desde que a Morte me prende entre suas amarras,
 Deixe-me pelo menos deixar-me dizer uma palavra:
 Adeus prazer, adeus voluptuosidade,
 Adeus as damas; nunca mais vou rir.
 Pense na alma que anseia pelo

Descanso e não se preocupe tanto com o seu corpo, que a cada dia se deteriora mais. Todos nós devemos morrer sem saber quando⁷.



Figura 1 - Gravura do trecho supracitado do poema de Guyot Marchant, publicada em 1485. Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/7/74/Danzas_de_la_muerte.gif (acessado em 24/11/2018)

As ilustrações do poema, inspiradas no afresco, trazem essa representação da morte baseada no macabro, na qual a mentalidade sobre o morrer se baseia, primeiramente na fatalidade e na inevitabilidade do evento. Para um dos maiores historiadores da morte, ARIÉS (2000),

A tendência para o realismo do retrato que caracteriza o final da Idade Média (como a arte romana) é um fato de cultura original e notável que se deve aproximar daquilo que dissemos, a propósito do testamento, da imaginária macabra, do amor pela vida e da vontade de ser, porque existe uma relação direta entre o retrato e a morte, como existe uma entre o sentimento macabro da decomposição e a vontade de ser mais. (p. 303)

Os ossos representam o estágio final da tanatomorfose, processo pelo qual o cadáver passa do corpo putrefato até a mineralização, quando sobram apenas os ossos, dentes e cabelos, saindo da condição de corpo identificável para sua condição genérica, na qual as referências de identificação praticamente desaparecem. Para ARIÉS (*op cit*, p. 133), o macabro medieval detinha-se no esqueleto, pois esse elemento representa “o cadáver que já não é”. Diante disso, essas representações da morte visam ser edificantes sobre a conduta levada em vida, a fim de superar o terror de seu fim, pois o esqueleto é um cadáver anônimo, no qual sua individualidade

⁷ Fonte: http://www.lamortdanslart.com/danse/France/Paris/dm_paris06.htm. Acessado em 24/11/2018.

física se desfaz e se torna igual a todos os outros corpos que passaram por esse processo. Segundo TALAMONI (2012),

Os mortos desaparecem com seus restos, e é a partir da angústia individual e coletiva perante esse futuro que se torna possível compreender o que as sociedades fizeram com os seus, ao longo da história. O cadáver é, portanto, o resultado de transformações orgânicas que fazem do corpo vivo um corpo morto, bem como de uma árdua tarefa intrapsicológica que consiste no processo de ressignificação da identidade do defunto. (p. 15)

Entretanto, a reflexão sobre as atitudes diante da morte pelo viés da arte não se resume somente ao terror representado pelo macabro. Algumas obras renascentistas inserem em suas apresentações elementos importantes como as alegorias do Céu e do Inferno, mas uma representação em particular merece destaque que é a representação do Purgatório. O Purgatório é um estágio “intermediário” entre os dois extremos que aguardam os mortos, oficializado pela Igreja Católica pelo Concílio de Trento durante o século XVI. A relevância dessa crença estritamente católica se dá pelo fato de que sua representação é seminal no que se refere às práticas funerárias: a crença de que as almas ainda podem ser salvas após a morte incentiva os fiéis a lembrarem de seus mortos nas missas, haja vista que a eucaristia é um sacramento de purificação dos pecados para os vivos e para os falecidos que forem sufragados pelos seus entes mais próximos⁸. VOVELLE (1997) ao fazer uma análise sobre a iconografia dos afrescos que ilustram as almas do purgatório e o imaginário sobre essa instância da morte, percebe a proximidade que esse local intermediário de expiação dos pecados possui muito mais com o Inferno do que com o Paraíso. A presença do fogo, cujas chamas envolvem as almas remetem à urgência de se pensar na salvação delas. Uma das principais obras artísticas sobre o tema é *O coroamento da Virgem*, de Engerrand Quarton, de 1454. Essa pintura possui uma estreita relação com as práticas funerárias relacionadas ao sepultamento, considerando que ela decora uma capela funerária. Segundo CAMPOS, A. A. (2015 p. 238), *O coroamento da Virgem* se encontra na capela funerária na qual está sepultado o papa Inocêncio VI, altar privado situado no *Monastère de la Grande Chartreuse de Villeneuve-les Avignon*. Como é possível observar

⁸ Sessão XXV do Concílio de Trento, parágrafo 983: *Já que a Igreja Católica, instruída pelo Espírito Santo, apoiada nas Sagradas Letras e na antiga Tradição dos Padres, ensinou nos sagrados Concílios e recentemente também neste Concílio Ecumênico, que existe purgatório, e que as almas que nele estão detidas são aliviadas pelos sufrágios dos fiéis, principalmente pelo sacrifício do altar, prescreve o santo Concílio aos bispos que façam com que os fiéis mantenham e creiam a sã doutrina sobre o purgatório, aliás transmitida pelos santos Padres e pelos Sagrados Concílios, e que a mesma doutrina seja pregada com diligência por toda parte.* O termo *sacrifício do altar* se refere à Eucaristia. Fonte: <http://www.montfort.org/bra/documentos/concilios/trento/#sessao25> (acessado em 24/11/2018).

na imagem a seguir, o purgatório se assemelha com o Inferno, ou como afirma VOVELLE (*op. cit.*, p. 237), um “pseudo-inferno”.

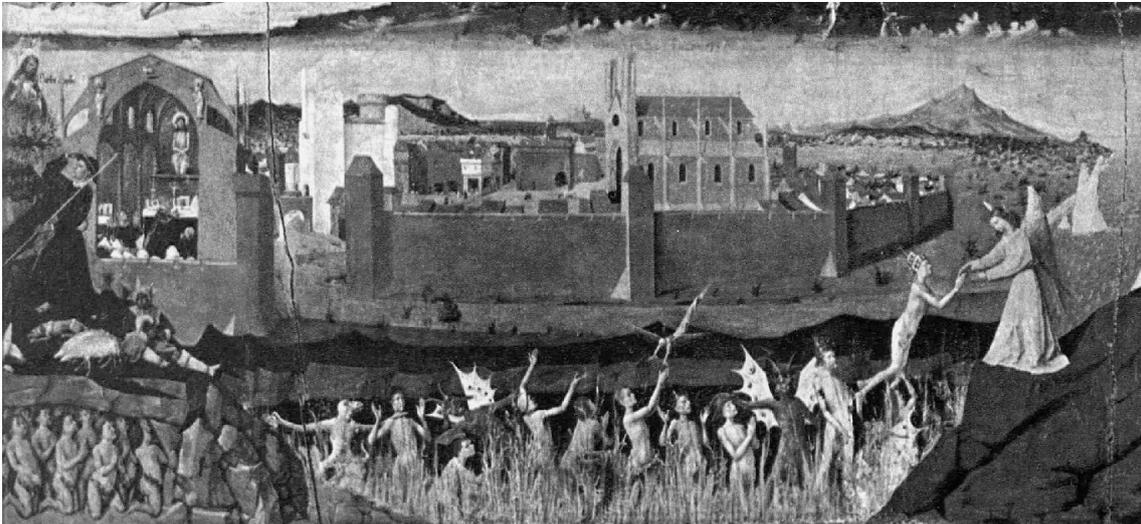


Figura 2 – Detalhe da pintura de Engerrand Quarton, *O coroamento da Virgem*, no qual algumas almas conseguem ser levadas do purgatório com a ajuda de um anjo. Nota-se algumas figuras demoníacas na composição, que aproximam a imagem do Purgatório com a do Inferno.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Enguerrand_Quarton_-_A_Coroo%C3%A7%C3%A3o_da_Virgem_-_detalhe_5.jpg

A Idade Média desenvolveu diversas mentalidades sobre a morte através de suas obras artístico-religiosas que tem em suas ilustrações figuras impactantes ou macabras. Posteriormente, o peso de tema que recaía sobre a mentalidade da morte passa a adquirir outras características, cuja reflexão não reside tão incisivamente sobre os aspectos teológicos ou religiosos, mas sobretudo filosóficos, como podemos observar na arte *vanitas* e na obra de Gustave Courbet *Enterro em Ornans*.

As *vanitas* foram pinturas muito populares no final do século XVI ao início do século XVIII, do estilo “natureza morta”, nas quais os objetos retratados geralmente são acompanhados de crânios, numa referência à brevidade da vida diante da vaidade (do latim, *vanitas*). Dessa forma, esse tipo de arte representativa da morte passa a ser um *memento mori*, assim como os encontrados nas entradas dos cemitérios. Segundo WITECK (2012),

A *vanitas* tradicional é uma espécie de categoria de *memento mori*, ela é o *memento mori* em forma de natureza-morta, que, além de lembrar a fugacidade da vida, confronta este fato implacável com a insignificância das vaidades mundanas e o faz através da representação de objetos simbólicos. (p. 25)



Figura 3 - Philippe Champaigne
Vanitas Natureza-Morta com Tulipa e Ampulheta, metade do século XVII.
Museu de Tessé, Le Mans - França

Apesar de se ter como tema o crânio e os ossos como referência à efemeridade da vida e de seus prazeres diante da morte, esses elementos convidam o observador não a uma conversão religiosa pelo viés do medo, mas sim a uma reflexão sobre as atitudes diante da vida, antes que o evento final interrompa um modo de vida fútil baseado na vaidade. Um *memento mori* menos confessional do que as representações medievais e mais realista, assim como a obra de Gustave Courbet, *Enterro em Ornans*:



Figura 4 - Gustave Courbet, *Enterro em Ornans*, pintura à óleo, 1850. Museu de Orsay, Paris. Fonte: <https://artsandculture.google.com/asset/a-burial-at-ornans>. Acesso em 24/11/2018.

A pintura de Courbet causou repulsa quando apresentada, pois representava um cenário relacionado ao um enterro, repleto de diversas figuras, entre elas crianças, pessoas de altos

cargos, e até um cão. Além disso, a fealdade dos personagens na composição também foi criticada. Tratar de cenas como essa dando proporções épicas (o quadro possui 6680mm x 3150mm) a um evento de caráter intimista, ou corriqueiro, não era usual para a época. Segundo PIERRON,

E, de fato, "O enterro em Ornans" varre a hierarquia das representações. Ele eleva a experiência do funeral a um palco digno das cenas super-representadas do academicismo de David com seu famoso "Rito do imperador Napoleão". Courbet não cessará de desdobrar sua lição: vamos representar o peso de nossas representações, já que para os homens a morte é objeto de representações! A "ob-scena" entra em cena com Courbet que acompanha, expõe, o campo externo do campo social relacionado à morte. (2008, p. 99)

Pierron destaca a importância das representações sobre a morte, particularmente as relações que elas estabelecem com a forma com as quais lidamos com os rituais funerários; no caso da pintura de Courbet, o enterro rural. Expor esse tipo de situação possui um caráter edificante e pedagógico, pois leva o observador a pensar no evento morte como algo não idealizado, mas com seus aspectos mais realistas. A obra de Courbet é relevante para compreender as mudanças que permeiam o processo de resignificação apontados neste trabalho pois é a partir do século XIX que uma visão mais racionalizada sobre a morte começa a se desenvolver. Nesse contexto, uma outra representação (não-artística) é inserida nas formas como a morte é representada e aprofunda ainda mais esse tipo de ilustração no que se refere às práticas funerárias. Trata-se das fotografias mortuárias e fotografias *post-mortem*.

1.3 – Fotografias mortuárias e fotografias *post-mortem*: referências indiretas e diretas sobre a morte e as práticas funerárias.

O contexto de ilustrar a morte, conforme observado, tem como efeito um certo sentimento de incômodo sobre as atitudes diante da morte. Esse sentimento, antes alegórico ou filosófico pelo viés da arte, com o advento da fotografia passa ser representado de maneira mais indireta ou direta. A fotografia pode ser utilizada como elemento indireto na representação da morte e das práticas funerárias, quando utilizadas para dar identidade aos falecidos em seus jazigos (fotografia mortuária), e um elemento direto quando essa ferramenta é utilizada para fotografar os mortos na sua condição de cadáveres (fotografia *post-mortem*)⁹.

⁹ Vale ressaltar que a representação direta de um cadáver pela imagem tem suas raízes em outra prática funerária, mais antiga, que é a *máscara mortuária*, na qual o rosto do cadáver servia de molde para preservar sua imagem,

As fotografias mortuárias são recursos de imagens utilizados para representar a aparência do morto em um determinado momento de sua vida. São fotografias muito utilizadas nos túmulos e nas lembranças de missa de sétimo dia de falecimento, praticado principalmente pela Igreja Católica. Ou seja, essas fotografias, colocadas em seu contexto, trazem consigo uma mensagem diferente de qualquer outra, caso a foto estivesse num álbum de família. A fotografia mortuária, em geral, é um ato de negação da morte, para que os vivos se lembrem do falecido apenas quando vivo, e não na sua condição de cadáver. Essas imagens *simulam* a presença e a vida, da pessoa que faleceu, no intuito de criar uma condição favorável ao cultivo da memória, da lembrança e do alívio causado pela dor da perda. Essas fotografias, em geral, apenas mudam de contexto no momento em que foram tiradas para serem utilizadas sob nova perspectiva. Na tentativa de amenizar a dor do luto, as famílias geralmente procuram escolher as melhores fotos de seus mortos para esse fim; a dor repousa no ato da escolha, no sentimento da ausência, da saudade e se transfere àqueles que as guardarão como lembrança. No entanto, esse cultivo íntimo da memória será apagado pelo tempo, quer seja pela simples durabilidade do material utilizado, quer seja pela passagem do tempo e, ironicamente, pela morte que virá também dos que guardaram tais lembranças. No sentido de transcender essa possibilidade, as fotografias mortuárias são impressas nas lápides, para que deixem de ser lembranças íntimas e possam se tornar lembranças públicas, na qual qualquer observador possa identificar, associado aos nomes colocados naquele memorial, de quem se trata naquele túmulo, podendo causar diversos tipos de sentimentos a quem observar tais imagens, mesmo àqueles que sejam desconhecidos do morto, como no caso do conto de Lima Barreto. De modo geral, não passa despercebida aos olhos de quem transita em um cemitério as fotografias dos falecidos, principalmente quando estas contrastam com o que concebemos como transição *normal* da vida para a morte: a não ser que se tenha alguma relação com o falecido, as fotografias mortuárias de pessoas idosas não causam maiores sentimentos de consternação, ao contrário de quando se observa essas fotografias de pessoas jovens, e sobretudo crianças. Ou seja, o apelo emocional que uma fotografia mortuária causa em seu observador, é diametralmente oposto ao que consideramos como a trajetória comum, na qual idosos estão mais próximos da finitude e crianças estariam mais distantes, quando, em tese, todos os grupos etários estariam expostos ao mesmo risco de morrer. Imprime-se nessas imagens, uma *artificialidade* da vida perante a morte, simulando

dedicada principalmente a figuras notáveis. GINZBURG (2000) em seu ensaio sobre a “representação”, destaca, entre outras características, o caráter de “substituição”, apontado por Gombrich, no qual *a substituição precede a intenção de fazer um retrato, e a criação a de comunicar* (p. 93). Nesse sentido, a máscara mortuária, que substituíra o rosto do falecido, foi substituída pela fotografia.

uma presença inexistente, porém necessária para os que vivem, sobretudo porque preenche o vazio causado pela perda, tentando substituir a visão aterradora do cadáver pela animação da imagem da pessoa ainda viva, estabelecendo uma sutil relação de comunicabilidade simbólica entre a morte e a vida. Segundo BELTING,

A autopercepção de nossos corpos (a sensação de que vivemos *em* um corpo) é uma pré-condição indispensável para a invenção dos meios, que podem ser chamados de corpos técnicos ou artificiais projetados para substituir corpos através de um procedimento simbólico. Imagens vivas, como levamos a crer, em seus meios, assim como vivemos em nossos corpos. Desde épocas antigas, os humanos são seduzidos pela comunicação com imagens como se fosse com corpos vivos, e pela aceitação daquelas como substitutas destes corpos. Em tal caso, na verdade, nós animamos seu suporte com o intuito de experimentar as imagens como se fossem vivas. Essa animação é a nossa parte no processo, assim como o desejo do nosso olhar é a parte do suporte em questão. (2005, p 306-307)

Essa relação entre o observador e a imagem mortuária pode ser ilustrada analogamente ao título desta tese por meio de uma fotografia mortuária muito peculiar no cemitério Père Lachaise em Paris: uma jovem portando uma máquina fotográfica em posição de fotografar. Não é possível notar se ela se autofotografa diante de um espelho ou outro fotógrafo capta sua imagem. No entanto, a situação é emblemática; ao ser criada essa imagem da lápide, ocorre uma espécie de *looping* no qual a imagem da pessoa morta *observa* a ação de quem a fotografa. Carolina Junqueira dos Santos, em sua tese de doutorado intitulada “O corpo, a morte, a imagem” que se dedica a analisar as fotografias memoriais e *post mortem*, descreve brilhantemente essa situação:



Figura 5 – Lápide no cemitério Père Lachaise, Paris. Arquivo pessoal de Carolina Junqueira dos Santos, presente na tese: “O corpo, a morte, a imagem”, p. 144.

A mulher me lança para dentro do espelho, com ela, no jogo das imagens. Eu a fotografo, ela me fotografa, vida e morte são postas em cena. Mas ela talvez me engane e não seja de fato um autorretrato, outra pessoa poderia ter-lhe fotografado o gesto de fotografar. Pouco importa. Hoje, o que me assombra é a capacidade dessa imagem de me projetar para dentro dela, de dizer: *you will die*, de me lançar em um *mise-en-abîme* de fotografias cujo fim será, necessariamente, o mesmo. *You are alive and you will die* – na fotografia, os corpos, vivos ou mortos, pertencem à mesma trama de desaparecimento. Na imagem da mulher agora morta que fotografa o vivo, uma nova *vertigem do Tempo esmagado* se produz, meu tempo vivo e presente misturado ao dela, o atual de seu estado morto e o passado da fotografia de uma mulher de carne e osso; mulher que se colocou na imagem, num dia perdido, imagem que agora ela faz de mim, viva ainda, por um tempo não margeado, não desenhado, como o dela antes da morte, interrompido. Agora ela me olha desse outro lugar vertiginoso, de lá faz de mim uma fotografia invisível, anuncia o meu corpo como corpo perdido, como o dela, corpo do qual restaram apenas cinzas, nome e imagem. (2015, p. 144)

Na situação descrita pela autora é possível notar essa complexa relação entre o observador e o observado. Mortos e vivos numa estranha interação. Porém, a salvaguarda dessa complexidade ainda tem em si um fator relevante para a descrição: o observador *sabe* que a “fotografia fotografada” é de alguém que já está morto, mas foi fotografado em vida, e essa imagem aplicada à lápide é que gera esse incômodo, ou seja, o contexto e a localização da fotografia é crucial para sua ressignificação. Aproveitando o ensejo dessa estranha relação, ainda existe a possibilidade de tornar ainda mais incômoda a representação dos mortos em fotografia, que é quando os mortos são fotografados literalmente, enquanto cadáveres, a chamada *fotografia post mortem*.

Todos os cadáveres fotografados são imagens *post mortem*, feitas durante cortejos fúnebres, em caixões, ou colocados sobre camas; são imagens que, apesar de causarem certo incômodo a quem vê, ainda carregam *em si* a literalidade da morte, pois o observador sabe que o que visualiza é a imagem de um corpo já morto. Contudo, existem determinados tipos de fotografias dessa categoria que se esforçam em aparentar algum sinal de vida, mesmo que em um cadáver, gerando uma imagem por vezes aterradora, pois os cadáveres em alguns casos estão “posando” com (ou como) os vivos. Tais registros fotográficos eram relativamente comuns na Europa do século XIX, os quais eram feitos por profissionais especializados nessa “arte macabra”. Todo um aparato logístico era utilizado para que o cadáver tivesse alguma verossimilhança com alguém vivo. Não raro também eram utilizados outros meios, como o retoque nas fotos, acrescentando algum rubor na face ou pintando os olhos como se estivessem abertos. Considerando a falta de acesso à fotografia devido ao custo elevado, muitas famílias

só conseguiam a oportunidade de fotografar seus familiares após a morte, o que gerava esse tipo de demanda. Vale ressaltar que por essa razão, levando em conta a alta mortalidade infantil dessa época, a grande maioria desse tipo de fotografia se reservava às crianças em três situações: no velório, posicionada como se estivesse viva, ou com uma foto retocada. Vale ressaltar que as fotografias *post mortem* de adultos no Brasil são raríssimas.



Figura 6 – Equipamento utilizado em cadáveres para fotografia post-mortem

Fonte: <http://img.historiadigital.org/2013/12/Foto-Post-Mortem-Producao-Estudio-600x450.jpg>

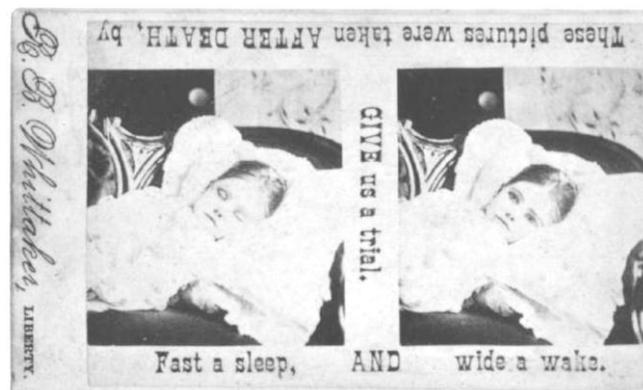


Figura 7 – Fotografia post-mortem retocada de criança. Fast Asleep and Wide Awake, EUA, c.1860 [The Burns Archive]. Fonte: Santos, Carolina Junqueira dos. O corpo, a morte, a imagem: a invenção de uma presença nas fotografias memoriais e post-mortem (tese de doutorado). Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes. 2015.



Figura 8 - Cadáver de menina preparado em fotografia post-mortem. Olga Marcondes de Matos. 1895. Fotografia de De Nicola. Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo. Fonte: VAILATI, Luiz Lima. As fotografias de “anjos” no Brasil do século XIX. Anais do Museu Paulista. São Paulo. v.14. n.2.p. 51-71. jul.-dez. 2006.

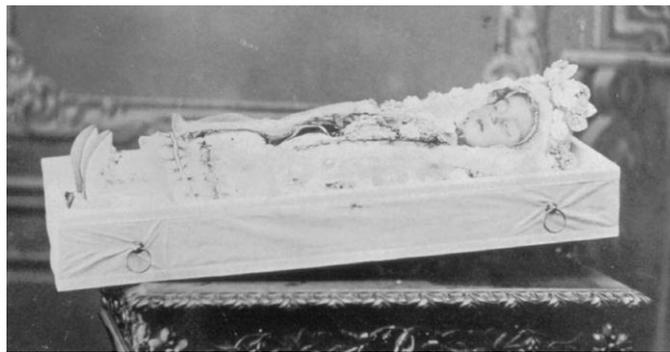


Figura 9 – Fotografia post-mortem de bebê depositado em caixão. Sem título. 1865. Fotografia de Militão Augusto de Azevedo. Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo. Fonte: VAILATI, Luiz Lima. As fotografias de “anjos” no Brasil do século XIX. Anais do Museu Paulista. São Paulo. v.14. n.2.p. 51-71. jul.-dez. 2006.

O progressivo desaparecimento desse tipo de prática funerária sinaliza as mudanças pelas quais a morte é representada nos tempos atuais, no qual os mortos não são mais fotografados tal como estão. No entanto, a preparação dos corpos para esse tipo de prática funerária em muito se assemelha às atividades desenvolvidas pelos tanatopraxistas, profissionais especializados em “embelezar” cadáveres, tornando-os “apresentáveis” para os velórios¹⁰. Mesmo diante da evolução da captação de imagens e da facilidade em edição das mesmas, a memória relativa aos cadáveres não mais ocorre como nos dois últimos séculos, demonstrando que o contato entre vivos e mortos vai gradativamente se modificando, dando

¹⁰ As atividades profissionais relacionadas às práticas funerárias, como a tanatopraxia, serão abordadas no capítulo IV.

lugar a novos meios de se lidar com a finitude e com os finados. Para compreender essa mudança nos aspectos simbólicos da morte representada visualmente, é importante observarmos o principal cenário no qual esse simbolismo pode ser verificado: o cemitério.

CAPÍTULO II – O CEMITÉRIO: SUA CARACTERIZAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM AS PRÁTICAS FUNERÁRIAS

2.1 – O cemitério como cenário de representações.

Ilustrada em afrescos, quadros, fotografias e escritos, a morte se projeta de diversas formas para que seja representada, idealizada e assim, adquirir um papel de chamar à ação os seus observadores. Da representatividade ao fato consumado, a morte deixa explícita aos vivos a sua maior materialidade: o cadáver. A partir dessa materialidade associada à ideia de morte, resulta uma necessidade, que é a de destinar um local apropriado para corpos sem vida. Os mortos precisam de um lugar; e os vivos constituir esse local. Por necessidade ou conveniência, se oferece aos mortos sua “última morada”. Temos então as covas, os túmulos, mausoléus, ossários, etc. Uma vez constituído como o local dos mortos por excelência, o cemitério se configura como um local de cristalização dessa realidade, que através de sua composição e simbologia, mostrará as nuances da sociedade da qual ele faz parte enquanto cenário de representações. Essas nuances não são estanques, mas possuem uma dinâmica na qual as práticas funerárias estão inseridas. Observa-se que o ato de se enterrar os mortos nos cemitérios implicava, num primeiro momento, acrescentar à construção do jazigo adereços que carregassem consigo elementos simbólicos que expressassem determinados valores que permaneceriam por gerações. Contudo, o que é possível notar é que esse estilo de prática funerária não se apresenta nos dias atuais com a mesma riqueza de elementos de tempos anteriores. Cada vez mais, se percebe que os símbolos, alegorias e outros elementos visuais tão comuns em jazigos mais antigos estão sendo progressivamente substituídos por uma padronização dos túmulos, cada vez menos adornados, revelando uma nova forma de significação das práticas funerárias ao lidarem com o problema da morte.

Para compreender esse processo de mudança, é relevante compreender o contexto no qual os cemitérios e suas características simbólicas estão inseridos, elencando primeiramente os aspectos estéticos anteriores ao processo de ressignificação das práticas funerárias relacionadas à inumação.

Como já abordado anteriormente neste trabalho, a origem do termo *cemitério* tem sua raiz etimológica no grego: *koimeterion*, que designa o lugar onde se dorme, *dormitório*. A morte era vista como um sono, o “sono eterno”, ou o sono no qual, segundo a teologia cristã, um dia todos acordarão no Dia do Juízo. O que vale a pena frisar neste aspecto é o fato de que em sua origem a palavra não remete a um depósito de cadáveres ou algo semelhante, mas sim à ação

relacionada aos mortos, que ali *jazem*. Existe nesse conceito a semente para se poder compreender um dos aspectos mais importantes sobre a relação existente entre o significado da morte, os cemitérios e as práticas funerárias, que é o de acreditar que naquele local sagrado se reverencia o sono dos mortos, e não apenas os cadáveres. Essa atitude oferece sinais sobre a relação existente entre o culto “aos mortos” e o culto “à memória”. Nesse sentido, o cemitério é um espaço de resistência, de negação da ideia morte, no qual os vivos tentam solidificar sua aversão à não-existência de si e dos outros, numa tentativa de dar sentido ao “absurdo” que é o fim da vida. Para isso, se apegam às lembranças, dando destino aos cadáveres encobrendo uma dura realidade: a degeneração dos corpos, o apodrecimento do que antes era o receptáculo da vida daqueles que estiveram presentes. Assim, o cemitério é uma das formas de materialização da construção das histórias familiares, pois ela agrega fisicamente e proporciona visualmente elementos do passado no presente. Segundo CATROGA (2011),

Todo o signo funerário, explícita ou implicitamente, remete para o túmulo (*signo* deriva de *sema*, pedra tumular) através de uma sobreposição de significantes. E, neste jogo de negação da morte e da corrupção provocada pelo tempo, os signos são "dados em troca do nada segundo uma lei de compensação ilusória pela qual, quanto mais signos temos mais existe o ser e menos o nada. (...) Por isso, o túmulo e o cemitério devem ser lidos como totalidades significantes que articulam dois níveis bem diferenciados: um *invisível* e outro *visível*. E as camadas semióticas que compõem este último têm o papel de *dissimular* a degradação (o tempo) e, em simultâneo, de *simular* a não morte, transmitindo aos vindouros uma semântica capaz de individuar e de ajudar à *re-presentação*, ou melhor, à *re-presentificação* do ontologicamente ausente. (p. 39)

Para se poder compreender o sentido de se dedicar alguma homenagem e a construção física de um memorial às pessoas falecidas, é importante considerar que esse tipo de empreendimento visa dar materialidade para questões imateriais: para que se ritualize o fim dado aos cadáveres, observa-se primeiramente o respeito aos valores afetivos. Isso se deve ao fato de que o corpo, agora vazio, entrará em decomposição, e sua alma, que antes dava a esse corpo algum movimento, agora está ausente. Os corpos seriam como a última lembrança, a materialidade do último fio de memória para os vivos. Nesse sentido, o cadáver recebe as devidas homenagens para reforçar essa memória afetivamente consolidada. Segundo HERTZ (1970),

Muitas vezes foi observado, e com razão, o estreito vínculo entre a representação do corpo e a da alma. Esta conexão mental é necessária não só porque o pensamento coletivo está em seus começos concretos e incapaz de conceber uma existência puramente espiritual, mas especialmente porque apresenta um caráter profundamente motor e dramático. O grupo precisa de

ações que mantenham a atenção de seus membros, que dirigem sua imaginação em uma direção definitiva, o que sugere todas as crenças. Mas o assunto sobre o qual a atividade coletiva, que servirá de objeto aos ritos, será exercida após a morte, é naturalmente o corpo do falecido. A integração dos mortos na sociedade invisível será plenamente realizada apenas se o material permanecer unido aos dos pais. É a ação que a sociedade exerce no corpo que confere uma realidade plena ao drama que imagina sobre a alma. Assim, os fenômenos físicos que constituem ou seguem a morte, se eles próprios não determinam representações e emoções coletivas, contribuem para dar-lhes a forma definitiva que apresentam; eles trazem uma espécie de suporte material. A sociedade projeta no mundo à sua volta seus próprios modos de pensar e sentir, e este, por sua vez, os conserta, os regula e os limita no tempo. (p. 88)

As práticas funerárias constroem, num primeiro momento religiosamente, uma cultura da memória. Essa cultura é, em si, uma forma de significar a morte como um todo, pois ela sinaliza a passagem do tempo e cria uma necessidade tipicamente humana de “presentificar” o passado. O cemitério, enquanto estratégia de conservação de memória, fornece essa representação pela imagem, que segundo DEBRAY (1993), possui uma estreita relação com a morte, ou seja, representa-se algo pela imagem para que aquele momento ou aquele indivíduo não sejam esquecidos pela coletividade, pois, desaparecer da memória de um grupo seria o fim derradeiro. Nas palavras de BAUMAN (1992),

Os rituais comemorativos ensaiam a não finalidade da morte. Eles também representam a existência continuada da comunidade como o compromisso de superar, pelo menos por um tempo, a transitoriedade individual. Eles separam o momento da morte corporal do da morte social, tornando a segunda independente da outra e dotando apenas a segunda com o status de finalidade. (p. 52)

Para que essa “morte social” não ocorra, os ritos funerários e as práticas de sepultamento fazem dos cemitérios convencionais, no que tange ao seu aspecto funcional, museus rústicos, assim como já foram em sociedades mais antigas, as únicas referências do passado para o público do presente. Para compreender esse processo, consideramos que cemitérios mais tradicionais apresentam uma grande riqueza de elementos artísticos e arquitetônicos que servem como expressão do sentimento que a sociedade, de uma determinada época, possuía sobre o evento da morte: estátuas, lápides, tampas, estelas¹¹, painéis em alto e baixo relevo; a presença desses elementos mostra como o cemitério se impõe como cenário de representação social quando se lida com algumas práticas funerárias, particularmente a do sepultamento, cujos

¹¹ Assim como as lápides, as estelas contém informações sobre o morto, porém de maneira mais elaborada, feita em pedra e às vezes adornada com alguma escultura ou imagem sacra.

dispositivos funerários dão visibilidade a determinados grupos. Com um olhar mais cuidadoso sobre esses locais e signos, é possível compreender alguns traços da trajetória histórica pelas quais passaram esses lugares bem como a representação de mentalidades de uma determinada época.

Durante a Idade Média, a morte se apresentava como um evento intimista, de forte caráter valorativo, considerando a religiosidade e a mentalidade sobre o fim da vida. Isso se refletia na proximidade física e até mesmo geográfica entre os vivos e os mortos, haja vista que não raro, o enterro era realizado domesticamente (como se o túmulo fosse uma extensão da casa), mas principalmente, no interior das igrejas ou próximos a elas, dada a necessidade da proteção divina aos seus fiéis falecidos. Dessa forma, vivos e mortos estavam em contato próximo, pois o local do culto cotidiano dos vivos era o mesmo dedicado aos seus mortos. ARIÉS (2000, p. 45) dedica importante estudo sobre as variantes sociais da morte e o destino a ser dado ao cadáver, pois por muito tempo discutiu-se sobre o local apropriado para o morto. Tinha-se, com base no monopólio da Igreja sobre os bens religiosos, que o ideal para o cristão falecido seria o seu sepultamento em duas categorias principais: a primeira e mais importante, reservada a membros notáveis de uma sociedade, o enterro *ad sanctum* (com os santos), no qual o próprio templo seria uma espécie de túmulo coletivo. A segunda, reservada às pessoas menos influentes, o enterro *intra muros* (ao redor da igreja, mas dentro de sua área, de seus muros). Aos anônimos reservavam-se covas coletivas, tão anônimas quantos os seus ocupantes. Entretanto, esse tipo de prática funerária deixou de ser unânime, pois aspectos higiênicos, políticos e estruturais acabaram exigindo que os mortos tivessem seu próprio espaço, dando origem aos cemitérios fora dos limites da Igreja, mas não distante da sua influência. A visão cristã sobre a morte ainda era preponderante enquanto mentalidade. Segundo SIMMEL (1998),

Um dos maiores paradoxos do cristianismo é o de retirar da morte esta significação apriorística, colocando a vida sob o ângulo da sua própria eternidade. E isto não só porque promete uma continuidade após o último instante de vida na terra; mas também porque coloca o destino eterno da alma sob os conteúdos da vida: cada um mantém ao infinito a sua significação ética como causa determinante do nosso futuro transcendente, quebrando assim a sua própria limitação intrínseca. Nestes termos, a morte parece suplantada: primeiro porque a vida, esta linha que se estende no tempo, ultrapassa o limite formal do seu fim; mas também porque ela nega a morte, que opera através de todos os momentos da vida e os limita do interior; ela a nega precisamente em virtude das conseqüências eternas desses momentos singulares. (p. 179)

A influência do cristianismo para as práticas funerárias dedicadas ao sepultamento acaba por direcionar o posicionamento sobre a morte no sentido de negá-la. Órfãos da proteção dos templos, cabe aos vivos tentar trazer os elementos simbólicos da Igreja para representar suas visões de morte, transferindo para a posteridade a visibilidade de seus valores morais, éticos e religiosos que serão expressos através de símbolos, como se eles pudessem ser uma resistência à efemeridade da vida diante da morte. Simmel aponta uma alegoria que ilustra perfeitamente essa dinâmica da resistência simbólica contra a morte:

Somos como homens andando sobre um barco no sentido oposto ao seu curso: avançamos para o sul, mas o lastro que pisamos é levado junto conosco para o norte. O acoplamento destas duas direções em que nos movemos determina a todo instante a nossa situação no espaço. (*op. cit.* p. 179)

Pode-se observar, portanto, nas práticas funerárias e nas formulações dos dispositivos cemiteriais mais antigos, um esforço visual em comunicar aos vivos um conjunto de códigos, símbolos e linguagens um pouco mais duráveis do que a mera comunicação “aqui jaz”. Nesse sentido, podemos constatar que alguns aspectos importantes na composição iconográfica da morte nos cemitérios tradicionais são alegorias, ou seja, um conjunto de elementos visuais que expressam ou sintetizam determinadas ideias sobre a vida e a morte. BENJAMIN (1984) em seu trabalho sobre a alegoria e o drama barroco, cita um texto de Männling¹² sobre o tema:

Quem quisesse essa frágil cabana
Em que a miséria adorna cada canto
Abrilhantar com palavras razoáveis
Não diria nada de excessivo
Nem ultrapassaria os limites da verdade
Se dissesse que o mundo é uma grande loja
Um posto aduaneiro da morte
Em que o homem é a mercadoria que circula
A morte, extraordinária negociante,
Deus, o contador mais consciencioso
E a sepultura, um armazém credenciado. (p. 181)

Observa-se no trecho de Männling um exemplo de colocação alegórica: O mundo como passagem pela qual a vida se depara perante o fim derradeiro, na qual ela, a morte, ao levar os vivos para Deus, tem na sepultura a sua significação. Na concepção de Benjamin, a alegoria

¹² Johann Cristoph Männling, poeta e escritor alemão que viveu entre o século XVI e XVII. Fonte: Biblioteca Nacional Alemã. Informação disponível Em: <https://portal.dnb.de/opac.htm?method=simpleSearch&cqlMode=true&query=nid%3D129376361> (acessado em 24/11/2018)

não é uma mera ilustração por imagens, mas uma forma de expressão, tanto quanto a escrita. Trata-se de uma problemática sobre a distinção entre o símbolo e a alegoria, que o autor procura solucionar colocando que ambos os elementos desenvolvem funções de representatividade de ideias. Para ele, o barroco contribuiu como forma de sintetizar elementos de significação que o classicismo atribuía somente ao símbolo e não à alegoria, relegando a ela uma espécie de segunda categoria, menos importante. Assim como DEBRAY (*op cit.*) assinala a relação existente entre a imagem e a morte, BENJAMIN (*op cit.*) também situa a questão alegórica do barroco (e a alegoria como conceito) com a sua associação com o fim da vida:

Quanto maior a significação, tanto maior a sujeição à morte, porque é a morte que grava mais profundamente a tortuosa linha de demarcação entre a *physis* e a significação. Mas se a natureza desde sempre esteve sujeita à morte, desde sempre ela foi alegórica. A significação e a morte amadureceram juntas no curso do desenvolvimento histórico, da mesma forma que interagem, como sementes, na condição pecaminosa da criatura, anterior à Graça (p. 188)

Pode-se observar na análise do autor que, na relação entre natureza e morte há uma dinâmica de significação. Considerando que ambas “amadureceram”, conforme o texto, é possível perceber que a composição simbólica existente nos cemitérios pode refletir um processo de ressignificação das práticas funerárias, analisando o cemitério como um local de representação de ideias cuja visibilidade nos fornece elementos analíticos para compreender como as práticas funerárias se baseavam mais em aspectos simbólicos em outros tempos do que no presente. A iconografia cemiterial será o ponto de partida para a análise dessas transformações sobre como os vivos lidavam com seus mortos e com a ideia de morte. Nesse primeiro momento, observa-se que as práticas funerárias conferem visibilidade aos mortos pelo viés da inserção de elementos simbólicos nas edificações cemiteriais. Após essa observação, será possível verificar a gradativa ausência desses elementos na composição dos cemitérios, que é um dos sinais de que as práticas funerárias se encontram em um processo de ressignificação.

No Brasil, a maior parte dos cemitérios ainda guarda resquícios da tradição católica. São esses os cemitérios abordados nesse capítulo, que classificamos como cemitérios “convencionais” ou “tradicionalistas”. São cemitérios do século XIX e XX e trazem consigo uma grande riqueza de elementos visuais e textuais. Para se compreender as mudanças ocorridas nas práticas de sepultamento, é importante ressaltar a relevância iconográfica dos túmulos, mausoléus, capelas e do espaço cemiterial como um todo. Considerando que muitos desses elementos visuais são obras de arte cemiterial, e que possuem uma vasta diversidade de

correntes artísticas nesses locais, foram classificadas algumas categorias de signos tumulares, baseados mais na frequência com que aparecem nos cemitérios do que pela sua individualidade artística. Para isso foram observados *in loco* os seguintes cemitérios: Consolação, na cidade de São Paulo; São Francisco de Paula em Curitiba; São João Batista em Jacarezinho, PR; e Cemitério da Saudade em Ourinhos, SP.

Primeiramente, vale ressaltar algumas denominações relacionadas à composição dos dispositivos cimiteriais. Segundo GRASSI (2015, p. 10), a partir de sua pesquisa sobre o Cemitério São Francisco de Paula, é possível identificar pelo menos sete tipos de construções cimiteriais: sepultura, oratório, estela, jazigo capela, túmulo verticalizado, mausoléu e jazigo monumento, conforme a imagem a seguir:

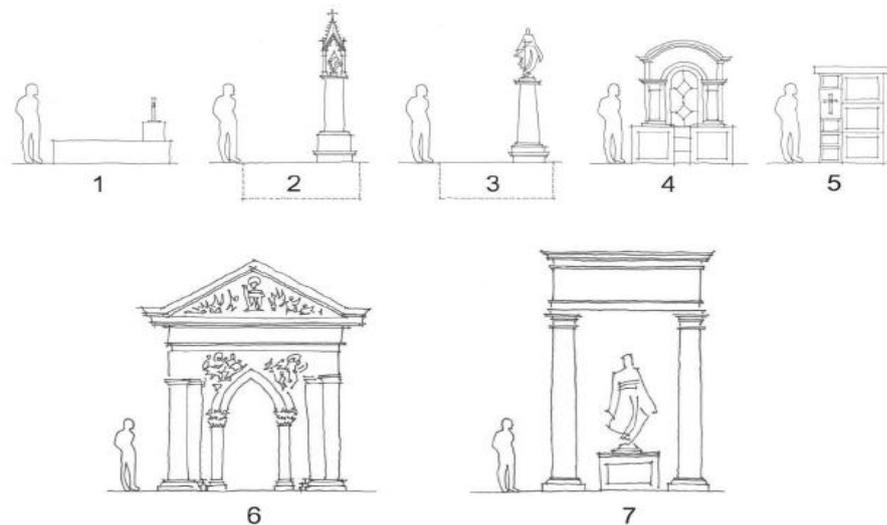


Figura 10 – Tipos de construções cimiteriais: 1 – Sepultura; 2 – Oratório; 3 – Estela; 4 - Jazigo Capela; 5 – Túmulo Verticalizado; 6 – Mausoléu; 7- Jazigo Monumento. Acervo: Clarissa Grassi.

É possível observar uma lógica de adensamento e de transição entre os modelos, nos quais os tipos 1, 2 e 3 remetem ao padrão “sepultura”, enquanto os tipos 6 e 7 apresentam estruturas arquitetônicas mais complexas e elaboradas. O tipo 4 demonstra a transição do modelo de “sepultura” para “mausoléu” enquanto o tipo 5 apresenta uma estrutura mais racionalizada e funcional. Essas estruturas apresentam em sua composição em maior ou menor grau um certo volume de símbolos, em geral proporcional ao tamanho de suas construções. Para melhor compreensão, classificou-se esses signos em três categorias: *antropomórficos*, *não-antropomórficos* e *textuais*.

A significação mais comum de ser observada nas práticas funerárias em cemitérios tradicionais é aquela relacionada ao enterro. Isso ocorre graças ao fato de que em geral, a

inumação em cemitérios mais antigos vem acompanhada pela inserção de vários elementos simbólicos, que possibilitam ao observador dos túmulos e mausoléus notar quais os valores sociais mais relevantes para aquelas famílias que ali enterram seus mortos. São inúmeros elementos iconográficos que aqui serão classificados de acordo com a frequência que ocorrem nesses locais, organizados basicamente em duas categorias, a primeira relacionada à figuras humanas e a outra a figuras que se baseiam em símbolos funerários.

2.2 – Iconografia cemiterial: Signos antropomórficos

Em diversos cemitérios, elementos simbólicos que remetem à forma humana são os mais frequentes e mais facilmente identificáveis, tais como santos, anjos, homens, mulheres, crianças. Apesar de nem todas as imagens serem de referência religiosa, a maior parte da presença desses elementos se dá graças à influência da Igreja Católica Apostólica Romana, que tem no culto às imagens dos santos uma de suas principais características. Dessa forma, as representações simbólicas com características humanas, mais presentes em cemitérios desse tipo, remetem principalmente a Jesus Cristo, A Virgem Maria, aos Anjos e às estátuas femininas. Na sequência é possível identificar os santos e as pranteadoras.

2.2.1– Jesus Cristo e a Virgem Maria: os ícones da religiosidade perante a morte

Juntos ou separados, é muito expressiva a quantidade de imagens de Jesus Cristo e da Virgem Maria presentes nos túmulos e mausoléus de cemitérios tradicionais. Símbolo de devoção, o culto ao Cristo católico é a promessa da vitória da vida sobre a morte, haja vista que a ressurreição e ascensão de Jesus aos céus é o fundamento de toda a fé cristã, particularmente a católica. Dessa forma, as imagens de Jesus em cemitérios geralmente remetem aos dois principais eventos de sua história: a morte e a ressurreição. Nesse sentido, de um lado encontramos imagens de Jesus ensanguentado, crucificado e morto; de outro, encontramos Jesus ressuscitado carregando em seu corpo as marcas da sua crucificação. Por sua vez, a imagem de sua mãe Maria, representada em cemitérios, traz uma forte referência à dor da mãe que perde seu filho, a *mater dolorosa*¹³, bem como as *pietás* demonstram o lado humano

¹³ Segundo HENRY (1913), A expressão latina *mater dolorosa* (a mãe que sofre) é uma referência a um hino sacro atribuído a Jacopone da Todi, no século XIII, “Stabat mater”, que se subdividia em *Stabat Mater speciosa* (a mãe permaneceu bela – relacionada às alegrias da Virgem Maria) e *Stabat Mater dolorosa* (a mãe permaneceu a sofrer - que trata da dor da Virgem Maria ao ver seu filho Jesus morto na cruz). O hino em questão serviu de inspiração

daquela mulher que apesar de ser a mãe do Salvador, sofre como qualquer mãe ao ver seu filho morto. É uma representação simbólica humana não somente quanto à forma, mas também à *humanidade* de uma figura tão importante para o imaginário católico. Segundo CARNEIRO (2012)

A pietá, ou a imagem da virgem Maria com Jesus nos braços, após este ter sido retirado da cruz, é uma das formas mais recorrentes de representação artística do sofrimento da Virgem Maria e muito comum nos cemitérios, por ser a representação mais próxima à finitude. Podem ser encontradas versões anteriores desta forma, como a Pietá de Villeneuve-lès-Avignon, de Enguerrand Quarton, pintada em 1455, mas a versão mais célebre de todas é a que foi esculpida em mármore pelo renascentista Michelangelo Buonarotti, em 1499 (...). As sutilezas da representação variam de acordo com a versão do artista, algumas imprimindo mais angústia à expressão de Maria, outras concedendo-lhe uma figura mais severa, como a de Michelangelo. É entretanto, subjacente a todas elas o sofrimento da perda. (p. 128)



Figura 11 - *Pietá*, localizada no cemitério municipal São João Batista em Jacarezinho, PR. (acervo do autor)

Outra alegoria comum em túmulos e mausoléus é a imagem de *Jesus batendo à porta*. De modo geral, observar esse elemento requer um pouco de atenção, já que no estatuário mais

comum a “porta” não está na composição da imagem; apenas Jesus com um cajado em uma mão¹⁴ (ou com a mão fechada como se o segurasse; algumas imagens perderam esse acessório com o tempo ou por atos de depredação) e a outra elevada à meia altura com o indicador dobrado num gesto comum de se bater à porta¹⁵.

É possível observar nesse simbolismo a referência à passagem da vida para a morte e da morte para a vida eterna, ao lado de Jesus Cristo, ou seja, os mortos ali enterrados atenderam ao chamado (pois Jesus bateu em suas portas) e se encontram ao lado de Cristo no reino dos céus. A porta é uma alegoria da morte, o marco que a separa da vida, tendo Jesus Cristo como intermediador e guia.



Figura 12 - Jesus batendo à porta. Cemitério São João Batista em Jacarezinho, PR. (acervo do autor)

¹⁴ A presença do cajado na mão de Jesus é uma referência à sua condição de pastor, na qual os cristãos são as ovelhas. Dessa imagem deriva o culto a Jesus como “o bom pastor”. Essa alegoria é uma referência ao Evangelho de João, Capítulo 10, versículo 11: *eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas*. O autossacrifício de Jesus, teologicamente, o coloca nessa posição, expressa nessa imagem.

¹⁵ Essa imagem é uma referência ao Livro do Apocalipse, Capítulo 3, Versículos 20 e 21: *Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e me abrir a porta, entrarei em sua casa e cearemos, eu com ele e ele comigo. Ao vencedor concederei assentar-se comigo no meu trono, assim como eu venci e me assentei com meu Pai no seu trono*.

É importante ressaltar que dois símbolos que compõem a imagem muitas vezes se encontram ausentes em determinadas sepulturas ou mausoléus. A porta e o cajado, quando não aparecem, desconfiguram o sentido atribuído ao todo dessa estrutura, exaltando apenas a imagem de Jesus, que acaba por se apresentar mais no sentido de devoção do que intenção de se expressar uma ideia sobre a vida após a morte para o cristão católico.

2.2.2 – Anjos: a juventude que guarda os mortos

Os anjos, segundo a tradição religiosa, estão presentes em diversas denominações: islamismo, judaísmo e cristianismo tem em seu repertório simbólico e em seus livros sagrados a presença dessas criaturas celestiais, que em suma representam a vontade de Deus destinada aos homens. O que difere a presença e o culto aos anjos entre essas religiões é que apenas o catolicismo utiliza representações simbólicas dos anjos em forma de imagens em seus templos e locais sagrados; incluído entre esses lugares está o cemitério. A relação simbólica entre os anjos e significação da morte reside na crença de que são os anjos aqueles que recebem e conduzem a alma dos mortos ao destino desejado por todos aqueles que creem: o Paraíso.

Diferentemente dos demais signos antropomórficos, que podem confundir o observador sobre a identificação da imagem, se é de um santo, santa ou imagem não-sagrada, os anjos são identificáveis ao primeiro olhar: a presença das asas em suas costas é a marca indelével de sua representação divina antropomorfizada¹⁶. Uma das mais ricas classificações angelicais é atribuída a Pseudo-Dionísio¹⁷, uma das principais referências do catolicismo no que se refere aos anjos. Em sua obra *Hierarquia Celestial*, esse autor define a particularidade das asas angelicais:

É por isso que as Escrituras colocam asas nos pés das santas inteligências, pois as asas significam uma rápida elevação espiritual, uma elevação celeste, uma progressão para o alto, uma ascensão que libera a alma de toda baixeza; A leveza das asas simbolizam a ausência do que é terrestre, mas se erguem de uma maneira perfeitamente pura e sem peso para cima; os pés descalços sem sapatos significa que são livres, soltos, enviados e puros relativos a toda suprafluidez das coisas externas, e que é possível, entretanto, conformar-se à simplicidade divina. (PSEUDO-DIONISIO, 2010, p. 36)

¹⁶ Segundo o *Diccionario de los símbolos*, CHEVALIER (1986) afirma que *os anjos são seres puramente espirituais, ou espíritos dotados de um corpo etéreo, aéreo; mas só podem tomar dos homens as aparências.* (p. 98)

¹⁷ Segundo BRANDÃO (2014, p. 146) Pseudo Dionísio, o Areopagita, foi provavelmente um autor do início do século VI d.C., tratadista e filósofo neoplatônico grego, convertido ao cristianismo. Tentou conciliar diversas tradições culturais e filosóficas com o cristianismo e se faz passar por Dionísio (personagem do século I d.C.), este convertido pelo apóstolo Paulo no Areópago ateniense, que se tornou o primeiro Bispo de Atenas



Figura 13 - Imagem de anjo na entrada do Cemitério Municipal de Ourinhos. (acervo do autor)

As imagens de anjos em cemitérios possuem duas categorias principais: na primeira, os anjos são figuras antropomórficas jovens, (a velhice, ou características simbólicas de maturidade, como uma barba, inexistente nas imagens angelicais) e na segunda os anjos com feições infantis, denominados *putti*¹⁸. Os *putti* são uma espécie de amálgama simbólico que reúne a iconografia do Eros infantil com o anjo católico. Segundo ARIÉS (1986), no fim do século XVI o motivo dos *putti* foi utilizado *ad nauseam* na pintura. Sobrepujando os belos e joviais anjos.

O século XVII não pareceu cansado do tema, quer em Roma, Nápoles ou em versalhes, onde os *putti* ainda conservavam o nome *de marmousets*. A pintura religiosa tampouco escaparia deles graças à transformação do anjo-adolescente medieval em *putto*. Com exceção do anjo da guarda, de agora em diante o anjo não seria mais o adolescente que ainda se vê nas telas de Botticelli: ele se transformara num pequeno Eros nu, mesmo quando também para satisfazer o pudor pós-tridentino, sua nudez era encoberta por nuvens, vapores ou véus. (p. 62)

Se esses anjinhos foram utilizados massivamente nas pinturas renascentistas, pode-se dizer que essa frequência se projetou também nos cemitérios tradicionais. Os *putti* são

¹⁸ A palavra *putti* é o plural da palavra latina *putus*, “rapazinho, menino”. (dicionário escolar latino-português, p. 819)

incontestavelmente a grande maioria na composição dos túmulos e mausoléus: ora como acessórios, decorando o entorno do jazigo, ou ao lado de figuras maiores como os santos, e em alguns casos, se apresentam como figuras centrais. Esses anjos também são muito frequentes em jazigos que possuem crianças enterradas, numa nítida referência à inocência da criança que ao morrer é tratada como tal. *Um anjo que esteve em nossas vidas, Deus receba nosso anjo, Aqui jaz o anjo....* são frases presentes em alguns epitáfios. Na maioria dos casos, o *putto* mais presente é o conhecido “anjinho espreme limão”.



Figura 14 - Escultura em mármore de um *putto*. Cemitério São Francisco de Paula, Curitiba. (acervo do autor)

Além das figuras angelicais jovens e infantis, também é comum os anjos serem representados com características predominantemente femininas. Teologicamente, os anjos não possuem sexo; porém nas suas representações, suas feições tendem muito mais à feminilidade do que à masculinidade, que se torna no mínimo difusa, pois os olhares austeros e as longas barbas dos profetas e santos são contrapostos por traços finos, cabelos longos e túnicas justas ao corpo, algumas vezes até mesmo com a presença de seios. Segundo MARQUES (2014),

Datando também do início do século XX aparecem as figuras femininas na forma de anjos, onde o atributo feminino é acrescido ao religioso ou dada ênfase a determinado sentimento. São as alegorias da ressurreição, alegoria da saudade, alegoria da desolação e alegoria da esperança. São formas dramáticas de anjos, onde a alegoria da ressurreição geralmente é representada com uma das mãos indicando para o alto e a outra indicando para baixo, podendo portar flores ou uma trombeta. (p. 11)



Figura 14 – Anjo com características femininas. Cemitério São Francisco de Paula, Curitiba. (acervo do autor)

A presença dos “anjos femininos” nas necrópoles evidencia a relação existente entre a representação da mulher na sociedade, bem como sua relação com o seu papel social diante da morte, refletida também em outras alegorias femininas em cemitérios.

2.2.3 – As pranteadoras e a representação iconográfica do feminino

Entre signos antropomórficos sacrais e não-sacrais, a proeminência das figuras femininas nas necrópoles é evidente. A forma como as mulheres são representadas diante da morte, agrega diversos elementos importantes sobre esse tipo de representação, considerando que tais elementos podem também contribuir para a análise sobre a significação e ressignificação das práticas mortuárias nos cemitérios brasileiros.

São inúmeras as representações das mulheres como símbolos de diversos aspectos da vida (e da morte) humana. De olhares piedosos a severos, da sensualidade ao recato, existem alguns valores atribuídos quase que exclusivamente, às mulheres no que se refere às alegorias, tais as como as da piedade, serenidade, acolhimento, saudade e o luto. Em suma, a religião e a

arte no cenário da representatividade do gênero feminino ainda carregam em si reminiscências que atribuem à mulher um papel passivo. Dessa forma, um item de representação do feminino e sua relação com a morte, muito frequente em cemitérios, é a imagem das pranteadoras. Nessas alegorias, a mulher é representada em posição de pesar, de choro (pranto), agregando sobre a imagem da mulher como a “guardiã” da dor da perda. Segundo CARVALHO (2009),

A recorrente figura da mulher ao pé do túmulo condiz com a condição feminina de guardiã da moral e da família, tão enaltecida pelo período positivista. A mulher aparece em uma postura lamentosa porque cabia a ela o zelo, o cuidado, o carinho, as lidas internas – dos cuidados para com a casa, o marido os filhos. A mulher está ligada a um ambiente intimista, tal como a casa ou o cemitério, lugar de território restrito e demarcado. Assim, talvez, o túmulo ao ser visto como a última morada necessite deste “anjo” para guardá-lo. A mulher assume literalmente o papel do anjo da guarda não só da família, mas também do túmulo. (p. 108-109)



Figura 15 – Pranteadora, Cemitério Municipal de Ourinhos, SP (acervo do autor)

Nota-se que simbolicamente a pranteadora traz consigo a viuvez como um valor no qual a mulher desempenha um papel de passividade diante da morte. Um exemplo relacionado à imagem cemiterial que ilustra essa relação atividade-passividade entre o homem e a mulher é a estátua “Último Adeus” de Alfredo Olini, localizado no Cemitério São Paulo, no bairro de Pinheiros, na cidade de São Paulo. Segundo MARTINS, J. (2012), a escultura é uma homenagem póstuma de uma esposa ao marido, falecido antes dela.

Mas a grande e emocionante celebração do amor nos cemitérios da cidade de São Paulo é a escultura *Último Beijo*, de Alfredo Oliani, no túmulo de Antonio e Maria Cantarella, no Cemitério São Paulo. Maria, que faleceria em 1982, dez anos mais moça do que o marido, falecido em 1942, pedira ao escultor uma obra que expressasse com clareza seus sentimentos em relação ao marido morto, o que também manifestou no escrito que acompanha a escultura: "Ó Nino, meu esposo, meu guia e motivo eterno de minha saudade e de meu pranto. Tributo de Maria." Na escultura, um homem em pleno vigor e cheio de vida beija, no estertor da paixão, a mulher morta.



Figura 16 – “O último adeus”.

[http://2.bp.blogspot.com/_mFsRP-5668g/S-S1O_bYtPI/AAAAAAAAAGs/CqKaHKC9gXc/s640/02-+Ultimo+Adeus-S.Paulo+\(3\).jpg](http://2.bp.blogspot.com/_mFsRP-5668g/S-S1O_bYtPI/AAAAAAAAAGs/CqKaHKC9gXc/s640/02-+Ultimo+Adeus-S.Paulo+(3).jpg). Acessado em 25/02/2017.

É possível observar nessa escultura a morte iminente despertando no homem um sentimento de desespero em dar o último beijo em sua amada. Associando a história da escultura e considerando que a viúva encomendou o objeto de arte após a morte do marido, observa-se que mesmo sendo a esposa a sofrer a dor da perda, ela prefere ser representada como morta e o marido como o viúvo. A relação entre esse objeto de arte e a cultura da memória evidencia a dicotomia entre o masculino e o feminino como símbolos ativos-passivos, principalmente no que se refere à viuvez, que apesar de não ser objeto deste trabalho, mas devido a sua relação íntima com a morte, coloca em destaque a maneira como os papéis sociais atribuídos à viuvez feminina são colocados de forma a crer que à viúva cabe o recato, a resignação e até mesmo o claustro. Segundo POSSAS (2010)

Portanto, a viúva e a viuvez tornaram-se termos assumidos como abstrações de cunho universalista que, indiferentemente utilizados, permitiram múltiplas interpretações no âmbito das discussões e debates políticos como algo dado, residual cristalizado pela cultura ocidental, como aquilo que ficou em desamparo, em abandono, que poderia ser reutilizado sem compromisso com a existência de indivíduos concretos. [...] Logo retomando o sentido formal e jurídico como a perda de um dos cônjuges, a viuvez permanece normatizada por discursos, por instituições e pelo cotidiano da sociedade burguesa, desconsiderando, no entanto, a dimensão subjetiva da presença de sujeitos

específicos, com distintas identidades ali encarceradas, submersas na representação da morte, do trajar preto, do luto e da reclusão. (p. 88-89)

O luto feminino, aqui particularmente relacionado à viuvez, demonstra que essa atribuição à viúva como cuidadora, reflete como as práticas funerárias recaíam com maior ênfase sobre os ombros da mulher; no imaginário coletivo sobre as mulheres presentes no cemitério, elas possuem uma “visibilidade invisível”: estão presentes simbólica e alegoricamente, contudo não relacionadas a valores ativos e proeminentes, mas sim como sofredoras, piedosas e passivas diante do fim e da dor inevitáveis que a morte representa.

2.3 – Signos não-antropomórficos

Foram classificados como signos não-antropomórficos os símbolos utilizados em cemitérios que não possuem características relacionadas a figuras humanas. Inseridos de forma mais sutil, esses detalhes são mais difíceis de serem identificados à primeira vista.

A frequência com que esses signos se apresentam nos cemitérios é proporcional à idade dos jazigos e dos cemitérios: quanto mais antigos, maior é o seu número; quanto mais novos, menor é a quantidade. Essa tendência ao desaparecimento de símbolos funerários nos jazigos e cemitérios mais recentemente construídos será analisada mais adiante. Apesar dessa diminuição considerável de jazigos decorados com motivos mortuários, os que ainda apresentam esses símbolos possuem uma grande variedade de elementos em sua composição, que foram classificadas em três subcategorias para melhor compreensão: objetos, plantas e animais.

2.3.1 – As virtudes teológicas: fé, esperança e caridade

As virtudes teológicas são valores determinados pela Igreja Católica Apostólica romana que tem por objetivo traçar algumas diretrizes morais aos fiéis. Determinadas pelo Vaticano, no “Catecismo da Igreja Católica”¹⁹, as virtudes teológicas são classificadas em três: fé, esperança e caridade:

Parágrafo 1813 - As virtudes teológicas fundamentam, animam e caracterizam o agir moral do cristão, Informam e vivificam todas as virtudes morais. São

¹⁹ Documento oficial assinado pelo Papa João Paulo II, o livro “Catecismo da Igreja Católica” é um documento que descreve as diretrizes essenciais da Igreja, incluindo as Virtudes Teológicas.

infundidas por Deus na alma dos fiéis para os tornar capazes de proceder como filhos seus e assim merecerem a vida eterna. São o penhor da presença e da acção do Espírito Santo nas faculdades do ser humano. São três as virtudes teologais: fé, esperança e caridade.²⁰

A primeira virtude teologal é representada pelo objeto mais frequente encontrado em cemitérios: a cruz. Símbolo do martírio de Jesus Cristo, esse elemento traz consigo em primeiro lugar a significação da morte, mas sobretudo a ressurreição de Jesus quando é representada vazia ou adornada com um tecido. Outra virtude é a Esperança, que segundo LEITE (2008), *É segunda das virtudes teologais. Ela é o último recurso que resta a alguém e seu símbolo representativo é a âncora. Sua expressão é de calma voltada para a tristeza.* A terceira é a caridade, representada por um coração.

A presença dos signos das virtudes teologais em cemitérios costuma aparecer isoladamente. Analisando a frequência com que aparecem, em primeiro lugar temos a cruz, em segundo o coração e em terceiro a âncora. A representatividade desses elementos em túmulos remete aos sentimentos que são basais para uma vida legitimamente cristã segundo o catolicismo: a pessoa que tem fé, esperança e pratica a caridade para com o próximo possui os requisitos necessários para alcançar o Reino dos Céus após a morte. Apesar de aparecerem separadas umas das outras, em alguns casos elas surgem em conjunto ou sobrepostas como na imagem a seguir:



²⁰ Disponível em http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p3s1cap1_1699-1876_po.html (acessado em 18/11/2018)

Figura 17. Mausoléu no Cemitério Municipal de Curitiba. No detalhe do portão, os três símbolos das virtudes teologais sobrepostos. (Foto de Clarissa Grassi)

Conforme observamos na figura acima, a inserção desses símbolos como elementos de uma prática funerária, foram *intencionalmente* colocados como símbolos religiosos. No entanto, com o passar dos anos, tais símbolos se tornaram raros no que se refere à sua intencionalidade, adquirindo significados mais simplistas do que direcionados às virtudes teologais. A cruz reduziu-se a apenas um símbolo cristão, o coração perdeu seu significado teologal passando apenas a significar o amor da família pelos que ali estão enterrados e a âncora praticamente não é mais encontrada em túmulos mais recentes.

2.3.2 – O “Chi-Rho”: XP

O símbolo cristão das letras X e P sobrepostos, às vezes acompanhado dos símbolos alfa e ômega, são encontrados apenas em jazigos mais antigos, mas ocorre na maioria dos cemitérios. Esse símbolo faz referência ao nome de Cristo e à vida eterna. Segundo MARTINS, A. (2015)

É conhecido como o monograma mais antigo que se refere a Jesus Cristo, sendo denominado por alguns como o *crisograma*, datando do século II. É composto pelas duas primeiras letras da palavra *Cristo* em língua grega *XPICTOC*. Os cristãos primitivos o usavam como um sinal secreto da sua fé. O *Chi-Rho* tem várias formas, como por exemplo, uma cruz ou um cajado na letra *P*. O cajado lembra que Jesus é o bom pastor.



Figura 18 – Chi Rho em detalhe de sepultura. Cemitério São João Batista, Jacarezinho, PR. (acervo do autor)

2.3.3 – Chamas: Lâmpadas e tochas

O fogo, tradicionalmente usado como símbolo, faz referência, pelo cristianismo, à vida. Nas representações simbólicas o fogo aparece ilustrado por lâmpadas a óleo e tochas. A forma como são apresentadas se dá na representação da morte e da vida eterna. Quando acesas revelam a purificação e a iluminação das almas dos falecidos; quando apagadas ou viradas para baixo representam o luto (a chama da vida que se apagou) Segundo CHEVALIER (1986) *Parece claro (...) que a tocha é um símbolo de purificação pelo fogo e de iluminação. É a luz que ilumina a travessia dos infernos e os caminhos da iniciação.* (p. 109).



Figuras 19 e 20 – Lâmpadas e Tocha invertida em mausoléus. Cemitério da Consolação, São Paulo. (acervo do autor)

2.3.4 – Plantas: flores e folhas

Outro elemento frequente na morfologia tumular são os símbolos fitomórficos. As plantas representadas em cemitérios através de ramos e flores são facilmente encontradas na estética de mausoléus e lápides. Segundo ARAÚJO, T. (2008, p. 73), *Para o cristianismo as plantas possuem diferentes significados, como a salvação e a saudade (coroa de flores), a rosa (Virgem Maria), mas todos possuem em comum o sentimento do sagrado, pois são símbolos religiosos.* A papoula²¹ também aparece com frequência como símbolo da morte. As palmas, por sua vez, representam a vitória sobre a morte, em referência à passagem bíblica do

²¹ A papoula é uma das flores mais representadas em túmulos e mausoléus antigos. Sua referência com o torpor é ligado ao conceito da morte como sono eterno remetendo a cultos pagãos gr. Segundo Lexikon, em seu Dicionário de Símbolos (2013), *Nos mistérios de Elêusis, a papoula oferecida a Deméter era um símbolo da terra, mas também do sono e do esquecimento.* (p. 154)

Evangelho de João (12:13), na qual Jesus ao entrar em Jerusalém é aclamado pelo povo com ramos de palma. Em geral as plantas, por seu caráter perecível, relacionam-se com a finitude. Apesar de já não serem tão comuns como adereço em pedra ou metal, as flores possuem uma estreita ligação com as práticas funerárias, pois se encontram presentes nos caixões ao redor do corpo, nas coroas de flores em velórios e como elemento de decoração em túmulos. Contudo, a prática funerária de oferecer flores aos mortos já se encontra ressignificada, considerando que a utilização de flores artificiais como ornamento tumular é cada vez mais constante.



Figura 21 – Cruz adornada com flores de Papoula. Cemitério Municipal de Ourinhos. (acervo do autor)

2.4 – Elementos textuais: os epitáfios

Não menos importante na composição tumular, os elementos textuais presentes em jazigos são os mais resistentes à ação do tempo comparando-se os túmulos mais antigos com os mais atuais. Por serem mais explícitos do que simbólicos, as mensagens dos epitáfios e expressões encontradas em lápides nas necrópoles transmitem os valores referentes à morte de maneira pessoal e direcionada ao falecido nos jazigos mais antigos, com referências diretas ao morto, enaltecendo sua trajetória de vida ou ao sentimento da perda pelos familiares. Nesses locais se encontra uma forte intencionalidade em expressar o luto. Segundo LIMA (2016)

Nos cemitérios atuais, principalmente os considerados oitocentistas, (...) os epitáfios estão tipologicamente marcados pelos modelos originados no século XVII, passando por modificações até a atualidade: cumprem tanto uma função escatológica quanto memorativa. (...) Há também os epitáfios laudatórios, ou seja, que elogiam e enaltecem as virtudes do sepultado. (...) Quanto aos epitáfios que promovem a imagem do outro, ressaltamos dois tipos: o da memoração e do biografismo. O primeiro refere-se à exaltação das virtudes

do morto, as quais podem se classificar em *pietas* (piedade) e fama. (p. 71-72).

Nesses tipos de escritos é possível perceber com maior intensidade os sentimentos dedicados pelos familiares e/ou amigos à memória da pessoa falecida. Diferentemente dos *memento mori*, esses epitáfios representam a valorização da vida e o pesar do sentimento de perda daquele ente querido.



Figura 22 - Exemplo de epitáfio de piedade. Cemitério Municipal São João Batista, Jacarezinho, PR. (acervo do autor)



Figura 23 - Exemplo de epitáfio²² laudatório. Cemitério Municipal de Ourinhos, SP. (acervo do autor)

²² Para facilitar a leitura, devido à resolução da foto: *Cidadão impoluto, crente sincero, amigo leal, esposo fiel, pai extremo. Heis em síntese o que foi neste mundo aquele cujo corpo repousa neste sepulcro . ALVARO FERREIRA DE MORAES passou fazendo o bem caminhando assim nas pisadas de nosso senhor Jesus Cristo. Foi fiel até a morte porisso sua alma redemida voou para a glória do senhor. Ele se foi do nosso meio mas as árvores do bem que plantou continuarão frutificando e abençoando as gerações que passam. Saudades! Gratidão!*

Os exemplos de epitáfios ilustrados acima, como se pode notar, possuem características autorais, ou seja, foram dedicadas exclusivamente a estes falecidos. Contudo, apesar dos epitáfios serem encontrados em túmulos atuais, de modo geral a sua apresentação é mais simples e discreta, além de ser padronizada, com frases prontas ou citações bíblicas, fazendo pouca ou nenhuma referência específica ao morto ali inumado, apresentando mais uma característica do processo de ressignificação das práticas funerárias relacionadas ao enterro em cemitérios tradicionais, nos quais a personalização dos jazigos é gradativamente menos elaborada.

2.5 – Ausência de símbolos: sinais de ressignificação

A vasta pluralidade de elementos simbólicos nos cemitérios tradicionais permite, a priori, observar e analisar determinadas práticas funerárias relacionadas ao sepultamento, tomando como parâmetro o passado desses locais. Entretanto, os cemitérios são espaços plurais e agregam na sua constituição outros fatores não tão explícitos. Observando de maneira mais ampla, nota-se que os jazigos repletos de adereços dividem espaço, atualmente, com construções mais simplificadas, padronizadas, e que não trazem consigo toda essa gama de elementos simbólicos. De maneira geral, os novos jazigos apresentam as seguintes características:

- Poucos ou nenhum objeto de arte tumular;
- Poucos ou nenhuma decoração relacionada a uma religiosidade específica ou sobre a ideia de morte;
- Materiais utilizados na construção civil são utilizados no acabamento estético (lajotas, azulejos, porcelanato)
- Dimensões padronizadas;

O que se pode observar a partir dessa nova estrutura de jazigos são sinais do processo de ressignificação das práticas funerárias no que se refere aos túmulos mais antigos para os mais atuais, ou seja, a dedicação de se inserir elementos simbólicos, como em jazigos mais antigos vem se diluindo em sepulturas com poucos ou nenhum item simbólico. Vale ressaltar que a ausência de símbolos, ou de arte tumular, implicam num primeiro momento reconhecer que adornar ricamente os jazigos exigia, num primeiro momento, uma forma de distinção

social: mausoléus, monumentos, estátuas e obras de arte tumular era um mecanismo que possibilitava expor as diferenças econômicas, sociais e políticas, ofuscando e dando aos túmulos menos decorados um *status* de invisibilidade. Segundo HONNETH e MARGALIT (2001), a questão da invisibilidade pode ser notada através de mecanismos simbólicos:

A invisibilidade social ganha esse caráter público apenas porque é paradoxalmente expressa na ausência de formas enfáticas de expressão que geralmente estão ligadas ao ato de identificação individual. Consequentemente, parece mais sensível para mim elucidar o fenômeno da "invisibilidade" no sentido figurado, com a ajuda das relações complexas que existem entre os seres humanos entre percepção e expressão. (p. 191)

A complexidade das relações sociais, no que se refere à percepção e expressão podem ser observadas nos cemitérios tradicionais, considerando que eles evidenciam exclusões sociais pelo viés da (in)visibilidade. Em suma, as classes mais privilegiadas tinham acesso a meios de visibilidade nos cemitérios que as classes menos favorecidas não possuíam. Contudo, se aos mais pobres cabe a invisibilidade individual nas necrópoles, o volume com o que tais dispositivos cemiteriais ocorre coletivamente não pode mais ser ignorado, ou seja, a invisibilidade individual torna-se, paradoxalmente, uma visibilidade coletiva, haja vista que o número de jazigos padronizados é tão volumoso, que não se pode mais ignorar o contraste entre essas sepulturas e as mais antigas. Esse aspecto da mudança estética nos cemitérios brasileiros engloba a racionalização dos dispositivos funerários, comum a praticamente todos, mas a própria racionalidade com que os mortos de classes sociais desprivilegiadas são tratados é utilizada como um meio de se “anestésiar” a evidente distinção social que já é reproduzida na sociedade dos viventes. Mais à frente neste trabalho será possível observar que o volume de mortos considerados “indesejáveis” é um dos fatores para a criação dos próprios cemitérios públicos. A essas pessoas, o enterro *ad sanctum* era executado do lado externo das igrejas, em valas comuns, na maioria das vezes sem qualquer tipo de identificação, apenas com o “privilégio” de serem sepultados próximos da Igreja. Nos cemitérios tradicionais, o processo é similar, considerando que quanto menor o poder aquisitivo das famílias, menor será a complexidade de seu jazigo, aumentando o número de locais de enterro executados em cova rasa ou em jazigos coletivos, nos quais a ausência de elementos simbólicos também está presente²³.

²³ Durante a pesquisa, foi constatado que os jazigos coletivos, destinados aos mortos cujas famílias não podem pagar pela aquisição de um jazigo perpétuo, são temporários. Após três anos aproximadamente, os corpos são exumados e depositados no “ossário”, uma espécie de poço no qual são jogados os ossos

Além da clivagem de classe, deve-se considerar também a presença das religiões protestantes no Brasil, cuja proibição ao culto de imagens, bem como de culto aos mortos, que é uma característica fortemente arraigada no catolicismo, também interfere na composição estética dos cemitérios tradicionais.

A padronização estética dos jazigos, antes reservada somente àqueles com menor poder aquisitivo e ao público protestante, tornou-se praticamente uma regra no que se refere aos novos túmulos. Esse aspecto, de não se dedicar uma atenção especial em se agregar elementos de arte tumular em jazigos, não por necessidade, mas por opção, é relevante para se compreender o processo de ressignificação das práticas funerárias direcionadas aos cemitérios. A forma como se apresentam os valores relacionados à morte, à religião ou à memória encontram-se racionalizados, e isso influencia diretamente não só a configuração dos cemitérios tradicionais como também impulsiona a ampliação do investimento em novos tipos de cemitério, e, por consequência, novos tipos de sepultamento. Nesse caso, o que é simbólico não reside somente naquilo que é visto, mas sobretudo, naquilo que não é apresentado aos olhos de todos. Essa “invisibilidade” será apropriada pelos cemitérios de novo tipo para mascarar o contexto social no qual estão inseridos, que é do de criar espaços específicos àqueles que podem pagar pelo distanciamento das “pessoas comuns”, mesmo que isso signifique abrir mão de algumas práticas permitidas nos cemitérios tradicionais, como a entrega de flores nas sepulturas, o acendimento de velas diretamente no jazigo ou a personalização do local em que o falecido esteja enterrado, como poderá ser visto adiante. Observa-se, assim o processo de ressignificação dos espaços cemiteriais na medida em que esses espaços, mesmo que ainda reproduzindo as diferenças sociais, se modificam na direção de atender a valores diferentes daqueles relacionados a um período em que o enterro era pautado em preceitos religiosos.

desses mortos. Percebe-se que, nesse sentido, aos mais pobres, o enterro coletivo e anônimo ainda se assemelha aos procedimentos do século XIX, mas com uma “nova roupagem”.

CAPÍTULO III – AS MUDANÇAS DO ESPAÇO CEMITERIAL

3.1 – A racionalização dos espaços cemiteriais.

Como é possível observar, o espaço cemiterial passou (e ainda passa) por transformações significativas na sua composição. A forma como os cemitérios convencionais ou tradicionais são apresentados atualmente é resultado de diversas mudanças históricas e sociais que afetam direta e indiretamente as práticas funerárias, considerando que, tanto o cemitério quanto as ações que o envolvem são afetadas por fatores externos à realidade na qual estão inseridos, como nesse caso, a presença da racionalização. O principal referencial teórico sobre a racionalização, aplicado às práticas funerárias e aos espaços cemiteriais presentes nesta tese, se baseia na obra de Weber, que dedicou parte significativa de suas obras à compreensão das formas racionalizadas de socialização perante um modelo de sociedade que se apresentava de forma predominantemente “mágico”. Nesse sentido, elementos centrais de sua obra como o desencantamento do mundo, a secularização e a burocracia, são essenciais para se desenvolver a compreensão de um vínculo existente entre um modelo de conduta até então pautado em princípios religiosos que aos poucos passa a coexistir com elementos “modernos”, construídos sob aspectos mais racionais, técnicos e burocratizados. Os cemitérios não escapam a essa situação, considerando que eles agregam os elementos mais visíveis no que se refere ao processo de ressignificação, particularmente no que tange à racionalização desses espaços, que se vinculam à secularização e à burocracia na qual estão inseridos. Considerando a estreita relação entre esses dois elementos, em uma sociedade secularizada, a racionalidade da burocracia, tanto por parte da Igreja quanto do Estado se faz presente no sentido de “organizar” aquilo que até então não se pautasse em elementos racionais. Segundo WEBER (1982),

A burocracia moderna funciona da seguinte forma específica:

Rege o princípio de áreas de jurisdição fixas e oficiais, ordenadas de acordo com regulamentos, ou seja, por leis ou normas administrativas.

1. As atividades regulares necessárias aos objetivos da estrutura governada burocraticamente são distribuídas de forma fixa como deveres oficiais.
2. A autoridade de dar as ordens necessárias à execução desses deveres oficiais se distribui de forma estável, sendo rigorosamente delimitada pelas normas relacionadas com os meios de coerção, físicos, sacerdotais ou outros, que possam ser colocados à disposição dos funcionários ou autoridades.
3. Tomam-se medidas metódicas para a realização regular e contínua desses deveres e para a execução dos direitos correspondentes; somente as pessoas que tem qualificações previstas por um regulamento geral são empregadas.

Nesse sentido, será possível observar que tanto a Igreja quanto o Estado, no caso brasileiro, mesmo não estando mais amalgamados como eram até o fim do século XIX, desenvolveram processos racionalizantes no que se refere aos espaços cemiteriais. O ordenamento jurídico, quer seja estatal ou eclesiástico foi determinante na constituição dos cemitérios tradicionais, no sentido de atribuir requisitos técnicos a esses espaços, até então organizados de maneira pouco metódica. Na concepção de WEBER,

A razão decisiva para o progresso da organização burocrática foi sempre a superioridade puramente técnica sobre qualquer outra forma de organização. O mecanismo burocrático plenamente desenvolvido compara-se às outras organizações exatamente da mesma forma pela qual a máquina se compara aos modos não-mecânicos de produção. (*op. cit.*, p. 249).

O enterramento *ad sanctum*, que foi transferido para os cemitérios tradicionais, demonstra essa relação de ordenamento, considerando que um local específico para essa finalidade carrega em seu bojo as premissas racionais que permeiam esse tipo prática funerária e o local onde é executada.

Os cemitérios tradicionais analisados estão inseridos num período que se localiza entre o início do século XIX e a primeira metade do Século XX. Nesse período, diversas mudanças sociais ocorreram e repercutiram na estruturação desses cemitérios. VOVELLE (1997) realizou uma análise nesse mesmo recorte histórico sobre os cemitérios e as práticas funerárias na França. Nesse período, o autor compreende que os espaços cemiteriais passaram por um período de ascensão dos signos funerários:

A cidade de ouro dos mortos, a idade de ouro do cemitério. Pode-se buscar sua confirmação no cemitério, na cidade dos mortos que então se edificou ao lado da cidade dos vivos e como que calcada sobre ela. É o lugar do luto institucionalizado e transcrito na pedra. [...] Um povo de estátuas. A estatuária dos cemitérios contemporâneos apresenta, à primeira vista um *corpus* imediatamente legível e diretamente sugestivo. (p. 327-328)

O autor indica que essas práticas funerárias eram predominantemente “burguesas”, com participação relevante também de alguns setores da aristocracia francesa. Contudo, foi a burguesia que, se apropriando de diversos ritos e práticas de outras culturas, além da sua herança medieval, acabou por povoar os cemitérios com os seus valores, expressos pela arte tumular que deixavam evidentes para a época, as concepções de mundo que esses grupos sociais possuíam, bem como a forma como estes lidavam com a ideia de morte. No Brasil, apesar de um pouco mais tardiamente, a composição dos cemitérios tradicionais acompanhou a mesma

lógica, conferindo aos jazigos das famílias com maior poder aquisitivo e maior prestígio social uma visibilidade maior, passando posteriormente, a valorizar os túmulos individuais. Segundo MOTTA (2009)

Nos primeiros decênios do século XX inicia-se uma significativa mudança nos hábitos de enterramento e, com ela, novas formas de morfologia tumular irão gradativamente marcar os espaços cemiteriais, refletindo-se também no plano das representações e das atitudes que os vivos passam a dedicar aos seus mortos. É dessa época o gosto pelo túmulo individualizado, construído especialmente para abrigar um único indivíduo, com o intento de evocar traços reveladores da pessoa do morto, traduzido como expressão de afeto particularizado. (p. 75)

Para compreender esse processo, é importante considerar que existiu, nesse período, uma tendência à racionalização das práticas de sepultamento. Como já observado, a influência do catolicismo medieval indicava que o espaço sagrado para os mortos seria a própria Igreja, que utilizava de todo o seu aparato ideológico e político para determinar quais práticas funerárias seriam adequadas no que se refere ao enterro. Mesmo com a passagem do enterro *ad sanctum* para os cemitérios, a influência da mentalidade católica ainda era predominante nesse período, sendo depois gradativamente absorvida por uma mentalidade mais racionalizada. Contudo, vale ressaltar que a questão da racionalização das práticas funerárias não é uma característica exclusiva desse período; a questão sobre a adequabilidade dos espaços mortuários e de suas práticas é mais antiga. Tomando como exemplo a Lei das Doze Tábuas, de 450 a. C., basal para o Direito Romano, é específica na sua tábua X, no que se refere às práticas mortuárias, estabelecendo normas para a configuração do que seria o modelo ideal dos modos e do destino a ser dado aos cadáveres:

Tábua X: Do Direito Sacro

- 1..... do juramento
2. Não é permitido sepultar nem incinerar um homem morto na cidade.
3. Moderai as despesas com os funerais.
4. Fazei apenas o que é permitido.
5. Não deveis polir a madeira que vai servir à incineração.
6. Que o cadáver seja vestido com três roupas e o enterro se faça acompanhar de dez tocadores de instrumentos.
7. Que as mulheres não arranhem as faces nem soltem gritos imoderados.
8. Não retireis da pira os restos dos ossos de um morto, para lhe dar segundos funerais, a menos que tenha morrido na guerra ou em país estrangeiro.
9. Que os corpos dos escravos não sejam embalsamados e que seja abolido de seus funerais o uso da bebida em torno do cadáver.
10. Que não se lancem licores sobre a pira de incineração nem sobre as cinzas do morto.
11. Que não usem longas coroas nem turíbulos nos funerais.

12. Que aquele que mereceu uma coroa pelo próprio esforço ou a quem seus escravos ou seus cavalos fizeram sobressair nos jogos, traga a coroa como prova do seu valor, assim como os seus parentes, enquanto o cadáver está em casa e durante o cortejo.
13. Não é permitido fazer muitas exéquias nem muitos leitos fúnebres para o mesmo morto.
14. Não é permitido enterrar ouro com o cadáver; mas se seus dentes são presos com ouro pode-se enterrar ou incinerar com esse ouro.
15. Não é permitido sem o consentimento do proprietário, levantar uma pira ou cavar novo sepulcro a menos de sessenta pés de distância da casa.
16. Que o vestíbulo de um túmulo jamais possa ser adquirido por usucapião, assim como o próprio túmulo.

(MEIRA, 1972, p. 173-174)

Pode-se observar, portanto, uma espécie de vai-e-vem entre mortos e vivos. No decorrer dos tempos os mortos foram aproximados e afastados dos seus, exigindo que as práticas funerárias se adaptassem às novas diretrizes. Em comum, temos que a problemática reside na adequação a ser aplicada para a configuração de um local e da maneira “correta” de se lidar com os mortos, sempre no sentido de “manter uma distância saudável”. Longe da cidade, longe da Igreja, longe dos vivos, apartar-se dos mortos era uma medida burocrática que avançava na mesma proporção em que as sociedades se modernizavam.

No caso brasileiro, a primeira legislação sobre os enterros se deu, segundo REIS (1991) pela Carta Régia nº 18, de 14 de fevereiro de 1801, proibindo o sepultamento nas Igrejas. Tal carta teria sido uma resposta à demanda já existente sobre os problemas de saúde pública levantados por higienistas, e reforçada por um decreto imperial de novembro de 1825. Contudo, somente vinte e sete anos depois, em 1828, uma legislação de nível nacional foi realmente determinante nas diretrizes dos sepultamentos. Era o esforço liberal do Império em “civilizar” as cidades, determinando, entre outras atribuições das Câmaras Municipais, o local adequado para a construção dos cemitérios para que não prejudicassem a saúde da população. Se antes alguns cadáveres eram considerados indesejáveis e passíveis de terem um enterro indigno, com o advento do Império todos os mortos passaram a ser objeto de preocupação higiênica, o que levaria o Estado a determinar diretrizes para que todos os falecidos pudessem ser enterrados “civilizadamente”.

O parágrafo segundo do artigo 66 da lei recomendava que as câmaras municipais elaborassem posturas relativas ao “estabelecimento de cemitérios fora do recinto dos Templos, conferindo a esse fim a principal Autoridade Eclesiástica do lugar”. O mesmo parágrafo atribuía-lhes o controle de esgotos, pântanos e águas infectas, da economia e limpeza dos currais, matadouros públicos, curtumes e “depósitos de imundícies, e quanto possa alterar, e

corromper a salubridade da atmosfera. A criação de cemitérios fazia parte da batalha pelo saneamento das cidades. Os mortos, ou pelo menos seus corpos, eram sem cerimônia associados a águas infectas, imundícies e “corrupção do ar”. No passado essa associação se limitara aos cadáveres de africanos, agora os mortos em geral tornavam-se focos de infecção e como tal deviam ser afastados da cidade civilizada. Sentados na Corte, os legisladores estavam sintonizados com a mentalidade médica que vicejava em sua volta. (*op cit.* p. 276)

Nesse sentido, a preocupação com os aspectos higiênicos que envolviam o destino dado aos corpos foi fundamental no processo racionalização dos locais de sepultamento, no qual as teorias miasmáticas²⁴ (que consistiam na tese de que, assim como os doentes, os corpos putrefatos geravam determinados gases nocivos à saúde²⁵) proporcionaram o escopo necessário para o fim da prática do sepultamento sem controle. Nesse ínterim, surge a normatização dos locais em que serão destinados os corpos, ou o planejamento daquilo que após a segunda metade do século XIX serão os cemitérios (laicos) que hoje se apresentam. HEUER (2004) aponta a relevância dessa mudança:

Para neutralizar a ação desses gases, uma série de práticas foi estabelecida pelas autoridades higiênicas. A primeira delas foi a separação entre o mundo dos vivos e dos mortos. Se os mortos eram enterrados no meio do núcleo populacional, agora são criados espaços específicos para recebê-los. Surgem então os cemitérios públicos que, obedecendo as novas normas de higiene, vão controlar os corpos e normatizar os enterros. Todo o seu planejamento, arquitetura, organização interna e administração tem como objetivo a minimização da ação mórbida dos miasmas. A medida das sepulturas, as árvores, o muro, os espaços vazios, a capela mortuária, faziam com que os miasmas permanecessem bem longe das populações.

Mas além de controlar os miasmas, a construção dos cemitérios também teve outro objetivo. Se até então muitos enterros não entravam na contabilidade mortuária, com o surgimento das novas necrópoles essa situação se modificou. Os cemitérios públicos fizeram parte da estrutura que permitiu conhecer a totalidade de óbitos. Assim, com base nestes números, foi possível desenvolver as medições estatísticas. Esses números eram essenciais para a administração, pois era através da estatística que a população se tornava uma realidade quantificável. (p. 11-12)

Diante das teses higienistas, ainda incipientes nesse período, associadas à necessidade de abrigar mais corpos, algumas igrejas adotaram uma “inovação”: os sepultamentos em

²⁴ Segundo o Dicionário Epistemológico da Língua Portuguesa (1955, p. 331), o termo “miasma” tem origem grega, que significa “mancha, exalação impura”. (p. 331).

²⁵ Segundo TONON (2015), as teorias miasmáticas baseavam-se na tese de que de que o mau cheiro exalado por determinados ambientes era responsável por inúmeras doenças epidemiológicas. Apesar de não terem um rigor científico aprofundado, essas teorias foram determinantes para o desenvolvimento de medidas sanitárias e higiênicas, como por exemplo, o sepultamento em cemitérios em detrimento do enterro *ad sanctum*.

carneiros²⁶. Os carneiros foram inovadores no sentido de os sepultamentos serem realizados não mais diretamente no solo; em alguns casos os carneiros se localizavam no subsolo dos templos, mas em geral se constituíam em uma construção vertical. No entanto, não são necessariamente uma novidade, haja vista que a prática funerária dos sepultamentos em catacumbas remonta à Roma Antiga, utilizando a mesma lógica de não sepultar os mortos diretamente no solo mas em compartimentos verticalizados. Esse modelo servirá de referência para os cemitérios verticais e para os jazigos coletivos, existentes nos cemitérios tradicionais destinados aos que não podem arcar com as despesas do enterro.

Com a separação entre Igreja e Estado a partir da Proclamação da República em 1889, legislações mais específicas sobre os cemitérios começam a surgir. No ano seguinte, o decreto 789 de 1890, assinado pelo presidente Deodoro da Fonseca, era explícito no que se refere ao papel do poder público em relação à administração cemiterial:

DECRETO Nº 789, DE 27 DE SETEMBRO DE 1890

Estabelece a secularização dos cemiterios.

O Generalissimo Manoel Deodoro da Fonseca, Chefe do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, constituido pelo Exercito e Armada, em nome da Nação, dando cumprimento ao disposto no art. 72, § 5º, da Constituição publicada com o decreto n. 510 de 22 de junho ultimo,

Decreta:

Art. 1º Compete ás Municipalidades a polida, direcção e administração dos cemiterios, sem intervenção ou dependencia de qualquer autoridade religiosa.

No exercicio desta attribuição não poderão as Municipalidades estabelecer distincção em favor ou detrimento de nenhuma igreja, seita ou confissão religiosa.

Art. 2º A disposição da primeira parte do artigo antecedente não comprehende os cemiterios ora pertencentes a particulares, a irmandades, confrarias, ordens e congregações religiosas, e a hospitaes, os quaes ficam entretanto sujeitos á inspecção e policia municipal.

Art. 3º E' prohibido o estabelecimento de cemiterios particulares.

Art. 4º Em todos os municipios serão creados cemiterios civis, de accordo com os regulamentos que forem expedidos pelos poderes competentes.

Paragrapho unico. Emquanto não se fundarem taes cemiterios nos municipios em que estes estabelecimentos estiverem a cargo de associações, de corporações religiosas ou dos ministros de qualquer culto, as Municipalidades farão manter a servidão publica nelles existente, providenciando para que os enterramentos não sejam embaraçados por motivo de religião.

Art. 5º Revogam-se as disposições em contrario²⁷.

²⁶ Segundo REIS (*op. cit.* p. 179), *Carneiro* vem do latim *carnarium*, depósito de carne. Num galicismo forte, em 1829 o escrivão da Ordem Terceira de São Domingos escreveu *charneira*, do francês *charnier*. A nomenclatura funerária longe estava de ser homogênea no período estudado, um período de transição.

²⁷ CÂMARA DOS DEPUTADOS. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-789-27-setembro-1890-552270-publicacaooriginal-69398-pe.html> (acessado em 01/12/2018)

O decreto republicano delimita, por meio de seu texto, uma nova configuração sobre os cemitérios que, uma vez secularizados, retiram da Igreja Católica o monopólio sobre as atividades fúnebres, além de permitir nesses locais a liberdade de culto; acrescenta-se a isso a proibição da implementação de cemitérios particulares. Com a nova Constituição, em 1891 a República reforça a instituição dos cemitérios com caráter secular:

Artigo 72 - A Constituição assegura a brasileiros e a estrangeiros residentes no país a inviolabilidade dos direitos concernentes à liberdade, à segurança individual e à propriedade, nos termos seguintes: (...)

§ 5º Os cemiterios terão carácter secular e serão administrados pela autoridade municipal, ficando livre a todos os cultos religiosos a pratica dos respectivos ritos em relação aos seus crentes, desde que não offendam a moral publica e as leis²⁸.

Na Constituição de 1934, pouco se modifica com relação às determinações sobre a secularidade dos cemitérios, exceto sobre a permissão sobre os cemitérios particulares.

Art 113 - A Constituição assegura a brasileiros e a estrangeiros residentes no País a inviolabilidade dos direitos concernentes à liberdade, à subsistência, à segurança individual e à propriedade, nos termos seguintes: (...)

7) Os cemitérios terão caráter secular e serão administrados pela autoridade municipal, sendo livre a todos os cultos religiosos a prática dos respectivos ritos em relação aos seus crentes. As associações religiosas poderão manter cemitérios particulares, sujeitos, porém, à fiscalização das autoridades competentes. É lhes proibida a recusa de sepultura onde não houver cemitério secular²⁹.

As Constituições seguintes, até a de 1988, permanecem praticamente inalteradas sobre os aspectos relacionados aos cemitérios como espaços secularizados. A relevância desses dispositivos legais se dá sob o aspecto da racionalidade burocrática do Estado na organização desses locais, passando do aspecto religioso para o de utilidade pública. Nesse sentido, não especifica sobre a implementação de cemitérios particulares sem vínculo religioso. Entretanto, segundo PINTO (2016), diante dessa ausência na legislação sobre os cemitérios particulares, acabam surgindo “brechas” legais que abrirão espaço para que essas empresas consigam se estabelecer:

²⁸ PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao91.htm (acesso em 01/12/2018)

²⁹ PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao34.htm (acesso em 01/12/2018)

Entretanto é possível compreender que os cemitérios são referidos, de modo geral, nessas duas últimas constituições como sendo serviços públicos, destinados a atender os interesses de toda população e que, por sua vez, devem ser geridos pelos próprios municípios. Mas o que salta aos olhos são outras especificações atribuídas a essas atividades que não aparecem diretamente nas cartas anteriores. Na Constituição de 1967, por exemplo, é mencionado no artigo 16, parágrafo 4 que, “os Municípios poderão celebrar convênios para a realização de obras ou exploração de serviços públicos de interesse comum, cuja execução ficará dependendo de aprovação das respectivas Câmaras Municipais”. O mesmo também se observa na Constituição atual, em seu artigo 30, inciso I, em que são atribuídos aos municípios a responsabilidade de legislar sobre os assuntos de interesse local e em seu item quinto o dever de “organizar e prestar, diretamente ou sob regime de concessão ou permissão, os serviços públicos de interesse local, incluído o de transporte coletivo, que tem caráter essencial”. O que se nota, portanto, da década de 1960 pra cá, é a abertura que o Estado, representado pelos municípios, dá ao setor privado para administrar parte de suas atividades de caráter público. Essa alteração coincide exatamente com o surgimento dos cemitérios administrados pelo setor privado, via concessão ou livre iniciativa, no país. (p.97)

Uma vez racionalizado e secularizado, o cemitério se apresenta como uma construção na qual os viventes devem se adequar a determinados padrões para enterrar seus mortos. Por sua vez, os mortos também, de certa forma, devem ter seus corpos controlados pela burocracia institucionalizada. Essa padronização facilita as ações impostas para manter um determinado controle, consolidando o cemitério como uma instituição social total. GOFFMAN (1974, p. 11) afirma que *uma instituição total pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada*. Essas instituições, de forma geral, são destinadas a pessoas com comportamento considerado “desviante”, e sob essa justificativa, se constituem como espaços de disciplina e controle. Na perspectiva do autor, se incluem nesse tipo de instituição, as prisões, escolas, quartéis, conventos, manicômios³⁰. Vale ressaltar que Goffman se refere a espaços em que os vivos são os alvos desse tipo de controle. Com um pouco mais de cuidado, é possível observar que instituições totais possuem muitas similaridades com o cemitério. Entretanto, poder-se-ia pensar que os mortos não se enquadram na categoria de “pessoas com comportamento desviante”, mas uma vez na condição de pessoa morta, o falecido exige que algo seja feito com seu corpo, pois essa condição se não for “sanada”, acarretará em problemas futuros,

³⁰ A obra de Erving Goffman, publicado em 1961, cujo título original é *ASYLUMS - Essays on the social situation of mental patients and other inmates* foi traduzido para o português como *Manicômios, prisões e conventos*. O título em inglês reflete melhor a pesquisa do autor, cuja principal preocupação se concentrava nas condições psicossociais dos internos de instituições psiquiátricas.

considerando que a decomposição do cadáver é iminente. Nesse sentido, BAUDRILLARD (1996), em sua análise das relações entre as trocas simbólicas e o significado da morte, considera que a finitude da vida é um desvio, uma anomalia, mais grave do que as demais delinquências, pois diante de uma sociedade racionalizada, que elabora os destinos a serem dados a todos os desviantes, os mortos fogem desse controle, pois não há “cura” para a morte, não há reabilitação:

Mesmo os loucos, os delinquentes, os anômalos podem encontrar uma estrutura de acolhimento nas cidades novas, isto é, na racionalidade de uma cidade moderna - só a função-morte não pode ser nela programada e localizada. A bem dizer, não se sabe mais o que fazer com relação a isso. Porque hoje não é normal estar morto, e isso é novo. Estar morto é uma anomalia inconcebível, todas as outras são inofensivas diante desta. A morte é uma delinquência, um desvio incurável. (p. 173)

Se os mortos são delinquentes e a morte é a condição de desvio, isso se deve ao fato de que os mortos são passíveis de controle, pois na sua condição de cadáver, se não for controlado, sua carne, seus ossos e sua aparência trarão primeiramente, como já apontado, aos vivos o mau cheiro, a toxicidade, o risco à saúde e o horror da decomposição, fazendo deles seres absolutamente “indesejáveis”. A aplicabilidade do controle se amplia, portanto, não somente a seres ativos, mas também inativos. Tomando por empréstimo a expressão de FOUCAULT (2004, p. 117) sobre os “corpos dóceis”, o cadáver insepulto precisa ser disciplinado e controlado, e a sepultura representa perfeitamente esse sentimento de disciplina sobre os mortos. Mas como se aplicaria aos mortos uma disciplina, considerando que ela poderia ser aplicada somente aos vivos? Nesse contexto, deve-se considerar que os mortos não se resumem a “objetos inanimados” por não possuírem vida, mas podem ser, na sua relação com os cemitérios, como afirma BROSSAT (2011) pessoas que ali “habitam sem viver”.

Porque, o que é um homem morto, basicamente? É uma pessoa humana que está dissociada de seu corpo. Uma pessoa humana cujas formas de "vida", após sua morte, podem ser inumeráveis (nunca se morre por inteiro, desde que se faça parte de uma comunidade onde se deixem vestígios e legado de importância variável); mas, em qualquer caso, essas formas posteriores de "vida" são manifestadas no elemento, sob a condição dessa dissociação da pessoa de seu corpo. Nesse sentido, portanto, de acordo com uma tradição filosófica e religiosa multifacetada e imemorial, um homem morto é emancipado e não privado de seu corpo. (p. 6)

Seguindo essa lógica, podemos considerar os mortos como “habitantes” do cemitério, e, uma vez nessa condição, tanto eles quanto os familiares e amigos que o visitam ou que os sepultam são passíveis de se submeterem ao rigor disciplinar das instituições nas quais estão inseridos. Como já observado, o contato direto entre vivos e mortos não é algo desejável no decorrer da história, e desenvolver um ambiente controlado para que esse contato seja disciplinado para ambos já está perfeitamente consolidado. O cemitério como instituição social total se apresenta como um local onde os mortos devem ser colocados e tratados dentro de determinados parâmetros estipulados por regramentos que, progressivamente vão se tornando cada vez mais complexos, sobretudo com o avanço de técnicas, métodos e desenvolvimentos científicos. Assim como os manicômios, conventos, prisões, quartéis e escolas são instituições totais, por abrangerem e disciplinarem indivíduos das mais diversas origens e grupos sociais, o cemitério irá se apresentar da mesma forma. Para que esses locais se estabeleçam, um conjunto de normas e procedimentos devem ser seguidos para sua eficácia. Os cemitérios, enquanto local de concretização do destino final dos corpos também possuem suas normas para que o cadáver ali permaneça. Considerando que não se disciplina os mortos, mas que eles fazem parte do contexto, tanto eles quanto os vivos devem no mínimo, serem enquadrados sob diretrizes. Uma vez consolidado esse espaço e devidamente organizado, é possível analisá-lo como um espaço plural, heterotópico.

3.2 – O cemitério como heterotopia

Cemitérios são lugares de representação. Nele se encontram representados valores, posições sociais, histórias, memórias; sobrepostos de maneira deliberada ou indeliberadamente, esses espaços carregam em si uma série de elementos ora complementares, ora conflitantes, fazendo deles lugares únicos, especiais, que demandam análises específicas. Os cemitérios são, portanto, espaços heterotópicos.

O conceito de heterotopia foi desenvolvido por Michel Foucault³¹ diante da sua indagação sobre a compreensão dos espaços. Para o autor, alguns espaços reúnem uma tal quantidade de elementos em um mesmo lugar que seria como se esses espaços agregassem sobre si diversas utopias. Para determinar melhor esses lugares, considerando que utopias são lugares inexistentes, FOUCAULT (2013) define o que ele considera uma heterotopia:

³¹ Foucault se vale do termo “heterotopia” em uma conferência denominada *Des espaces autres*, proferida em 1967 no *Cercle d’Études Architecturales* em 14 de março de 1967, mas publicada originalmente vinte e três anos mais tarde, na revista *Architecture, Mouvement, Continuité*, nº 5, em 1984.

Há igualmente – e isso provavelmente em toda cultura, em toda civilização – lugares reais, lugares efetivos, lugares que são desenhados na própria instituição da sociedade e que são espécies de contra-aloções, espécies de utopias efetivamente realizadas, nas quais as aloções reais, todas as outras aloções reais que podem ser encontradas no interior da cultura, são simultaneamente representadas, contestadas e invertidas; espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora sejam efetivamente localizáveis. Por serem absolutamente outros quanto a todas as aloções que eles refletem e sobre as quais falam, denominarei tais lugares, por oposição às utopias, de heterotopias. (p. 116-117)

Na perspectiva foucaultiana, as heterotopias são lugares onde se está e não está simultaneamente, sobrepondo espaços contraditórios ou controversos. O autor se utiliza do exemplo do espelho: ao se observar refletido sobre o vidro, o indivíduo se vê num lugar que apesar de visível, não se está de fato, mas que serve de referência para observar o espaço verdadeiro em que se encontra. Identificar espaços nos quais existem essas sobreposições fez o autor identificar dois tipos de heterotopias, que são as de crise e as de desvio. Nas heterotopias de crise, esses espaços possuem características de transição; lugares sagrados ou profanos, mas que se destinam a pessoas em estado de mudança, tais como adolescentes, mulheres menstruadas, idosos. Contudo, esse modelo de heterotopia estaria se tornando cada vez mais raro, dando lugar ao segundo tipo, o de desvio. Nesse quesito, a proposta de Foucault dialoga com a de Goffman, pois esses espaços são aqueles reservados a pessoas que em geral não se adequam à média geral, dando origem a espaços específicos para “corrigir” tais desvios, como as prisões, hospitais, manicômios, e por conseguinte, os cemitérios. No entanto, heterotopias também agregam sobre si fatores temporais que se sobrepõem, definido pelo autor como heterocronias. Quando associadas, heterotopias e heterocronias definem perfeitamente o espaço cemiterial.

(...)as heterotopias estão associadas, muito frequentemente, a recortes do tempo; isto é, elas se abrem para o que se poderia chamar, por pura simetria, de heterocronias. A heterotopia se põe a funcionar plenamente quando os homens se encontram em uma espécie de ruptura absoluta com o seu tempo tradicional. Vê-se, assim, que o cemitério é mesmo um lugar altamente heterotópico, pois ele tem início com essa estranha heterocronia que é, para um indivíduo, a perda da vida, e essa quase eternidade em que ele não cessa de se dissolver e de desaparecer. (FOUCAULT, *op. cit.*, p. 118)

O processo de secularização, direcionado aos cemitérios, facilitou a multiplicidade de expressões religiosas nesses locais, antes monopolizados pela Igreja Católica e que a partir da separação Igreja-Estado, passa a ser regulamentado por políticas públicas, que em tese, se apresentam como laicas. Como exemplo, temos o pluralismo religioso nos cemitérios

tradicionais, cuja trajetória e situação atual, inserem as práticas de enterramento no contexto da heterotopia/heterocronia. Como já apontado, até meados do século XX, a configuração estrutural, iconográfica e religiosa dos cemitérios era majoritariamente católica. Contudo, o crescimento da população protestante, sobretudo pentecostais, na virada do século, representa um fator relevante na análise. Segundo o último censo³² do IBGE de 2010, o número dessas denominações no Brasil, na primeira década do século XXI obteve o expressivo aumento de 61,45%, perfazendo um total de 42.275.440 fiéis. Esse índice representa um fator importante, haja vista que apesar de cristãs, essas denominações religiosas impactam na forma como os cemitérios tradicionais se apresentam atualmente, pois para esse público, o uso de imagens sacras e de outros elementos iconográficos, encontrados em jazigos católicos não ocorre. No entanto, a cruz vazia é elemento comungado entre as duas vertentes religiosas, pois para ambas, esse símbolo representa a morte de Jesus e como ele a venceu através da ressurreição. Essa “convivência simbólica”, heterotópica e heterocrônica, evidencia que as mudanças estéticas nos cemitérios, voltadas para uma tendência à padronização, ultrapassam os limites de uma mera mudança de mentalidade religiosa particular, pois a homogeneidade desse novo modelo de prática funerária, independentemente da denominação religiosa, se vê cada vez mais racionalizada, gerando um novo cenário cemiterial, aqui representados pelos “cemitérios de novo tipo”: os cemitérios-parque e os cemitérios verticais.

3.3 – Os “cemitérios de novo tipo”: a consolidação da racionalidade cemiterial.

É possível notar que a composição cemiterial recente se encontra padronizada, catalogada, seguindo parâmetros racionalizados de distribuição do espaço e de constituição dos jazigos, que reflete diretamente as mudanças estéticas na composição cemiterial, no que se refere particularmente ao esvaziamento estético nos túmulos e mausoléus, abrindo espaço para o crescimento de novos padrões de sepultamento, nos quais, associados a diretrizes racionais burocráticas e mercadológicas, vão fazendo desses lugares espaços nos quais a individualização da expressão sobre a morte seja reduzida cada vez mais a limites cuja abrangência vai hoje além dos cemitérios tradicionais. Observa-se nesse cenário de mudança uma expressiva diminuição da religiosidade sobre a morte, dando lugar a um modelo de sepultamento mais funcional. Acompanhando essa lógica, na qual a funcionalidade se sobressai sobre a religiosidade, novos

³²https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag_203_Religi%C3%A3o_Evang_miss%C3%A3o_Evang_pente_costal_Evang_nao%20determinada_Diversidade%20cultural.pdf Acessado em 19/10/2018.

espaços cemiteriais vão surgindo na direção de atender esse tipo de demanda. Serão chamados neste trabalho de “cemitérios de novo tipo”, neste caso específico, os cemitérios-parque e os cemitérios verticais.

Observando que nos cemitérios tradicionais encontramos os contrastes de um passado marcado pela arte sacra e pelas fortes referências religiosas presentes em túmulos, contrastando com a padronização dos jazigos mais recentes, nos cemitérios-parque e nos verticais esse contraste simplesmente inexistente: todos os corpos são inumados segundo sistemas rigidamente estabelecidos que retira dos vivos praticamente qualquer possibilidade de diferenciação visível sobre os jazigos de seus entes queridos. A padronização nesse caso não é processual ou progressiva como é possível notar nos cemitérios tradicionais. Esses locais já foram concebidos de maneira planejada para que o evento da morte praticamente seja visto como algo tão corriqueiro quanto qualquer outro, apresentando como proposta arrefecer o sentimento doloroso da morte, pela via do conforto oferecido através de seus produtos e serviços aos enlutados.

Existe nesse novo modelo de cemitério uma espécie de inversão do foco sobre a morte. Nos cemitérios tradicionais a atenção é toda ou em grande parte dedicada ao defunto. No caso dos cemitérios-parque e dos cemitérios verticais, a atenção é voltada para os vivos, por meio dos serviços vendidos e prestados. Salas climatizadas para a realização do velório, traslados, assistência social e psicológica, e toda uma gama de ações oferecidas, para que os vivos se preocupem o mínimo possível com o tratamento a ser dado aos corpos de seus entes queridos, terceirizando tal responsabilidade aos profissionais contratados para esse fim.

Considerando que os cemitérios tradicionais foram historicamente submetidos ao crivo da lei para regulamentar suas atividades, o mesmo ocorre com os cemitérios particulares, que além das legislações às quais comungam com os cemitérios públicos, se submetem a diversos órgãos de fiscalização, devido ao caráter comercial dos serviços que oferecem. Ambos estão sob as regulamentações do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), mas os cemitérios-parque e os cemitérios verticais se submetem a outras instâncias, como a Agência Nacional de Vigilância Sanitária³³ (ANVISA), que determina as adequações normativas a serem seguidas pelas empresas funerárias. Apesar de serem direcionadas a essas empresas, essas normas acabam se aplicando indiretamente aos cemitérios, pois boa parte dessas

³³ Em 2009, a ANVISA lançou um documento chamado “Referência técnica para o funcionamento de estabelecimentos funerários e congêneres” no qual consta todas as exigências necessárias para o funcionamento dos estabelecimentos que lidam com cadáveres, bem como as orientações para as devidas fiscalizações por outros órgãos competentes em âmbito local e regional, como as vigilâncias municipais e estaduais. Essas referências são fundamentais para se compreender o processo de ressignificação das práticas funerárias, que será tratado em outro capítulo.

atividades são desenvolvidas nas dependências desses locais. O caráter comercial faz com que essas empresas possuam um relacionamento mais próximo entre si, ao passo que os cemitérios tradicionais, em sua maioria públicos, atendem a outro tipo de demanda, voltada para executar políticas públicas sobre o destino dos cadáveres.

No intuito de ilustrar as diferenças entre os “cemitérios de novo tipo” e os cemitérios convencionais, algumas disparidades foram encontradas durante a pesquisa. Primeiramente, observa-se aquelas referentes aos cemitérios verticais. O parâmetro se baseia no Cemitério Vertical de Curitiba³⁴, mas de modo geral é uma espécie de “fórmula” seguida pelos empreendimentos desse tipo.

- Lóculos³⁵: Cemitérios verticais não possuem sepulturas, mas sim gavetas ordenadamente distribuídas que são o lugar em que os mortos são depositados, denominados como “lóculos”. Primeiramente o cadáver é instalado em um desses locais no qual passará por um processo de decomposição por três anos. Após esse período o corpo é exumado e será depositado em um outro espaço, o ossuário (compartimento de 30 cm² de frente por 2,40m de profundidade), no qual ficará permanentemente. No entanto é possível contratar um plano no qual um lóculo seja o destino final do cadáver, similar ao jazigo perpétuo de um cemitério tradicional.
- Velário: Os familiares não têm permissão para acenderem suas velas no local de enterro de seus mortos. Há um espaço reservado em ambiente aberto para que prestem esse tipo de homenagem. Segundo a administração dos cemitérios, essa medida é importante pela segurança e limpeza do local.
- Ornamentos: Não são permitidos nos lóculos e jazigos enfeites ou elementos decorativos que destoem do padrão estabelecido. Apenas a fotografia do falecido e placas são permitidas, além de um pequeno espaço para se depositar no máximo um

³⁴ As informações sobre os procedimentos efetuados pelo Cemitério Vertical de Curitiba foram cedidas pelo gerente comercial da empresa que não autorizou a divulgação do seu nome. Para comparar as características de outros cemitérios verticais, foram visitadas as *homepages* de divulgação destes, sendo: www.memorialsantos.com.br, www.cemiteriometropolitano.com.br, www.memorialguarulhos.com.br e www.memorialdoaltotiete.com.br, (acessados em 17/10/2017). Observou-se que os serviços oferecidos são similares aos apontados.

³⁵ Os lóculos dos cemitérios verticais possuem o mesmo conceito dos lóculos das catacumbas romanas, diferenciando-se apenas na posição do corpo: nas catacumbas, os corpos são depositados de maneira que o visitante vê o lóculo como se o morto estivesse de perfil, enquanto que nos lóculos dos cemitérios verticais os cadáveres são depositados com a cabeça ou os pés voltados para o visitante.

ramalhete de flores (na maioria dos casos, artificiais). Coroas de flores e similares são descartados após o velório.

- Oratórios: são o único espaço no qual os familiares possuem alguma liberdade de personalização do local de sepultamento. Trata-se de uma adaptação para simular o mausoléu dos cemitérios tradicionais. Porém, as dimensões desse espaço são determinadas pelas diretrizes do cemitério.
- Templo: As famílias podem utilizar um espaço semelhante a um templo, para a celebração de cerimônias religiosas, mas esse local geralmente não possui nenhuma referência religiosa, como por exemplo, símbolos ou imagens.
- Acessibilidade: Elevadores e rampas são obrigatórios nesses locais, quer seja para atender os enlutados com deficiência de locomoção ou para o cortejo do corpo em direção aos lóculos.
- Tratamento de gases poluentes: atendendo às exigências sanitárias, os lóculos são interligados por um sistema de ventilação que além de acelerar o processo de decomposição dos cadáveres, são filtrados antes de serem expelidos por pequenas chaminés no alto dos prédios.



Figuras 24 e 25: Interior do Cemitério Vertical de Curitiba. Na figura 24, os lóculos, onde são depositados os restos mortais após o tempo determinado pelo cemitério. Na figura 25, um dos corredores nos quais os lóculos estão distribuídos. (Acervo do autor)

Como se pode observar, esse modelo novo de cemitério se apresenta de forma ressignificada: o conceito de cemitério verticalizado é minuciosamente e racionalmente constituído. Tudo é compartimentado, distribuído e organizado de modo técnico. Para que esse modelo se estabeleça é necessária a eliminação da maioria dos elementos presentes em cemitérios tradicionais.

O segundo modelo de “cemitério de novo tipo”, o cemitério-parque³⁶, apesar de não possuir um aparato arquitetônico tão complexo como o vertical, segue a mesma lógica da racionalidade e tecnicidade no que se refere à prática funerária do enterro. De maneira geral, os cemitérios do tipo parque se apresentam como a concretização literal da expressão “campo santo”. Esses locais apresentam em sua maioria algumas características comuns:

- Gramados: os cemitérios-parque transmitem a ideia de um jardim, através da predominância do verde expressos pelos diversos tipos de plantas e árvores que ambientalizam esses locais.
- Horizontalidade: todos os jazigos se encontram ao nível do chão.
- Velários: assim como nos cemitérios verticais, não são permitidas velas acesas diretamente nos jazigos, possuindo lugares específicos para esse fim.
- Templo: espaço sem simbologia religiosa destinados aos cultos funerários, como nos cemitérios verticais.
- Ausência de arte tumular ou símbolos: para preservar a horizontalidade, não são permitidos nenhum tipo de objeto de arte nos jazigos.
- Medidas ambientais: os jazigos, por serem subterrâneos, são revestidos por materiais impermeáveis, no intuito do necrochorume³⁷ ser escoado por uma tubulação específica, sendo depositado em uma espécie de fossa, também impermeabilizada para depois ser tratado.

³⁶ Cemitérios-parque não são, necessariamente, modernos. A influência dos cemitérios desse tipo é de origem protestante. Segundo PEREIRA (2006), os cemitérios protestantes do século XIX, contrastavam com os cemitérios católicos, principalmente por sua organização e aparente atmosfera de paz transmitida pela área verde que apresentava. Contudo, vale ressaltar que os cemitérios-parque atuais (incluindo os cemitérios protestantes) se apresentam hoje como empreendimentos funerários comerciais.

³⁷ O necrochorume são líquidos putrefatos exalados pelos cadáveres. Segundo CAMPOS, A. P. (2007, p. 31) (...) *o necrochorume seria uma solução aquosa rica em sais minerais e substâncias orgânicas degradáveis, resultante do processo de decomposição de cadáveres nos cemitérios, com duração de seis a oito meses, ou mais dependendo das condições ambientais, e cuja formação se inicia após a morte no período coliquativo (após a fase gasosa).*



Figura 26 – Vista interna do Cemitério *Memorial Garden*, cuja aparência faz jus ao conceito de “cemitério-parque”. À esquerda, pode-se notar o velário. Ao fundo se encontram as salas de velório. (acervo do autor)

É possível observar, tanto nos cemitérios verticais quanto nos do tipo parque, que o recorte socioeconômico é evidente, considerando que o acesso a esse tipo de produto/serviço não é acessível a grupos sociais de baixa renda. São espaços que, a priori, se utilizam de dois argumentos para justificarem sua existência: o primeiro, que esses cemitérios são “necessários” diante da superlotação dos cemitérios convencionais; o segundo, que esses empreendimentos que padronizam o sepultamento desenvolveriam uma atmosfera de igualdade, pois a padronização e a regulamentação que impedem a diferenciação dificultaria determinar qual seria o nível socioeconômico dos mortos ali sepultados. Na prática, o que se observa é que esses locais se consolidam como espaços de segregação, haja vista que, em se tratando de um empreendimento, a lógica comercial prevalece sobre os interesses do papel social que um cemitério tradicional desempenha sobre a destinação dos cadáveres. No caso desses cemitérios, não se trata somente de dar destino aos corpos; acrescenta-se à prática de sepultamento racionalizado todo um aparato de produtos e serviços voltado aos vivos, os quais passam a ser consumidores, que se submetem a determinadas regras que limitam a liberdade de culto aos seus mortos em proveito do conforto das instalações e da praticidade dos serviços funerários prestados. Nos cemitérios tradicionais ou convencionais as disparidades de classes sociais ainda dividem um mesmo espaço que é o cemitério; o mesmo não ocorre nos “cemitérios de novo tipo”: não se separam somente os vivos dos mortos, mas também os mortos dos mortos, pois, se antes a Igreja determinava quem eram os mortos dignos de distinção social para ser enterrado *ad sanctum*, para a salvação de sua alma em local apropriado e distintivo, hoje é o mercado, que, através do poder aquisitivo, determina quais os mortos são dignos de uma morada “adequada”. Adequar-se significa submeter-se a uma lógica racionalizada que delimita

materialmente as fronteiras do que se deve ou não praticar nesses espaços. Entretanto, essas delimitações materiais sobre as práticas funerárias podem contribuir para a ampliação de outras instâncias nas quais estão o cemitério, que não são, essencialmente, físicas, como é o caso da inserção do cenário cemiterial em ambientes *virtuais*, por meio da *Internet*.

3.4 – O cemitério no contexto *virtual*

Considerando a racionalização como impulsionadora de uma visão pragmática sobre a função do cemitério, o papel que a tecnologia desenvolve na conduta, associado a um estilo de vida atual na qual o *virtual*³⁸ é tão ou mais relevante que o real, é possível identificar determinados aspectos relevantes nas formas em que as relações sociais são construídas (ou reconstruídas) diante do fato concreto da morte e da maneira como ela é tratada. Em suma, pode-se averiguar uma espécie de transferência dos espaços físicos para o assim chamado mundo *virtual*. O cemitério real hoje se encontra em coexistência com um novo *locus* de representação, que, por ignorar as barreiras físicas impostas pelas novas delimitações racionalizadas dos espaços cemiteriais, possibilita aos vivos novas abordagens na sua relação com os cemitérios e com os seus mortos.

Antes de elencar os elementos que compõem essas novas formas de representação, é relevante considerar alguns aspectos que delimitem essa relação difusa entre o real e o virtual. Nesse sentido, CERTEAU (1998) desenvolve uma definição relevante sobre o conceito de lugar e espaço:

Lugar é a ordem (seja ela qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha, portanto, excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo espaço. (...) Um lugar é (...) uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade. (p. 201).

E complementa: *O Espaço é o cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. (...) Em suma, o espaço é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos*

³⁸ O termo *virtual* possui origem no termo latino *virtu* = “virtude”. A apropriação desse termo para identifica-lo com a *internet* se dá por extensão, haja vista que o termo também significa *o que existe em estado potencial, sem corresponder a uma realidade atual*. (DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO DA LÍNGUA PORTUGUESA, p. 527).

pedestres. (p, 202). Partindo desse pressuposto, considera-se que o lugar se concentra na sua ordenação e o espaço na significação que é atribuída ao lugar, mas que não necessariamente se vincula fisicamente a ele.

Estabelecidas essas diferenças, é possível se utilizar de um outro conceito bastante útil desenvolvido por AUGÉ (1994) ao trabalhar com a definição de “não-lugares”. Na concepção do autor, existe uma “supermodernidade” que possibilita o desenvolvimento desses espaços relativamente difusos. Para ele, diferentemente da ideia de pós-modernidade, a supermodernidade não implica numa ruptura temporal, agregando elementos atuais a anteriores, numa gama complexa de relações entre o pré-moderno e o moderno. Assim, os “não-lugares” implicam em transitoriedade, podendo ser refletida no anonimato do indivíduo que por ele passa. Apesar de não aplicar o exemplo a cemitérios, estes são espaços nos quais o trânsito é fluente, as informações estão cada vez mais localizadas e fabricadas. O cemitério, no qual a virtualidade se utiliza para se expandir, se situa na passagem de “lugar” para “não lugar”. Com o avanço tecnológico, que fabrica informações, o mundo virtual que se apropria do espaço cemiterial acaba criando um espaço “paralelo”, podendo ser considerado uma espécie de “não-lugar”. Pode-se observar essa situação através de algumas características comuns aplicadas aos cemitérios analisados:

- Ferramenta de busca de jazigos: no Cemitério Municipal de Ourinhos existe a possibilidade de se localizar os jazigos pela *internet* através do site oficial³⁹ do cemitério. Digitando o nome completo, primeiro nome ou parte do sobrenome, todos os jazigos cadastrados podem ser localizados. Após a pesquisa do nome aparece para o internauta a localização do jazigo através de um mapa, definindo quadra número da sepultura e da perpétua.

Esse serviço oferecido por alguns cemitérios os coloca na posição de não-lugar pois oferece à pessoa que procura por um jazigo seu total anonimato. A visualização do mapa é retirada de imagens de satélite oferecidas pela empresa Google, através do *site* Google Maps. Em suma, é possível visualizar o local sem estar presente fisicamente.

³⁹ www.cemiterio.ourinhos.sp.gov.br (acessado em 09/08/2017)

- *Homepages* : Os cemitérios particulares, como o *Memorial Garden* e o Cemitério Vertical de Curitiba possuem páginas próprias⁴⁰, nas quais divulgam seus produtos e serviços.

É importante ressaltar que esses *sites* trazem em sua apresentação a ênfase na comercialização em detrimento de valores relacionados à morte. Ao visualizar os conteúdos do *site*, é possível notar que o discurso adotado é voltado a um público considerado muito mais como consumidor do que como enlutado, como se a morte fosse acessória, e não o motivo principal.

- Aplicativo para *smartphone*: No Cemitério da consolação, uma empresa de tecnologia especializada em cemitérios⁴¹ inseriu *QR code*⁴² nas sepulturas consideradas “mais importantes”, que seriam aquelas que apresentam arte cemiterial ou figuras ilustres ali enterradas. Ao posicionar a câmera do celular com acesso à *internet* sobre o código, a biografia do sepultado ou uma ficha técnica sobre a obra de arte aparece na tela.

Tratando-se do caso das heterotopias, a inserção desse tipo de tecnologia pela empresa *Memoriall* faz do Cemitério da Consolação um lugar e não-lugar concomitantemente: a presença física da arte tumular e dos jazigos de membros importantes da sociedade se desdobram em uma outra espacialidade identificável pela lente de uma câmera de *smartphone*.

- Velório Virtual: ainda incipiente no Brasil, algumas empresas do setor funerário oferecem esse serviço, que consiste em utilização de câmeras conectadas à *internet* para transmissão em tempo real do velório.

⁴⁰ www.cemiteriovertical.com.br e www.memorialgarden.com.br (acessados em 09/08/2017)

⁴¹ Trata-se da empresa *Memoriall* (www.memoriall.com.br), especializada em serviços voltados à inserção de cemitérios em ambientes virtuais, utilizando-se de aplicação de *QR codes* em diversas sepulturas. Além do Cemitério da Consolação, outros cemitérios, como o Cemitério São Paulo e o Cemitério Campo da Saudade, em Jacareí, também estabeleceram parcerias com a empresa. Existem também outros serviços oferecidos que serão abordados no capítulo V.

⁴² Segundo OKADA e SOUZA (2011, p.60) *O QR Code é um Código de Barras em 2D, uma matriz ou código de barras bidimensional, criado pela empresa Japonesa Denso-Wave, em 1994. O QR vem de Quick Response, pois o código pode ser interpretado rapidamente, mesmo com imagens de baixa resolução, feitas por câmeras digitais em formato VGA, como as de celulares.*

Vale ressaltar que o argumento utilizado pelas empresas desse setor é o de proporcionar aos parentes e amigos que não podem se deslocar até o local, a possibilidade de visualizar o velório sem estar presente fisicamente, gerando uma dualidade no que se considera “presença” em um evento desse tipo.

TENESCU (2014) desenvolve um importante estudo sobre a inserção dessas mídias aplicadas aos cemitérios na Europa e como esses espaços virtuais contribuem para a ressignificação desses locais e das práticas funerárias. Segundo a autora,

O ciberespaço fúnebre ocupa um espaço, é caracterizado por uma distância por suas próprias medidas e espacialidades; é apenas uma heterotopia do cemitério real. No ciberespaço fúnebre, o visitante, como usuário dos serviços online oferecidos pelo site, está localizado em um espaço que se abre virtualmente, além o nível da superfície e permite que aquele que passa pelo cemitério virtual olhe onde já está ausente. O cemitério on-line funciona como uma heterotopia, no sentido de que o lugar que o visitante do local do enterro ocupa em um dado momento é absolutamente real, em relação ao espaço ao seu redor e, ao mesmo tempo, potencial, porque ele é obrigado, para ser percebido, a passar por um ponto virtual do ciberespaço, que está além do verdadeiro lugar sagrado. (p. 75)

A “virtualização” dos espaços fúnebres, oferecida como uma possibilidade de ampliar as homenagens dos enlutados aos seus entes queridos, acrescenta novas relações sociais envolvendo o trato dos vivos com seus mortos, nas quais essas ocorrem de maneira mais diluída. Essa diluição ocorre quando a tecnologia (nesse caso, concentrada no ambiente virtual da internet) proporciona a falsa percepção de que a morte é um fato corriqueiro. Quando o falecimento é de uma pessoa próxima, como um amigo ou familiar, é compreensível que o sentimento de perda seja mais intenso do que a notícia sobre a morte de uma pessoa ou parente distante ou um desconhecido. Porém, diante de um modo de vida racionalizado e até mesmo desencantado, a exacerbação desses serviços pode proporcionar um distanciamento não só às pessoas com menos convívio, mas se ampliar inclusive aos parentes e amigos. Isso porque a tecnologia pode ser fetichizada a tal ponto que até mesmo os sentimentos gerados pela morte podem diluídos no processo. Segundo CASTELLS (2000),

A tendência predominante nas sociedades, como expressão de nossa ambição tecnológica e em concordância com nossa comemoração do efêmero, é apagar a morte da vida ou torna-la inexpressiva pela sua representação repetida na mídia, sempre como a morte do outro, de forma que a nossa própria seja recebida com a surpresa do inesperado. Separando a morte da vida e criando o sistema tecnológico para fazer com que esta crença dure o suficiente,

construímos a eternidade durante nossa existência. Assim, tornamo-nos eternos exceto naquele breve momento quando somos rodeados pela luz. (p. 547)

Essa “eternização” torna-se paradoxal quando observada no cenário virtual proporcionado pela internet. A rede mundial, numa velocidade extraordinária de mudanças, coloca sobre a morte um fenômeno que, no esforço de eternizar, consegue ao mesmo tempo efemerizar a relação existente entre a dor da perda e o culto à memória. Isso se deve ao fato de que, num modelo de sociedade “mediatizada”, a busca desenfreada pela visibilidade dos eventos íntimos é constante, não se excluindo desse processo a morte e o luto.

Tradicionalmente, a visibilidade das práticas funerárias se dá pelas cerimônias fúnebres, como o velório, a cremação e o enterro. Porém, diante da “mediatização”, esses eventos podem ser ressignificados por estratégias virtuais de exposição, através da espacialidade virtual.

Numa sociedade marcada pelo ritmo das imagens e pautada pelo discurso da busca da eternidade, acreditamos que a informacionalização seja uma nova via de construção e manutenção da vida. Na sociedade mediatizada estabelecem-se novos parâmetros de produção e relação, definem-se novas espacialidades, produzem-se novos homens, constitui-se não apenas uma nova vida, mas uma ‘nova morte’. (REZENDE e BARBOSA, 2007, p. 3)

No intuito de ilustrar essa complexa influência do universo virtual nos cemitérios, podemos elencar o caso emblemático de um cemitério brasileiro: o Cemitério-parque “Jardim da Ressurreição”.

3.4.1 – O cemitério “Jardim da Ressurreição”: O uso das redes sociais como mediatização.

Durante a pesquisa, um caso de utilização dos meios digitais para divulgação de um empreendimento cemiterial e de ressignificação desse tipo de espaço foi o do cemitério-parque “Jardim da Ressurreição” localizado em Teresina, Piauí. O que chama a atenção para o caso desse cemitério é o uso que essa empresa faz das redes sociais como o *Facebook* para realizar suas propagandas: a utilização de *memes*.

O *meme* é um recurso muito popular nos meios de internet, principalmente nas redes sociais. Podem ser expressados na forma de desenhos, vídeos, frases, etc. A ideia é fazer com que esses símbolos sejam uma representação bem-humorada de uma intenção que fique gravada na memória daquele que o visualiza e se espalhe para o maior número de pessoas possível. O

termo *meme* tem origem na obra de Richard Dawkins, intitulado *O gene egoísta*, no qual o autor cria uma terminologia análoga ao termo *gene*. Para Dawkins, assim como o gene é um replicador da vida, sendo transmitido biologicamente, poderia existir um replicador cultural, um item que transmita informações pela via da imitação, espalhando-se por diversas sociedades e meios culturais.

Exemplos de memes são melodias, ideias, "slogans", modas do vestuário, maneiras de fazer potes ou de construir arcos. Da mesma forma como os genes se propagam no "fundo" pulando de corpo para corpo através dos espermatozoides ou dos óvulos, da mesma maneira os memes propagam-se no "fundo" de memes pulando de cérebro para cérebro por meio de um processo que pode ser chamado, no sentido amplo, de imitação. Se um cientista ouve ou lê uma ideia boa ele a transmite a seus colegas e alunos. Ele a menciona em seus artigos e conferências. Se a ideia pegar, pode-se dizer que ela se propaga a si própria, espalhando-se de cérebro a cérebro. (DAWKINS, 2017, p. 148)

Do arcabouço teórico para o mundo da internet, o *meme* se resume nas redes sociais a um conjunto de imagens, vídeos, frases e outras informações que se espalham de maneira viral nessas redes, agregando em si diversos fatores discursivos que pretendem condensar numa única informação todo um conjunto de pensamentos. No caso do Cemitério Parque “Jardim da Ressurreição”, a equipe de marketing da empresa adotou uma estratégia inusitada para divulgar seus serviços: utilizar *memes* sobre a morte mas de maneira lúdica, o que causou justamente o efeito esperado, que era o de tornar o cemitério conhecido nas redes sociais.



Figuras 27 e 28: Exemplos de *memes* utilizados pelo Cemitério Jardim da Ressurreição. Na primeira imagem, a relação entre a expressão “hoje tô só o pó”, referente ao cansaço, e a urna cinerária. Na segunda imagem, uma expressão popular, “Se juntas já causam, imagine juntas”, que se refere aos laços de proximidade e amizade e os jazigos com mais de um lugar. Fonte: <https://www.facebook.com/jardimdaressurreicao> (acessado em 10/08/2017)

Ao entrar em contato com o cemitério Jardim da Ressurreição via *chat* da rede social *Facebook*, foram enviadas algumas perguntas sobre a estratégia utilizada pelo cemitério para realizar esse tipo de divulgação. Foi passada a informação de que a empresa responsável pela campanha de divulgação não é o próprio cemitério, mas uma empresa local de marketing denominada Agência CJFlash, localizada também em Teresina que ficou responsável por enviar as repostas. Sobre a utilização de *memes* como meio de divulgação, foi afirmado que a estratégia se iniciou em 2015 e que até 2017 alavancou um aumento de 56% nas vendas de jazigos. Sobre a repercussão nas redes sociais, afirmaram que na maior parte das vezes o retorno é positivo, salvo alguns questionamentos, conforme o depoimento abaixo:

Tivemos poucos feedbacks negativos até hoje. Teve um post da série mini-mortes que falava do medo que as pessoas têm quando um motoqueiro se aproxima delas na rua. Fomos acusados de ser preconceituosos com os motociclistas. Outro, tinha uma estátua sensual. Aí, muita gente achou que colocava a mulher como objeto sexual. A pedido dos próprios seguidores, apagamos os posts. Embora, não tivéssemos a menor intenção de ofender. Ficou a lição. Aprendemos muito com os fãs. Ao criar conteúdo, temos que pensar em todas as possibilidades dele ser interpretado. Recebemos muitos elogios, principalmente, sobre a forma como conseguimos abordar um assunto tabu de forma leve e com humor.

A informação realmente procede. Na rede social, é possível avaliar, através de “estrelas”, de uma a cinco, além de acrescentar comentários sobre a empresa, que o Cemitério Jardim da Ressurreição possui quase a nota máxima em sua média: 4,9. Considerando que no universo de “seguidores” da página, que possui aproximadamente duas mil pessoas, em um ambiente virtual como o *Facebook*, é uma marca altíssima. Segue abaixo algumas opiniões sobre o cemitério:

“Página excelente! Nunca vi um cemitério com uma página que aborde o assunto de maneira tão descontraída. Conteúdo de muito bom gosto. Recomendo!”

“Dá vontade de morrer ai só pra virar meme. Sensacional fazer desse momento tão difícil, virar um jeito mais fácil de aceitar rsrs.”

“É preciso coragem para inovar e falar da morte com leveza, humor e criatividade sem ultrapassar a barreira do mal gosto, mas essa página consegue! Não causa ofensas apenas permite que o usuário visualize o serviço que ela oferta por outro ângulo.”

O uso dos *memes* como meio de divulgação na rede social ultrapassou o limite do mero trato com a morte. Diante da ampla aceitação, o setor de marketing na empresa passou a fazer do cemitério um veículo para outras campanhas não diretamente ligadas apenas à venda de jazigos e demais serviços funerários. Datas comemorativas e campanhas de conscientização também fazem parte do portfólio da empresa: desde café da manhã oferecido nos dias dos pais, até campanhas de doação de sangue e de prevenção ao câncer de mama e de próstata já se tornaram *memes* utilizados pela empresa.



Figura 29: Zé Vampir, da Turma do Penadinho de Mauricio de Souza, em *meme* utilizado para campanha de doação de sangue promovido pelo cemitério Jardim da Ressurreição. Fonte: <https://www.facebook.com/jardimdaressurreicao/>



Figuras 30 e 31: *Mememes* utilizados no Dia Nacional da Consciência Negra e Dia dos Pais. Fonte: <https://www.facebook.com/jardimdaressurreicao/>

A princípio, pode-se observar que o caso do Cemitério Jardim da Ressurreição é uma exceção à regra se comparado ao outras necrópoles. No entanto, torna nítido o processo de

ressignificação, no qual o espaço cemiterial agrega diversos elementos nos quais a morte, antes inserida majoritariamente no âmbito religioso, passa a se fragmentar em outras instâncias trazidas por novas formas de apropriação do culto aos mortos⁴³.

A modificação física, estrutural, legal, bem como a inserção dos cemitérios em ambientes virtuais contribui para a compreensão de que esses espaços se encontram em processo de ressignificação constante. O local de culto religioso aos mortos, que posteriormente se racionaliza e seculariza, passa a ser também espaço em que os bens funerários passam a ser comercializados e “virtualizados”. Nesse sentido, é possível perceber que esse processo não se restringe somente ao espaço cemiterial, mas ultrapassa os limites estruturais, interagindo direta e indiretamente com as práticas funerárias, que se encontram em situação similar.

⁴³ A forma como o Cemitério Jardim da Ressurreição desenvolve suas atividades também se insere na mercantilização das práticas funerárias. A estratégia utilizada pela empresa, particularmente impulsiona esse quesito, que será abordado no capítulo V.

CAPÍTULO IV – A RESSIGNIFICAÇÃO DAS PRÁTICAS FUNERÁRIAS.

4.1 – A prática funerária como ação social

Conforme observado, os espaços cemiteriais apresentam, no decorrer de sua trajetória, diversas características que demonstram um progressivo processo de ressignificação. Diante da influência da racionalização e da secularização, os cemitérios enquanto espaços sagrados passam a coexistir com as suas dimensões práticas e instrumentais. Processo semelhante ocorreu com as práticas funerárias, particularmente aquelas vinculadas aos cemitérios. Entretanto, podemos considerar como práticas funerárias⁴⁴ todas as atividades que envolvem o tratamento dado ao corpo de um indivíduo após o seu falecimento. Variando de uma civilização para outra, geográfica e temporalmente, são infindáveis os tipos de práticas funerárias. Para melhor compreensão do processo de ressignificação dessas práticas, serão analisadas as práticas funerárias mais frequentes no Brasil que possuem uma relação com o ambiente cemiterial. A forma como se tratam os mortos passou por diversas transformações, afetando de forma direta e indireta o próprio significado dessas atividades. Da preparação do cadáver ao enterro (ou à cremação), os mortos passam por diversos procedimentos que implicam dar a eles descanso eterno, condução da alma, dignidade e/ou adequabilidade diante do risco à saúde pública. Religiosa ou racionalmente, os vivos sempre dedicaram parte de sua vida ao tratamento dos mortos. Um dos aspectos mais importantes a serem analisados é a maneira como os aspectos religiosos das práticas funerárias foram progressivamente coexistindo com os aspectos racionalizados e em alguns casos sendo substituídos por eles, acrescentando a esse tipo de conduta novos significados.

O ponto de partida para a compreensão das mudanças nas práticas funerárias é o impacto causado pela morte e o significado atribuído a esse evento. A dor da perda impulsiona um desejo por parte dos vivos em proporcionar algo aos entes que partiram e alento à memória dos que ficaram, numa condição de preenchimento causado pelo vazio da morte. Apesar da busca por significado diante da ausência dolorosa provocada pela morte ser uma questão, em primeira instância, de um *ethos* religioso, ela também pode ser influenciada por fatores não-religiosos no que se refere às ações relacionadas à finitude da vida. Segundo Weber (1974, p. 310), *É*

⁴⁴ Segundo ARIÉS, (1977, p. 22), a raiz do termo “fúnebre, funerário”, e outras terminologias relacionadas ao tema, derivam da palavra *funus*, que *significa, ao mesmo tempo* o corpo morto, os funerais e o assassinato. Nesse sentido, pode-se afirmar que práticas funerárias não estão necessariamente vinculadas a uma determinada denominação religiosa.

claro que o modo de vida determinado religiosamente é, em si, profundamente influenciado pelos fatores econômicos e políticos que operam dentro de determinados limites geográficos, políticos, sociais e nacionais. Partindo dessa premissa, é relevante perceber onde se localizam esses “limites”, haja vista que os fatores apontados acima por Weber podem fazer com que essas fronteiras se ampliem ou recuem no trato com os mortos e possivelmente, se sobreponham a eles, nos quais os aspectos culturais sofrem influência das transformações da sociedade.

Os processos de secularização e racionalização se entrelaçam, modificando significativamente valores relacionados às práticas mortuárias. A fundamentação das práticas fúnebres, até então majoritariamente religiosa, se liquefaz diante da imposição constante das mudanças políticas, econômicas, tecnológicas e sociológicas. Apesar de não perder por completo seu caráter valorativo e simbólico, as práticas que envolvem o trato com os mortos carregam em seu bojo, de maneira cada vez mais pertinente, uma carga de legitimação (ou justificação) de valores em vias de se estabelecerem.

As práticas funerárias podem ser classificadas como ações sociais. WEBER (2002, p. 37), ao desenvolver o conceito de ação social, define que ela *pode ser orientada para ações passadas, presentes ou futuras de outros*, e que elas devem possuir um sentido, não sendo dirigida por mera imitação (p. 39). Além disso, o autor estabelece as quatro tipologias clássicas: *ação social tradicional, ação social racional com relação a fins, ação social racional com relação a valores e ação social afetiva* (p. 41). Tomando como parâmetro a perspectiva weberiana, é possível compreender o contexto no qual se inserem as práticas funerárias, haja vista que elas podem se enquadrar nos quatro tipos de ação social, e essa classificação as insere no processo de ressignificação, principalmente no que se refere às ações sociais racionais.

A tradição, limítrofe entre a imitação e o sentido, é a forma mais antiga nas quais as práticas funerárias se inserem. Isso porque a influência da religião na significação da morte que conduz os vivos a cuidarem de seus mortos ainda é observável. No caso brasileiro, o cristianismo, representado principalmente pelo catolicismo romano, é determinante na forma como a morte foi e ainda é vista, apesar de menos influente do que em tempos anteriores. A crença na vida após a morte relacionada à dignidade do cadáver no processo de tratamento até o seu destino final permeou durante séculos as práticas funerárias como ações sociais tradicionais. Contudo, hoje se encontra menos visível mas ainda é norteadora desse tipo de conduta.

O afeto, por sua vez, transita entre a tradição e a racionalidade: independentemente de ter fundamentação religiosa ou racional, a dor da perda é motivação suficiente para os procedimentos a serem dados aos mortos no decorrer do tempo; muito se fez em relação aos

corpos de pessoas queridas que vieram a falecer. Mesmo que esse tratamento tenha sido progressivamente transferido a terceiros, as justificativas para essa transição ainda se dão, em certa medida, à dor extrema de ter que lidar com um cadáver de uma pessoa muito próxima, o que não ocorre com os profissionais dessa área, que adotam posturas mais técnicas, metódicas, tipicamente racionalizadas.

A racionalidade com relação a valores pode ser considerada o primeiro passo de uma orientação das práticas funerárias desvincilhadas dos aspectos religiosos. É perfeitamente possível que se executem práticas funerárias baseadas em outros valores que não os religiosos, como por exemplo, a dignidade do corpo do falecido ou a consideração dos familiares e amigos pela pessoa que morreu que lhes inspiram a prestar homenagens póstumas.

No que se refere à racionalidade com relação a fins, ela representa a principal caracterização da resignificação das práticas funerárias. As mudanças pelas quais passam os cemitérios tradicionais e a nova configuração dos cemitérios de novo tipo, demonstram a transição existente entre um modo de tratar a morte e os mortos, na qual a religião como norteadora desse tipo de conduta progressivamente passa a coexistir com práticas racionalizadas. Essa configuração é mais evidente nos cemitérios de novo tipo, pois eles agregam junto a si toda uma logística e uma proposta de serviço voltada ao consumo, cercados de um mercado funerário cujas características racionalizadas estão mais evidentes do que nos cemitérios tradicionais, que ainda resistem a esses aspectos devido à sua trajetória histórica relativamente mais conservadora quanto às “inovações” desse setor. Nesse sentido, até mesmo a definição atual das atividades que envolvem a morte e o cuidado com os mortos é definida racionalmente e burocraticamente estabelecida.

4.2- A religiosidade nas práticas funerárias e sua relação com a distinção social

Das práticas funerárias existentes, o enterro se configura, no Brasil, ainda como a principal prática à qual estão voltadas todas as outras ações relacionadas aos cuidados com o corpo e à relação entre vivos e mortos. Isso porque entre a morte e o enterro existem outras ações que lidam com o corpo humano sem vida, que, em conjunto com o sepultamento estabelecem a construção de um rito de passagem (do mundo dos vivos para o mundo dos mortos). São múltiplas e complexas as diferentes concepções de mundo que levam diferentes sociedades a darem aos mortos um tratamento sagrado, mas conforme GENNEP (2011) alguns elementos são comuns na relação entre os vivos e as formas de destino a serem dadas aos

mortos. Descrevendo diversos ritos funerários de diversas sociedades ao longo da história, o autor esclarece que em geral os vivos costumam temer os seus mortos, principalmente quando estes não são submetidos aos rituais necessários para se encaminharem ao seu mundo específico.

Os indivíduos para os quais não foram executados os ritos fúnebres, assim como as crianças não batizadas ou que não receberam nome, ou não foram iniciadas, são destinados a uma existência lamentável, sem poder jamais penetrar no mundo dos mortos nem se agregarem à sociedade aí constituída. São os mortos mais perigosos, porque desejariam reagregar-se ao mundo dos vivos, mas não podendo fazê-lo conduzem-se como estrangeiros hostis. Além disso, estes mortos sem lar nem lugar sentem frequentemente um amargo desejo de vingança. Deste modo, os ritos dos funerais são ao mesmo tempo ritos utilitários de grande alcance, que ajudam os sobreviventes de inimigos eternos. (p. 138)

Em suma, pode-se perceber que, além de tentar contribuir para uma boa passagem para o mundo dos mortos, dedicar atenção e bons cuidados aos falecidos se configura numa garantia de bem-estar, haja vista que os mortos ao serem ritualizados da maneira adequada seguirão seu caminho com tranquilidade, e em alguns casos, segundo a religiosidade popular, poderiam até interceder pelos vivos ao adentrarem no mundo dos espíritos, ou no mínimo, não trazer incômodo aos seus familiares e amigos vivos. Também é possível perceber que alguns mortos são mais problemáticos que outros, revelando que a segregação social em vida pode ser transferida aos mortos. Se não foram incluídas em vida, essas pessoas agora falecidas necessitam passar pelos rituais que os insiram na morte.

Na concepção desse autor, os mortos passam por dois processos rituais, nos quais o primeiro seria o de *separação* entre os vivos e os mortos (delimitar e evidenciar o local social em que cada indivíduo, dada sua relevância em vida seja delimitada na morte) e o segundo o de *incorporação* dos mortos ao seu destino espiritual (encaminhamento dos mortos ao seu lugar devido). Excetuando-se as particularidades de cada agrupamento social nesse processo, os ritos fúnebres colaboram, de maneira geral, para a manutenção das mentalidades em torno das crenças sobre vida, morte, e vida após a morte. REIS (1991) em sua obra *A morte é uma festa – ritos fúnebres e revolta popular no Brasil no século XIX* traz uma das mais importantes referências sobre as práticas e rituais funerários desse período. O autor, referindo-se à obra de Genep, sintetiza o que seriam esses rituais.

Entre a separação e a incorporação, o morto ficaria no limite entre o aqui e o além, uma espécie de parêntese existencial a ser ritualmente preenchido pelos vivos.

São exemplos de ritos de separação a lavagem e o transporte do cadáver, a queima de objetos pessoais do morto, cerimônias de purificação, de sepultamento, rituais periódicos de expulsão do espírito do morto da casa, da vila, enfim, do meio dos vivos, o luto e os tabus em geral. Ritos de incorporação seriam aqueles dirigidos a propiciar a reunião do morto com aqueles que seguiram antes, como por exemplo, a comida servida para a sua viagem, a extrema-unção, o próprio enterro do cadáver.

Vale ressaltar também os aspectos afetivos e tradicionais dessas práticas: apesar dos métodos exigidos por essa ou aquela denominação religiosa baseada na ancestralidade, os viventes não se sentem ojeriza em cuidar dos corpos dos seus falecidos, diferentemente da atualidade, na qual esse serviço passa a ser terceirizado a pessoas especializadas nesse ofício cuja relação com o corpo é meramente profissional.

No Brasil, a fundamentação religiosa presente nas práticas funerárias é influenciada principalmente pela Igreja Católica, que era a detentora dos sacramentos⁴⁵ a serem dados pré e pós morte. Aos moribundos, o principal sacramento oferecido pela Igreja é o da Unção dos Enfermos, também conhecida como Extrema-unção, cuja intenção reside em, quando a velhice ou a doença terminal sinalizam uma morte iminente, garantir que a alma do unguído encontre os reinos de Deus, podendo ser acompanhado da confissão e da Eucaristia, nesse caso específico da morte próxima, chamada de Viático⁴⁶.

Este sacramento (a Unção dos Enfermos) pode ser recebido pelo fiel que começa a encontrar-se em perigo de morte por doença ou velhice. O mesmo fiel pode recebê-lo também outras vezes se a doença se agrava ou então no caso de outra doença grave. A celebração deste sacramento, se possível, deve ser precedida pela confissão individual do doente.

A celebração deste sacramento consiste essencialmente na *unção* com óleo benzido, se possível, pelo Bispo, na frente e nas mãos do doente (no rito romano, ou também noutras partes do corpo segundo outros ritos), acompanhada da *oração* do sacerdote, que implora a graça especial deste sacramento.

(O Viático) É a Eucaristia recebida por aqueles que estão para deixar esta vida terrena e se preparam para a passagem à vida eterna. Recebida no momento

⁴⁵ Os sacramentos da Igreja Católica Apostólica Romana são como “Bênçãos oficiais”, ao fiel que professa sua fé nessa religião. São no total sete: Batismo, Confirmação (também conhecido como Crisma), Eucaristia, Penitência (confissão dos pecados) Unção dos Enfermos, Ordem e Matrimônio. Fonte: Catecismo da Igreja Católica (compêndio), em: http://www.vatican.va/archive/compendium_ccc/documents/archive_2005_compendium-ccc_po.html (acesso em 16/10/2018)

⁴⁶ A eucaristia oferecida aos moribundos deriva do termo latino *viaticum*, que significa “provisões de viagem”. Ou seja, o falecido entraria para o reino de Deus munido de um sacramento que lhe concederia a misericórdia divina. Fonte: Dicionário Escolar Latim-português, p. 1061.

da passagem deste mundo ao Pai, a Comunhão do Corpo e Sangue de Cristo morto e ressuscitado é semente de vida eterna e potência de ressurreição. (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA – COMPÊNDIO)

No caso de uma pessoa morrer sem os sacramentos, a Igreja ainda oferece as exéquias, que são os rituais sobre o já falecido. É relevante ressaltar que as exéquias são rituais menos metódicos se comparados aos demais sacramentos, respeitando algumas características locais que não se confrontem com a tradicionalidade católica.

As exéquias, embora celebradas segundo diferentes ritos correspondentes às situações e às tradições de cada uma das regiões, exprimem o carácter pascal da morte cristã na esperança da ressurreição e o sentido da comunhão com o defunto particularmente mediante a oração pela purificação da sua alma. Habitualmente as exéquias compreendem quatro momentos principais: o acolhimento da urna pela comunidade, com palavras de conforto e de esperança; a liturgia da Palavra; o sacrifício eucarístico; e «a encomendação», com o qual a alma do defunto é confiada a Deus, fonte de vida eterna, enquanto o seu corpo é sepultado na expectativa da ressurreição. (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA – COMPÊNDIO)

Vale ressaltar que o principal local das práticas funerárias baseadas na fé e na religião antes do sepultamento era a casa do falecido, completando um ciclo que era comum ocorrer nos lares: nascimento, envelhecimento, morte. A morte doméstica permitia que os falecimentos ocorressem de modo familiar, se constituindo em um evento que movia muitas pessoas. A Igreja cuidava do espírito; os fiéis, do corpo físico. Morrer em casa, cercado de familiares, amigos e vizinhos era considerada uma “boa morte” no século XVIII e XIX. Essas pessoas, cultivando um certo sentimento de solidariedade, realizavam os procedimentos de “toalete mortuário”, que consistia na preparação higiênica e estética do corpo para o velório e assim sua condução para o enterro. Morrer fora de casa não era desejável:

A moradia é o lugar da morte porque é, também, socialmente, o lugar da família, dos vizinhos, dos amigos, daqueles que podem ajudar uma pessoa a bem morrer e que podem pôr em prática os ritos funerários indispensáveis à proteção da casa e da família. (...) Essa parece ser uma das razões porque nossas estradas e caminhos estão povoados de santas-cruzes e de capelinhas-das-almas, erigidas nos lugares em que houve suicídios, homicídios ou mortes por acidente – na verdade, mortes fora do tempo e mortes desamparadas. (MARTINS, A., 1983, p. 263).

Toda a carga religiosa das práticas funerárias domésticas se estendia para o cortejo fúnebre, realizado após o velório. Em direção ao cemitério ou à igreja, os corpos receberiam seu destino final: o sepultamento. É relevante ressaltar que o sepultamento era o ponto de

referência de todas as ações fúnebres. Existe uma preocupação com o corpo até o momento em que ele não será mais cuidado, quando estará depositado sob a terra ou em um túmulo. As ações que envolvem as atitudes perante o morto podem sofrer diversas alterações, mas o sepultamento é a condição *sine qua non* dos fundamentos religiosos fúnebres, quer sejam eles com ou sem pompas. Isso porque antes da racionalização das práticas funerárias e da introdução da cremação como prática alternativa de destinação do cadáver, era inconcebível que uma pessoa falecida não tivesse seu corpo enterrado em algum lugar sagrado.

Uma das formas mais temidas de morte era a morte sem sepultura certa. E o morto sem sepultura era dos mais temidos dos mortos. Pois morrer sem enterro significava virar alma penada. Morrer afogado, por exemplo. (...) No interior do Brasil se reza “pras arma das onda do má”, ou seja, pelos que morreram afogados. (...)

Era importante morrer em terra firme, não para ser enterrado em qualquer lugar, mas em local sagrado. (REIS 1991, p. 171)

Segundo Reis, esse local sagrado, primeiramente, era a Igreja, na tradição do enterro *ad sanctum* e posteriormente os cemitérios. No modelo de enterramento no interior das Igrejas, o autor ressalta que os enterros no chão seguiam alguns procedimentos mas que em geral o contato dos fiéis com as sepulturas era direto:

Naquele tempo as igrejas não eram mobiliadas com bancos ou cadeiras exceto alguns poucos às vezes que eram encostados à parede. (...) os frequentadores das igrejas oravam e assistiam as missas de pé ou ajoelhados e, quando cansados e quando fosse apropriado, sentavam-se no chão, isto é, sobre as sepulturas. Arago escreveu com sarcasmo que no Brasil, durante as cerimônias religiosas, “os vivos passeiam sobre os mortos”. Estes ficavam em covas retangulares, com oito a seis palmos de fundo, cobertas com pedra de lioz, mármore ou madeira. As covas eram numeradas, para evitar que fossem abertas aquelas recentemente usadas. Para ajudar o processo de decomposição, cobriam-se os cadáveres com cal. (*op. cit.* p. 175-175)

A forma como essa prática era executada, entretanto, não era aleatória, pois o sepultamento de campas⁴⁷ era também uma explícita forma de distinção social baseada numa espécie de “geografia mortuária”, na qual os espaços mais próximos dos altares eram reservados às pessoas com maior prestígio social, econômico ou político, sepultando os mais notáveis no interior do templo e próximas ao altar-mor e os mais pobres e desprestigiados nos adros, que se localizavam à margem da Igreja. Segundo SILVEIRA (2010),

⁴⁷Segundo o Dicionário Aurélio, 1995, p, 121, “Campa” é o nome dado às lajes sepulcrais, a pedra que cobre o túmulo.

Os cemitérios de campas se distribuíam no interior dos templos católicos em três áreas distintas espacial e hierarquicamente. As de maiores proporções e menor prestígio são as campas localizadas no corpo da nave dos templos. Em seguida, em direção à capela-mor estavam localizadas as sepulturas do arco do cruzeiro e logo à frente destas, as sepulturas de maior valia situadas na capela-mor. As sepulturas do adro encontravam-se normalmente espalhadas nos espaços laterais. Em alguns casos foram cercadas por muros e em outros não, mantendo uma contiguidade visual entre os túmulos e a ruas. (p. 12)

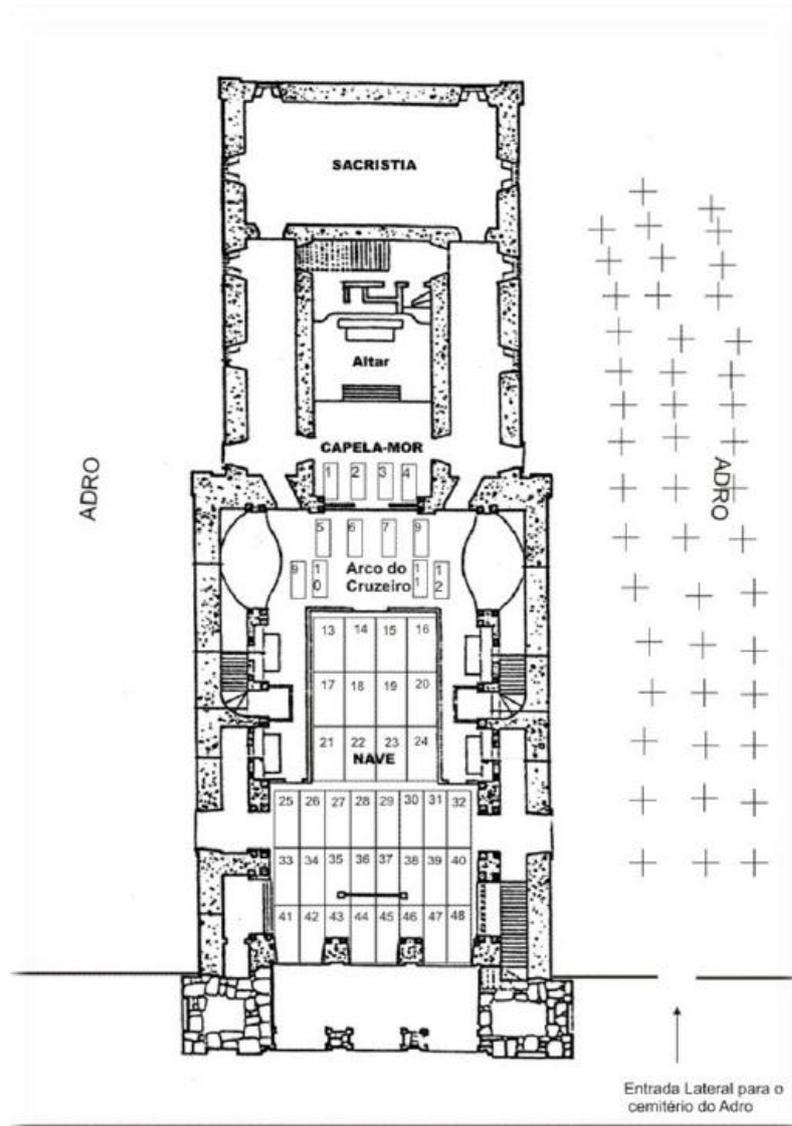


Figura 32 – Distribuição dos sepultamentos *ad sanctum*. Fonte: SILVEIRA, Felipe Augusto de Bernardi. **Práticas tradicionais de sepultamento na cidade de diamantina**. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano III, n. 7, Mai. 2010. Pág. 13.

É possível perceber que a prática do enterro *ad sanctum* não garantia somente a salvação das almas devido à sua proximidade com os santos, mas também uma nítida forma de distinção social, na qual os mais prestigiados, que já possuíam posição de destaque na sociedade dos

viventes, poderia garantir o usufruto da mesma distinção após a morte, transmitindo à sua família essa condição. O enterro no adro, considerado marginal não somente no seu aspecto geográfico, mas também social, era reservado aos grupos sociais “menos desejáveis”: hereges, criminosos, escravos, suicidas, pobres, mendigos; enfim, todos que não se enquadravam aos padrões sociais estabelecidos. Esses indivíduos não eram privados somente de um local de sepultamento individual, mas também de outras práticas funerárias como a toaleta, os sacramentos e pompas fúnebres. Segundo MARANHÃO (1996)

Quanto aos outros, os mais pobres e desvalidos, eram envoltos num sudário simples e, em seguida, literalmente despejados em fossas comuns, localizadas nas circunvizinhanças da igreja. Amontoados nessas fossas, verdadeiros poços de vários metros de largura, comprimento e profundidade, contendo de 1200 a 1500 cadáveres, os defuntos conservavam o seu silencioso anonimato de quando ainda eram vivos. A fossa só era fechada ao fim de alguns anos (ou meses, na ocasião das grandes fomes), quando ficavam cheias. Abria-se então, uma outra ao lado, na parte do adro há mais tempo sem escavações. (p. 30-31)

Tomando como exemplo um dos cemitérios analisados, o histórico do Cemitério da Consolação, antes de sua instalação, o desejo das famílias pobres paulistanas pela inumação nas igrejas levava, em alguns casos, a tomarem atitudes extremas, como o abandono dos corpos nas igrejas ou no seu entorno. Como afirma CAMARGO,

No entanto, a população pobre não teria como arcar com os custos desse luxo e, dessa maneira, a última alternativa era o abandono dos corpos no interior e mesmo fora das igrejas católicas da cidade. A humilhação nesses casos era muito grande para as famílias que, para fugir disso, geralmente faziam transportar o corpo pelas altas horas da madrugada, escapando assim da vergonha de tal ato frente ao resto da população. (2002, p. 59)

Os “indesejáveis” em vida também o eram após a morte. No intuito de remediar ou amenizar alguns desses problemas referentes aos rituais fúnebres e ao enterro digno, apesar de serem realizadas por fiéis, alguns deles representavam a Igreja através das irmandades religiosas, organizações católicas que se envolviam com aspectos mais emergentes da comunidade católica local, como no caso, a toaleta funerária, o velório e o enterro. Segundo BRUNO e PEREIRA (2017)

Já foi mencionada que a principal atribuição das irmandades religiosas era a assistência às exéquias de seus membros, obrigação que se estendia ao momento anterior a elas: o da agonia. Contudo, não eram apenas os membros

das irmandades que tomavam parte nos ritos de morte de seus membros: toda a comunidade era convidada a fazer o mesmo. (p. 11)

A presença das irmandades religiosas, principalmente no século XIX, no que se refere às práticas funerárias, desempenhava um papel importante na inserção social dos falecidos, haja vista que nem todos os mortos possuíam condições financeiras para arcar com os gastos com os funerais e os rituais. Caso contrário, a esses mortos estariam reservadas, como apontado anteriormente, as covas rasas e as valas comuns, algo considerado indigno para a época. Fazer parte de uma irmandade ou ser agraciado por sua benevolência fazia parte de uma das estratégias de superação de uma realidade excludente em torno das práticas de sepultamento.

Ao grupo dos indignos acrescenta-se outro: os protestantes. Inseridos em uma sociedade hegemonicamente católica, o destino dos seus corpos foi considerado incerto. No entanto, a predominância do catolicismo como norteador de conduta começa a demonstrar os primeiros sinais de enfraquecimento a partir do século XIX, quando, no Brasil, outras denominações religiosas, acatólicas, se instauram. Apesar de ainda ser considerada a religião oficial do Império, a Carta Constitucional de 1824 em seu artigo 5^o⁴⁸ prevê a liberdade de culto, ainda que de maneira tímida. Entretanto, na prática, outras denominações religiosas, entre eles os protestantes, oriundos da imigração, passaram por diversos problemas no que se refere aos seus sepultamentos, haja vista que o monopólio da Igreja Católica sobre os cemitérios ainda era vigente, delegando aos falecidos acatólicos sepultamentos marginais, implicado aos protestantes a vedação de suas práticas funerárias. Segundo CASTRO (2013)

No rol dos malditos, ou dos sem cova, estavam os não católicos, suicidas, usurários, escravos, condenados, natimortos sem batismo, maçônicos, dentre outros. A eles a sepultura, em muitos casos, era negada pela Igreja. Aos mortos protestantes caberia um enterramento destinado aos pecadores em geral, geralmente, no entorno próximo das capelas e igrejas. O que criou situações, no mínimo, constrangedoras e curiosas. (p. 5)

Com o advento da República e a consolidação da secularização do Estado, finalmente os membros de outras religiões puderam construir seus próprios cemitérios ou serem enterrados nos cemitérios públicos, já que estes não eram mais administrados pelas autoridades eclesiásticas. Nesse sentido, não só a secularização do Estado afetou algumas mudanças nas

⁴⁸ Art. 5. A Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Império. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto doméstico, ou particular em casas para isso destinadas, sem fôrma alguma exterior do Templo. (CONSTITUIÇÃO POLITICA DO IMPERIO DO BRAZIL). Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm . Acesso em 18/10/2018.

práticas funerárias. As religiões protestantes, diferentemente do catolicismo, adotam uma postura menos ritualizada sobre as práticas fúnebres. Conforme OLIVEIRA FILHO (2009),

Desta maneira, para o “*Protestantismo da Reta Doutrina*”, nenhuma ação ritualística do homem poderia contribuir para a decisão de Deus quanto ao destino dos fiéis. Buscou-se evitar ao máximo práticas rituais, muitas das quais foram relacionadas a práticas mágicas, satanizadas, pelos protestantes, ou simplesmente vistas como expressões da ignorância humana. (p. 4)

O protestantismo, ao se inserir no cenário brasileiro, traz consigo alguns sinais de mudança nas práticas funerárias, nas quais a ritualística, tão presente e necessária na visão de mundo do catolicismo romano, aos poucos começa a se enfraquecer, haja vista que as religiões protestantes não adotam a mesma postura perante a morte. Como afirma WEBER (2001), *O puritano genuíno rejeitava até todos os sinais de cerimônia religiosa no enterro, e sepultava seus entes mais queridos e próximos sem cânticos ou rituais para que nenhuma superstição ou confiança nas forças mágicas e sacramentais de salvação pudesse se insinuar.* (p. 80) Dessa forma, pode-se afirmar que no século XIX novas modalidades de práticas funerárias, dessa vez pautadas em princípios racionais começam a se desenvolver e se consolidar, avançando com mais ênfase no século XX e XXI, explicitando de maneira mais enfática o processo de ressignificação pelas quais passam, na qual a racionalidade finalística se desenvolve, criando novos cenários e novos agentes durante esse processo.

4.3 - A racionalização das práticas funerárias

No intuito de compreender como as práticas fúnebres se modificaram, adquirindo características cada vez mais funcionais/racionais em detrimento da religiosidade, é relevante compreender o contexto nas quais elas estão inseridas. No passado, particularmente na Idade Média até o final do Século XIX, o contato entre os familiares e seus mortos era próximo, haja vista que o índice de mortalidade nesse período era muito mais elevado, considerando as guerras e doenças (principalmente epidemias) que ceifavam milhares de vidas em intervalos de tempo muito curtos. Assim, a morte não era estranha aos olhos do homem medieval, e o evento do cessar da vida era visto com naturalidade. Segundo ARIÉS (1977, p. 22)

Em um mundo sujeito à mudança, a atitude tradicional diante da morte aparece como uma massa de inércia e continuidade. A antiga atitude segundo a qual a morte é ao mesmo tempo familiar e próxima, por um lado, e atenuada e

indiferente, por outro, opõe-se acentuadamente à nossa, segundo a qual a morte amedronta a ponto de não mais ousarmos dizer seu nome. Por isso chamarei aqui esta morte familiar de *morte domada*. Não quero dizer com isso que anteriormente a morte tenha sido selvagem, e que tenha deixado de sê-lo. Pelo contrário, quero dizer que hoje ela se tornou selvagem.

Ariés identifica que as atitudes perante a morte no decorrer do tempo, comparando-se passado e presente, apresentam modificações relevantes. Com o advento da modernidade, a morte passa a ser vista como uma aberração, um tabu, que deve ser tratado com reservas. A “domesticação” da morte medieval se opõe aos sentimentos relacionados a ela na modernidade, como se ela fugisse ao controle e se tornasse uma temática imprópria. *A morte, tão presente no passado, de tão familiar, vai se apagar e desaparecer. Torna-se vergonhosa e objeto de interdição.* (p. 53). A morte, domada no passado passa a ser uma *morte interdita* no presente, no qual a sua significação, por ser algo indesejável, abre caminho para novas formas de se lidar com a morte e os mortos. No entanto, a linha de raciocínio de Ariés, apesar de válida, não é unânime. Compreender as vicissitudes pelas quais passaram as atitudes perante a morte requer várias perspectivas. ELIAS (2001) contrapõe o historiador francês, indicando que Ariés realizou uma análise que, apesar de *ricamente documentada e instigante* (p.19), estava preconcebida por um olhar romântico sobre a morte, enviesado de maneira a fazer acreditar que a morte era um fenômeno tranquilo, ignorando um fato importante para o período que era o medo da morte e do inferno.

O certo é que a morte era tema mais aberto e frequente nas conversas na Idade Média do que hoje. A literatura popular dá testemunho disso. Morto, ou a Morte em pessoa aparecem em muitos poemas. (...) Em comparação com o presente, a morte naquela época era, para jovens e velhos, menos oculta, mais presente, mais familiar. Isso não quer dizer que fosse mais pacífica. Além disso, o nível social do medo da morte não foi constante nos muitos séculos da idade Média, tendo se intensificado notavelmente durante o século XVI. As cidades cresceram. A peste se tornou mais renitente e varria a Europa em grandes ondas. As pessoas temiam a morte ao seu redor. (...) Morte pacífica no passado? Que perspectiva histórica mais unilateral! (p. 21)

Diante desses dois posicionamentos, o que se pode pensar é que ambas as perspectivas são complementares para se compreender o processo de ressignificação pelos quais passaram os cemitérios e as práticas funerárias. Ariés explicita os aspectos históricos pelos quais as atitudes diante da morte se modificaram, enquanto Elias acrescenta os elementos sociológicos diante dessas atitudes. Apesar de uma relativa divergência, é possível identificar um ponto em comum: o significado e a conduta sobre os assuntos fúnebres acompanham as mudanças sociais,

na mesma direção em que essas sociedades, se modernizando, aprofundam suas perspectivas racionais sobre diversos aspectos da vida (e da morte).

Para compreender a mudança na significação das práticas funerárias, é necessário considerar que a racionalização é um fator fundamental para que esse processo ocorresse e ainda ocorra. Nesse sentido, Max Weber dedica boa parte de sua obra à compreensão da racionalidade que influenciou grandes mudanças de conduta na sociedade ocidental. Porém, é importante ressaltar, que a racionalização, a secularização e o desencantamento do mundo, temas tão caros a Weber, não implicam no desaparecimento ou aniquilação dos aspectos religiosos das práticas funerárias e dos cemitérios; elas desempenham um papel preponderante na modificação da conduta, na qual a religiosidade não é completamente exaurida, mas, inserida no que se considera como um processo de ressignificação, ou seja, o sentido atribuído às atitudes diante da morte adquirem novas atribuições e portanto, novos significados em face de uma sociedade que tende ao aprofundamento de um modo de vida mais racional e desencantado.

O destino de nossos tempos é caracterizado pela racionalização e intelectualização e, acima de tudo, pelo “desencantamento do mundo”. Precisamente os valores últimos e mais sublimes retiraram-se da vida pública, seja para o reino transcendental da vida mística, seja para a fraternidade das relações humanas diretas e pessoais. (WEBER, 2006 p. 57)

Diante dessa preponderância racional da sociedade, é possível observar a presença da racionalidade científica como norteadora de uma conduta perante a morte, considerando que esse evento, sendo algo que apesar de todas as tentativas em evitá-la não surtem efeito, dão ao menos, a sensação de controle. Isso seria uma característica das sociedades modernas ocidentais, que procuram dedicar à razão o sentido que a religião não consegue alcançar.

Assim sendo, as práticas funerárias, antes predominantemente religiosas, no campo da tradicionalidade e da afetividade, aos poucos migraram para uma racionalidade valorativa e por conseguinte, cada vez mais caracterizada pela racionalidade com um fim objetivado. Se não é possível controlar a morte, é possível fazer bom uso da razão quando ela vier a ocorrer, investindo em mecanismos que possibilitem amenizá-la.

No decorrer desse processo, não se pode ignorar a ascensão do capitalismo e do modo de vida burguês, nos quais os aspectos econômicos se ampliaram de maneira significativa, haja vista que a morte passa a ser vista como um negócio lucrativo, sob o artifício da técnica como legitimação. Atualmente, a fundamentação religiosa dessas práticas é acessória se comparada ao caráter extremamente burocrático pelo qual passa o corpo durante sua trajetória até o seu destino final, quer seja ele o cemitério ou o crematório. Cria-se um universo comercial no qual

a morte dilui-se, como se não existisse, suplantada pelos serviços oferecidos pelas empresas do setor, cujas características serão abordadas no capítulo V.

Se no passado, aos parentes e amigos era delegada a função de vestir, embelezar o corpo e realizar o velório na residência do falecido, com o passar do tempo e a popularização das empresas funerárias, funcionários desse setor passaram a realizar essas atividades, ainda de forma amadora, chegando até a atualidade, nas quais as práticas funerárias são cada vez mais realizadas por profissionais especializados⁴⁹.

Para estabelecermos quais são as práticas funerárias vigentes no Brasil, tomaremos como base a regulamentação estipulada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). Em seu documento “Referência técnica para o funcionamento de estabelecimentos funerários e congêneres”, publicado em 2009 consta a seguinte descrição:

Para efeito destas Orientações Técnicas são considerados estabelecimentos funerários e congêneres, as empresas públicas ou privadas que desenvolvam qualquer uma das seguintes atividades:

a) Remoção de Restos Mortais Humanos: medidas e procedimentos relacionados à remoção de restos mortais humanos, em urna funerária, bandeja ou embalagem específica, desde o local do óbito até o Estabelecimento Funerário, adotando-se todos os cuidados de biossegurança necessários para se evitar a contaminação de pessoas e/ou do ambiente.

b) Higienização de restos mortais humanos: medidas e procedimentos utilizados para limpeza e anti-sepsia de restos mortais humanos, com o objetivo de prepará-los para procedimentos de conservação, inumação ou outra forma de destino;

c) Tamponamento de restos mortais humanos: uso de tampões para vedação dos orifícios do cadáver;

d) Conservação de restos mortais humanos: empregos de técnicas, através das quais os restos mortais humanos são submetidos a tratamentos químicos, com vistas a manterem-se conservados por tempo total e permanente ou previsto, quais sejam, o embalsamamento e a formolização, respectivamente.

e) Tanatopraxia: emprego de técnicas que visam à conservação de restos mortais humanos, reconstrução de partes do corpo e embelezamento por necromaquiagem;

f) Ornamentação de Urnas funerárias: consistem na colocação de flores, véus e adornos decorativos e religiosos, conforme tradições e orientação religiosa;

g) Necromaquiagem: consiste na execução de maquiagem de cadáveres, com aplicação de cosméticos específicos;

⁴⁹ Segundo a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), de 2002, no título 5165-05 estão os Agentes Funerários, que incluem os tanatopraxistas, auxiliares de funerária e atendentes funerários, cuja descrição sumária é: “Realizam tarefas referentes à organização de funerais, providenciando registros de óbitos e demais documentos necessários. Providenciam liberação, remoção e traslado de cadáveres. Executam preparativos para velórios, sepultamentos, conduzem o cortejo fúnebre. Preparam cadáveres em urnas e as ornamentam. Executam a conservação de cadáveres por meio de técnicas de tanatopraxia ou embalsamamento, substituindo fluidos naturais por líquidos conservantes. Embelezam cadáveres aplicando cosméticos específicos.

h) Comércio de artigos funerários: exposição para venda de artigos funerários, tais como urnas funerárias (caixões), objetos decorativos e religiosos;

i) Velório: consiste nas honras fúnebres, conforme tradições e orientação religiosa. Ato de velar cadáveres;

j) Translado de restos mortais humanos: todas as medidas relacionadas ao transporte de restos mortais humanos, em urna funerária, inclusive aquelas referentes à sua armazenagem ou guarda temporária até sua destinação final. (ANVISA, 2009, p. 5-6)

Como é possível observar, a definição e regulamentação das práticas funerárias sinalizam o direcionamento racionalizado dessas atividades, nas quais os aspectos religiosos são considerados apenas no item “H” (velório). A tecnicidade e a atenção para a higiene são preponderantes no processo, que se aprofundam em cada um dos itens respectivamente. A família enlutada não se encontra como agente ativo no tratamento a ser dado aos cadáveres, sendo inclusive estimulada a terceirizar essa atividade. Sendo executadas por outros, as práticas funerárias cada vez mais são realizadas racionalmente segundo a sua finalidade, ou seja, durante o processo de tratamento dado aos mortos, quem se encontra mais próximo a eles não são os enlutados, mas sim os profissionais do setor funerário.

4.3.1 – As práticas funerárias e seus profissionais

A inserção dos profissionais funerários está intimamente ligada com o fato de que os mortos de hoje são isolados do contato com seus familiares. Na concepção de ELIAS (*op. cit.*) diferentemente da Idade Média, onde os indivíduos nasciam e morriam em suas casas, com o desenvolvimento científico, bem como a medicina, o processo de morte passa a ocorrer nos leitos dos hospitais, no qual os doentes prestes a morrer permanecem até o momento final. Dessa forma, o distanciamento entre vivos e mortos se aprofunda de tal maneira que o médico será o profissional que acompanhará o moribundo até o “momento da passagem”. Após a morte, o cadáver passa a ser conduzido por outro profissional, que se responsabilizará pelos seus cuidados até o momento do velório, última oportunidade dos familiares e amigos terem algum contato com o falecido.

Devidamente institucionalizados, os profissionais do setor funerário desempenham papel fundamental para a consolidação das práticas funerárias como uma atividade racionalizada, pois eles serão os principais intermediários entre a família e os seus mortos. BRADBURY (1999) realiza uma profunda análise sobre os aspectos das novas práticas funerárias britânicas. Apesar de se tornarem proeminentes ainda no século XIX, o processo pelo

qual os britânicos ressignificam as práticas funerárias, pela via da profissionalização dos agentes funerários, é análogo ao que ocorre no Brasil. Segundo a autora,

Essa profissionalização da morte teria profundas repercussões em nossa experiência de luto. Nestas mudanças, podemos ver como a morte foi removida do domínio da família. Cada vez mais as mulheres estavam sendo excluídas da organização social da morte. O uso de profissionais do sexo masculino não parou com a disposição dos mortos; os funerais contemporâneos da época tornaram-se tão complicados que logo tornou-se necessário entregar a organização do funeral aos novos agentes funerários. (...) Gradualmente, com a introdução de preocupações médicas, burocráticas e comerciais, o espaço entre a morte e o enterro se expandiu. (p. 14)

Essa distância entre a morte e o enterro (ou a cremação) é preenchida e ampliada na medida em que a profissionalização em torno do tratamento aos cadáveres se profunde. Um exemplo desse aprofundamento pode ser observado na especialização do serviço de tanatopraxia, fazendo desses profissionais, ainda que classificados pela CBO como Agentes Funerários, torna-se uma atividade cada vez mais distinta, devido ao seu caráter tecnicista evidente, por tratar diretamente com os cadáveres.

As funções do tanatopraxista de modo geral, são as de dar ao cadáver uma aparência que afaste o máximo possível a percepção do que ele realmente é: um corpo sem vida. Além do aspecto estético, uma das justificativas utilizadas para a realização dos procedimentos é a da eliminação dos riscos à saúde que podem ser causados pelo cadáver conforme avança seu estado de decomposição. Um cadáver que se submeteu à tanatopraxia pode permanecer por mais tempo em um velório sem ter sua aparência comprometida pela decomposição, apresentar mau cheiro ou transmitir outro tipo de contaminação.

À primeira vista, essa prática funerária pode parecer meramente acessória, levando-se em consideração apenas a chamada “morte natural”, ou aquela que não comprometa de maneira significativa a constituição do cadáver. No entanto, vítimas de afogamento, queimaduras, acidentes automobilísticos ou outros tipos de morte violenta podem fazer do cadáver um elemento traumatizante do ponto de vista visual. Com uma infinidade de técnicas e procedimentos, mesmo os cadáveres mais “danificados” ao se submeterem ao trabalho de um tanatopraxista competente, podem ficar “apresentáveis” para o velório. As características profundamente tecnicistas dessa atividade fazem dessa prática funerária uma prática racionalizada por excelência, haja vista que, para desenvolver essa função, o tanatopraxista

deve se submeter a cursos técnicos que o habilitem a exercer a profissão. Segundo a Associação Nacional de Necrópsia⁵⁰ (ANANEC), instituição que oferece o curso de tanatopraxia,

O Curso de Tanatopraxia prepara o profissional funerário a desempenhar a técnica da tanatopraxia com conhecimentos de conservação e restauração do cadáver humano. Preparando o profissional a executar com eficiência todo tipo de preparo de corpo.

- higienização externa corporal;
- injeção em várias artérias (femoral, tronco braquiocefálico, carótida comum, subclávia, braquial, aorta abdominal, ilíaca etc);
- drenagem pelas correspondentes veias;
- massagem corporal;
- aspiração das cavidades torácica e abdominal com posterior colocação de líquido conservador;
- tratamento da face e das mãos;
- aspiração nasal
- cuidados finais para a perfeita aplicação da Tanatopraxia.

É ensinado e praticado também o correto uso dos vários produtos químicos utilizados nos diversos tipos de falecimentos;

a regulagem, a diluição dos produtos e a conservação da bomba injetora;

a ligação, a manutenção e finalidade da bomba aspiradora; a necessidade dos vários instrumentais e sua preservação em estufa de esterilização e secagem.

Revolucionária técnica de higienização e conservação do corpo onde o interessado realmente participa fazendo o serviço e aprendendo diretamente nos corpos preparados durante o curso, sejam de obesos, infarto agudo do miocárdio, trauma crânio encefálico, insuficiência pulmonar aguda, caquexia⁵¹ oncológica, queimados, metástases, asfixia mecânica por enforcamento, broncopneumonia, aneurismas ou outras que podem aparecer. Todos os casos são preparados, independentes de serem simples ou complexos.

O caráter altamente tecnicista, higiênico e metódico da atividade da tanatopraxia demonstra não só a ressignificação das práticas funerárias, mas também do próprio cadáver. Sua condição degenerativa considerada ameaça precisa ser suprimida sob a estratégia de simulação *mors ultra*⁵² na qual os enlutados podem ser convencidos de que a morte pode ser

⁵⁰ <http://ananec.com.br/curso/curso-de-tanatopraxia>. Acesso em 10/10/2018

⁵¹ Segundo SILVA (2006, p.62), *Caquexia cancerosa é uma síndrome complexa e multifatorial caracterizada por um intenso consumo generalizado dos tecidos corporais, muscular e adiposo, com uma perda progressiva e involuntária de peso, anemia, astenia, balanço nitrogenado negativo, disfunção imune e alterações metabólicas, geralmente associadas à anorexia*. Vale ressaltar que um paciente, ao morrer com esse quadro, pode apresentar uma condição cadavérica que necessite a intervenção de um tanatopraxista, que amenize a aparência de “doente” do falecido.

⁵² Expressão latina, que no sentido literal significa “a não-mais morte”, derivada de um trecho do livro do Apocalipse, cap. 21 vers. 4: *...et mors ultra non erit, neque luctus neque clamor neque dolor erit ultra, quia prima abierunt*. (...e não haverá mais morte, nem pranto, nem gritos, nem dor, porque as primeiras coisas passaram.) Fonte: dicionário online Glosbe <https://pt.glosbe.com/la/pt/mors> Acesso em 29/11/2018.

algo apresentável e por conseguinte, menos dolorosa, o que em si, já reafirma a condição de afastamento entre aquilo que o cadáver representa e o que ele pode significar para os vivos. BAUDRILLARD (1996) constrói uma crítica severa sobre esses mecanismos, classificando essas atividades como “sarcófágicas”:

O mais inquietante não é que se devolva uma beleza à morte e que se dê a ela um ar de representação. Todas as sociedades sempre o fizeram. Elas sempre enfeitaram a abjeção da morte natural, abjeção social da decomposição que esvazia o corpo dos seus signos, de sua força social de significar, para não ser mais do que substância - e que, ao mesmo tempo, precipita o grupo no terror de sua própria decomposição simbólica. É preciso ornamentar a morte, cobri-la de artificialidade, a fim de escapar a esse momento insuportável da carne entregue apenas a si mesma, e que cessou de ser signo. Já os ossos desnudos e o esqueleto selam a reconciliação possível do grupo, pois recuperam a força da máscara e do signo. Mas há, entre os dois, essa passagem abjeta pela natureza e pelo biológico que é preciso conjurar a qualquer preço pelas práticas sarcófágicas (devoradoras de carne), que são na realidade práticas semiúrgicas. Toda tanatopraxia, também nas nossas sociedades, é portanto analisada como vontade de conjurar esse súbitodesperdício de signos que se abate sobre o morto, de impedir que subsista, na carne a-social do morto, algo que nada signifique.

Para Baudrillard, as “práticas semiúrgicas” são aquelas nas quais a simulação de alguma coisa se sobrepõe ao seu objeto original. Neste caso, a semiurgia do trabalho tanatoprático consiste em dar ao cadáver uma aparência na qual a sua última condição ainda em vida deve ser ocultada total ou parcialmente, ou seja, deve-se retirar toda e qualquer referência aos últimos momentos em vida do falecido, oferecendo aos vivos uma ilusão de que ali se encontra uma representação positiva sobre um evento tão negativo quanto a morte, particularmente quando ela ocorre de maneira violenta à imagem da pessoa morta. Para que essa tarefa seja executada da maneira mais eficiente possível, a profissionalização e a formação técnica daqueles que lidam com os corpos torna-se uma tendência cada vez mais enfática imposta pelo mercado voltado a esse setor. Contudo, para a implementação dessas atividades, principalmente as de tanatopraxia, é necessário um alto investimento em infraestrutura⁵³ e formação de pessoal, como um curso básico de tanatopraxia, que no Brasil possui um custo de aproximadamente R\$2.000,00⁵⁴. Constatou-se, durante a pesquisa, que algumas funerárias ainda não se

⁵³ As atividades de tanatopraxia devem ser realizadas em ambiente próprio, denominado *tanatório*, que consiste em uma estrutura laboratorial, regulamentada e vistoriada pelo Conselho Nacional de Meio Ambiente (CONAMA) e pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) em suas instâncias municipais. Fonte: www.tanatopraxiasaopaulo.com.br (acessado em 16/11/2018)

⁵⁴ Um curso de tanatopraxia oferecido pela UFMG em outubro de 2018, com duração de três dias, aponta esse valor (<https://ufmg.br/comunicacao/eventos/curso-de-tanatopraxia> - acessado em

modernizaram plenamente nesse aspecto, e que os tratamentos dados aos mortos são realizados baseados na experiência de profissionais mais antigos e/ou através de cursos mais simplificados, como os de necromaquiagem, que lidam apenas com cadáveres cuja aparência permite algum tipo de embelezamento, não exigindo técnicas mais avançadas, como reconstrução facial, formolização, etc.

Nota-se que esse processo é similar a uma prática já indicada neste trabalho referente às fotografias *post mortem*. A preparação do cadáver para ser fotografado, na tentativa de simular boa aparência para uma foto, é substituída pela boa apresentação no intuito de satisfazer o desejo de se ver o cadáver com menos horror, mesmo sabendo que será por um breve momento e não eternizado por uma fotografia, hoje considerada de gosto duvidoso. Entretanto, algumas fotos desse estilo ainda são utilizadas, não mais como recordação, mas sim como um elemento adicional no processo de propaganda dos “bons serviços” executados por esses profissionais.

É possível perceber que a racionalização das práticas funerárias, similar ao que ocorre com as mudanças nos modelos cemiteriais é a “diluição” da morte. Espaços de morte como os cemitérios ou os velórios, associados a uma prática que visa ocultar a morte o máximo possível pela via científica, higienista ou estética, alimenta uma visão de mundo na qual a forma de lidar com os mortos pode ser constantemente ressignificada.

4.4 – A ressignificação das práticas funerárias como mudanças de visão de mundo.

Como é possível observar, as práticas funerárias se modificam ao longo do tempo, não sendo um fato recente. Contudo, o ritmo e a intensidade de suas mudanças desde a segunda metade do século XX são fatores relevantes a serem observados, considerando, principalmente, a mudança de significado pela qual as práticas funerárias passam, sinalizando que ainda ocorrerão, configurando-se como um processo, e não como algo consumado. Retomando Weber, o processo de racionalização no qual as sociedades estão inseridas permitem compreender o que aqui pretendemos analisar pelo viés da ressignificação. Temos, historicamente, várias condutas perante a vida na intenção de dar a ela algum sentido. O mesmo ocorre com a morte: em sociedades menos racionalizadas, o significado da morte se apresenta como um elemento religioso, espiritual, etéreo; conforme o avanço da racionalização afeta o

19/11/2018). Entretanto, outras instituições, como a Funerária Santa Casa BH, oferece o curso com duração de um mês ao custo de R\$ 2.442,00 (<http://www.santacasabh.org.br/ver/curso-de-tanatopraxia-2.html>) - acessado em 19/11/2018). A variação de preços se baseia nos conteúdos e materiais utilizados.

cotidiano dos indivíduos, aspectos fundamentais da vida passam a adquirir novos atributos, refletindo diretamente em suas práticas, nas quais as atitudes perante a morte e o morrer passam a ter seus significados racionalizados, pois a materialidade da morte que é o cadáver, não se sustenta apenas através de rituais e preces pelos mortos. Ocorre uma ruptura, na qual o homem moderno se vê frente a resquícios do passado perante a morte, motivado pela tradição de se homenagear e dar destino não só ao corpo, mas também à alma dos seus entes falecidos. O mundo intelectualizado, racionalizado, dá a ele a opção de não se valer de motivações religiosas para dedicar atenção os mortos. Nesse momento, passa a ser necessária, durante o processo de morte, a aplicação de técnicas, métodos, teorias fundamentadas em princípios racionais que modificam as visões de mundo, pois a ciência dá ao homem, senão o controle, pelo menos a sensação de tê-lo.

A intelectualização e a racionalização crescentes não equivalem, portanto, a um conhecimento geral crescente a respeito das condições em que vivemos. Antes significam que sabemos ou acreditamos que, a qualquer instante, poderíamos, conquanto que o quiséssemos, provar que não existe, primordialmente, nenhum poder misterioso e imprevisível que interfira com o curso de nossa vida. Em outras palavras, que podemos dominar tudo, por meio da previsão. Isso é o mesmo que despojar de magia o mundo. Não mais se trata para nós, como para o selvagem que acredita na existência daqueles poderes, de apelar a métodos mágicos para dominar os espíritos ou exorcizá-los, mas de recorrer à técnica e à previsão. Essa é a essência da intelectualização. (WEBER, 2006, p. 38)

A intelectualização é para Weber, no que se refere ao desenvolvimento científico, observável pelo viés do progresso, algo como um motor que faz avançar a sociedade ocidental, mas não necessariamente é tarefa da ciência atribuir sentido às esferas da vida, e, por extensão, da morte:

Daí surge uma nova pergunta: realizado ao longo dos milênios da civilização ocidental e, em termos mais gerais, esse processo de desencantamento, esse “progresso” do qual participa a ciência, como elemento e motor, tem significação que ultrapasse essa pura prática e essa pura técnica? Mereceu exposição vigorosa na obra de Leon Tolstói essa questão. Por via que lhe é própria, Tolstói a tal questão chegou. Todas as suas mediações cristalizaram-se crescentemente em torno do seguinte tema: a morte é ou não um acontecimento que encerra sentido? Sua resposta é a de que, para um homem civilizado, não existe tal sentido. Obviamente não pode existir porque a vida individual do civilizado navega no “progresso” e no infinito, e consoante ao seu sentido imanente, essa vida não deveria ter fim. Por certo, há sempre possibilidade de novo progresso para aquele que vive no progresso, dos que morrem, nenhum chega jamais a atingir o cimo, já que o cimo se encontra no infinito. (*op. cit.* p. 38)

Weber aponta a mudança na sociedade ocidental em direção ao desencantamento, que dirime os aspectos mágicos, sobrenaturais enquanto sentido atribuído às instâncias da vida, sem *necessariamente* dar a ela novos significados, substitutos a elas. Não se trata, portanto, de observar o progresso da ciência e da técnica nas ações sociais como processo meramente evolutivo, como apontavam os positivistas. Weber apresenta uma análise da racionalização de modo empírico, mas sem necessariamente se colocar como um autor empirista. Para HABERMAS (2012), Weber trouxe a teoria da racionalização para o campo da racionalização das imagens de mundo, bem como das estruturas modernas de consciência:

Por um lado, Weber se interessa pela *racionalização das imagens de mundo*; para tanto, tem de aclarar os aspectos estruturais do desencantamento e as condições sob as quais os questionamentos cognitivos, normativos e expressivos podem ser desacoplados e então desenvolvidos de acordo com sua lógica interna. Por outro lado, interessa-se pela corporificação institucional das estruturas modernas de consciência por via da racionalização religiosa; ou seja, interessa-se pela *transformação da racionalização cultural em uma racionalização social*. (HABERMAS (2012, I, p. 305)

A racionalização das imagens de mundo, pode ser, nesse caso, aplicada ao que consideramos aqui como processo de ressignificação das práticas funerárias, pois a partir da consolidação dessa racionalização no trato com a morte, as mentalidades se modificam e as ações seguem o mesmo sentido, indo ao encontro dessas novas visões de mundo. A perspectiva religiosa da morte, que atribuía sentido às condutas relacionadas aos mortos (medo de ser atormentado pelos espíritos, condução da alma do falecido para uma outra vida longe do inferno e do purgatório, aplicação de sacramentos, sepultamento em local sagrado, etc) se configuram como visões de mundo de uma época que não é estanque. Com a racionalização, e relacionada a ela, uma nova mentalidade que prima pelos aspectos práticos em detrimento dos aspectos sagrados, o significado que motiva e dá sentido aos cuidados com os mortos se modifica em direção a uma espécie de esvaziamento da morte quanto ao seu sentido. Ou seja, já não se trata somente da interdição da morte apontada por Ariés, mas uma espécie de transição, na qual, por exemplo, o culto aos mortos, baseado em uma fundamentação espiritual, se modifica na direção de um culto à memória, que não necessita de nenhum embasamento religioso.

Tais mudanças não implicam, entretanto, que a religião ou a espiritualidade em torno das práticas funerárias se dissiparam completamente ou irão ser extintas, mas observa-se que no decorrer do processo de ressignificação, mesmo as práticas religiosas também foram impactadas pela racionalização, quer seja por necessidade ou por convicção, na qual

racionalizaram-se os cuidados com o cadáver, os sepultamentos, as cerimônias, os cemitérios. Na concepção de ELIAS,

Nas sociedades mais desenvolvidas, como disse, a busca de ajuda em sistemas de crenças sobrenaturais contra o perigo da morte e a morte se tornou menos apaixonada. Em certa medida, transferiu sua base para sistemas seculares de crenças. A necessidade de garantias contra nossa própria transitoriedade diminuiu perceptivelmente em séculos recentes, por contraste com a Idade Média, refletindo um estágio diferente da civilização. (*op. cit.*, p. 13)

Como se pôde observar, as práticas funerárias mais antigas, baseadas na religiosidade católica desde a Idade Média, ainda se refletiu nos séculos XIX, foi progressivamente enfraquecendo em direção ao século XX, cuja perda de influência se tornou ainda mais evidente no século XXI. Ressignificando-se, a prática de sepultamento, antes monopolizada pela Igreja, já apresentava sinais de racionalização que se consolidaram com a separação entre Estado e Igreja, que abriu as portas para o surgimento dos cemitérios públicos, que mesmo ainda sendo considerados espaços sagrados, proporcionaram a execução de práticas mais racionalizadas que se expandiram até o século XXI. Cemitérios públicos no lugar dos cemitérios confessionais; ritos fúnebres se tornando práticas e técnicas; irmandades religiosas sendo substituídas por empresas funerárias; maquiadores de mortos para fotografia *post motem* dando lugar a tanatopraxistas. Racionalizadas e secularizadas, as práticas funerárias seguem seu caminho em sua trajetória de ressignificação.

No entanto, convém ressaltar nesse contexto, outro aspecto também relevante e característico no processo de ressignificação das práticas funerárias: a mercantilização. Segundo VERAS e SOARES (2016):

Antes de sua transformação em “serviços funerários”, os rituais funerários não eram isentos de alguma relação financeira, frequentemente mediada pelas igrejas e suas irmandades. Porém, é na contemporaneidade que as características rituais tradicionais das práticas fúnebres se modificam no sentido de uma lógica que privilegia o mercado de consumo. (p. 227)

Ou seja, se até o século XIX essas práticas, que também dependiam de investimentos, se sustentando na Igreja para seguir uma lógica de distinção social que dava aos notáveis as pompas fúnebres, as longas cerimônias, os locais privilegiados de sepultamento, todos esses elementos sinalizando a proximidade das pessoas de camadas superiores da sociedade com Deus, no século XX e XXI, com a religiosidade em segundo plano, o poder aquisitivo é que passa a determinar o quanto serão “distintas” as práticas funerárias, haja vista que o mercado

funerário se encontra em ampla expansão, oferecendo aos que podem comprar, os mais diversos tipos de produtos e serviços que direta e indiretamente reproduzem as diferenças sociais e econômicas já evidentes entre os vivos.

CAPÍTULO V - A MERCANTILIZAÇÃO DAS PRÁTICAS FUNERÁRIAS

5.1 – O mercado funerário: novas formas de delimitação social.

Como já observado durante este trabalho, alguns aspectos das práticas funerárias sinalizam distinções sociais oriundas da sociedade dos vivos. Pompas fúnebres, locais apropriados, visibilidade após a morte. Obviamente, o dispêndio de recursos para um enterro digno delimitava, desde os enterramentos *ad sanctum* o quão destacada era a pessoa falecida perante as demais, ou seja, como esses falecidos não eram “comuns”. Apesar do evento da morte não fazer essa distinção, o Ocidente se posiciona em fazer dela um elemento de separação. A motivação religiosa, que perpassa a Idade Média e se moderniza durante os séculos XVIII e XIX, demonstrava que o poder econômico na aquisição dos bens sagrados e mortuários já estava presente e se aprofunda com maior vigor nos séculos XX e XXI.

Impulsionado pelos fatores econômicos, o desenvolvimento do mercado funerário ainda guarda resquícios que se baseiam em uma perspectiva na qual se procura negar a morte. Sendo ela assunto interdito, apartar-se das situações que a circundam gera uma demanda que é prontamente atendida pelo setor que oferece diversos bens e serviços para que essa negação se aprofunde e se reproduza no sentido de criar novas necessidades relacionadas ao “incômodo” gerado pela morte.

O “incômodo”, neste caso, implica não somente na dor da perda, do sofrimento causado pelo falecimento de um ente querido ou o temor da morte, observada no cadáver de uma pessoa depositada em um caixão prestes a ser enterrada, cujo destino da alma era motivo de preocupação. Acrescenta-se a todos esses elementos os custos que as práticas funerárias representam para a família e demais enlutados. Independentemente de qual será o destino do corpo, poupanças significativas a uma família de renda mediana serão necessárias.

A expressão “não ter onde cair morto” ou que o preço de algo “está pela hora da morte” fazem todo o sentido nesse contexto, que, conforme VERAS e COELHO SOARES (2016):

É de uso popular antigo e corriqueiro, no Brasil, expressões como: “Não ter onde cair morto” e “está pela hora da morte”. Ambas fazem referência ao custo, em cifras, que a morte e os rituais funerários representam aos sobreviventes, ou ao próprio morto. Essas relações econômicas e comerciais que circundam a maneira como lidamos com os mortos, em nossa sociedade, têm se intensificado na contemporaneidade, visto que, com a licença da junção dos dois ditados da sabedoria popular: “Ter onde cair morto está pela hora da morte!”, a mercantilização atinge a morte e seus rituais, transformando-os em mais um produto comercializável. (p. 226).

Assim, cria-se uma “projeção” na qual a morte, assim como os mortos, devem ser afastados enquanto assunto referente ao próprio indivíduo, levando-o a ser transferido a outros, que se tornará um objeto, a ser apropriado pelo mercado de bens e serviços funerários.

Podemos tentar evitar a ideia da morte afastando-a de nós tanto quanto possível – encobrimo e reprimindo a ideia indesejada – ou assumindo uma crença inabalável em nossa própria imortalidade – “os outros morrem, eu não”. Há uma forte tendência nesse sentido nas sociedades avançadas de nossos dias. Finalmente, podemos encarar a morte como um fato em nossa existência; podemos ajustar nossas vidas, e particularmente nosso comportamento em relação às outras pessoas, à duração limitada de cada vida. (ELIAS, 2001, p. 7)

Esse “ajustamento” é absorvido pela lógica da previsão dos eventos de morte, na qual os vivos passam a ser consumidores de produtos voltados para esse fim. Em suma, vende-se a ideia de se ter controle sobre os problemas causados pela morte de um familiar, que poderá ser contemplado pelas benesses inclusas em um contrato pré-estabelecido com uma funerária por ocasião de uma morte, ou pós-estabelecido, quando a busca por esses serviços se dá somente após o falecimento. Independentemente de ser previsto ou não, as empresas funerárias, algumas inclusive com parcerias com cemitérios, buscam oferecer diversas “facilidades” aos enlutados ou aos “enlutados em potencial”.

Nesse contexto, a racionalização das práticas funerárias se apresenta como forma de tornar a morte limpa, higienizada, a tal ponto de ser quase ignorada, considerando o fato de que todos os procedimentos referentes a ela serão terceirizados pela empresa que prestará os devidos serviços. Nas palavras de BAUDRILLARD (1996),

"À força de lavar, de ensaboar, de lustrar, de escovar, de pentear de esponjar, de polir, de limpar e relimpar sucede de toda a sujidade das coisas lavadas passar às coisas vivas." Victor Hugo

Assim acontece com a morte: à força de ser lavada e esponjada, limpada e relimpada, negada e conjurada, sucede de ela passar a todas as coisas da vida. É à morte que visam os detergentes na menor das sujeiras. Toda a nossa cultura é higiênica: visa expurgar a vida da morte. Esterilizar a morte a qualquer preço, vitrificá-la, criogenizá-la, climatizá-la, maquiá-la, "projetá-la", fazê-la desaparecer com a mesma tenacidade que à imundície, ao sexo, ao resíduo bacteriológico ou radioativo. *Make-up* da morte: a fórmula de Hugo faz pensar nas *funeral homes* americanas em que a morte é imediatamente subtraída ao luto e a promiscuidade dos vivos para ser "protejada" nos termos das mais puras leis da *standing*, do *smiling* e do *marketing* internacional.

LIPOVETSKY (2014 p. 25), em sua obra *A felicidade paradoxal*, constrói uma observação crítica pertinente sobre os usos e abusos do consumo, no qual a mercantilização se apropria de tudo o que pode ser possível se transformar em mercadoria, gerando o que o autor define como *hiperconsumo*. Segundo o autor, *o consumo conservou um forte potencial de prestígio, não deixando os objetos de ser valorizados como signos tangíveis de sucesso, provas de ascensão e de integração social, vetores de consideração honorífica*. Em sua concepção, a sociedade de consumo teria passado por três fases, na qual a primeira se caracteriza pela produção em massa de produtos de fácil aquisição, gerando um consumo desenfreado de mercadorias. A segunda, seria aquela voltada para produtos mais “caros”, como eletrodomésticos, automóveis; nessa fase entra em cena o investimento pesado em propaganda e o desenvolvimento de um consumo voltado à ostentação, direcionada, assim, a criar uma forma de distinção social a partir do consumo. A terceira fase, apesar de não superar por completo a segunda, incrementa-se do consumo voltado à satisfação pessoal.

Os bens mercantis funcionavam tendencialmente como símbolos de status, agora eles aparecem cada vez mais como serviços à pessoa. Das coisas, esperamos menos que nos classifiquem em relação aos outros e mais que nos permitam ser mais independentes e mais móveis, sentir sensações, viver experiências, melhorar nossa qualidade de vida, conservar juventude e saúde. Naturalmente, as satisfações sociais diferenciais permanecem, mas quase já não são mais que uma motivação entre muitas outras, em um conjunto dominado pela busca das felicidades privadas. O consumo “para si” suplantou o consumo “para o outro”, em sintonia com o irresistível movimento de individualização das expectativas, dos gostos e dos comportamentos. (p. 26)

Quando submetidos à observação, nota-se que o mercado funerário no Brasil oscila entre a segunda e a terceira fase apresentadas pelo autor, adotando uma postura negocial extremamente incisiva, na qual a morte dilui-se por completo ou se torna acessória ao contexto, onde a assistência funeral e outros serviços são oferecidos como qualquer outro produto passível de ser adquirido, e portanto, consumido, gerando um impulso pelo desejo de se ter no evento da morte uma possibilidade de atenuação ou negação pelo viés do consumo. Nas palavras de KEHL (2005), cria-se, pela mercantilização e pelo consumo uma espécie de *imperativo mercadológico*, que se torna

(...)uma lógica tirânica, *excluindo* todas as experiências e expressões pouco rentáveis de circulação, sob o imperativo da novidade predominante na sociedade contemporânea, que mascara uma extrema intolerância a tudo o que não se rege pela dinâmica veloz do consumo. (p. 3)

As empresas do setor funerário se apropriam de uma demanda gerada pela morte para mercantilizá-la. Tomemos como exemplos dois casos já apontados nesse trabalho: o Cemitério-Parque Jardim da Ressureição e a empresa *Memoriall*.

O cemitério Jardim da Ressureição, como já demonstrado, utiliza-se da internet e das redes sociais para transformar literalmente a prática do enterro em produto, tratando do tema da morte estrategicamente com bom humor. A utilização de *memes* torna sutil a dor da perda para que a mesma possa ser revertida em investimento para o momento da morte de si mesmo ou de algum ente querido. A boa avaliação, por parte dos seguidores da página da empresa no *Facebook* demonstra que a estratégia vem funcionando.

A empresa *Memoriall*, por sua vez, oferece o serviço de inserir *QRcodes* nos jazigos do Cemitério da Consolação e outros, principalmente aqueles que apresentam objetos de arte cemiterial. No entanto, serviços como esse podem ser comercializados para qualquer pessoa que deseja ter sua biografia ou de sua família cristalizados nesses dispositivos dos jazigos, oferecendo uma individualidade adicional àqueles que contratarem. Além dessa ferramenta, carro-chefe da empresa, os consumidores podem adquirir diversos opcionais, como a revelação de segredos. Caso o contratante queira revelar algum segredo para familiares e/ou amigos após a morte, a empresa o revelará às pessoas indicadas. Também oferecem o serviço de construção de árvore genealógica. A *Memoriall* concentra seus produtos de acordo com a sua descrição no *site* da empresa:

Memoriall foi criada em Novembro de 2012 para auxiliar o registro de memórias e segredos com a inovação do QR CODE, possibilitando assim que as histórias de entes queridos nunca sejam esquecidas, perdidas ou destruídas após a sua partida. Disponibilizaremos também a possibilidade de criar a árvore genealógica da família. Memoriall traz de forma fácil a visualização do legado que deixamos em vida.

Pode-se observar nessa descrição que a empresa traz, como ressignificação, um elemento importante: a valorização da memória dos falecidos desprovida de valores religiosos, garantindo assim que pessoas de qualquer denominação religiosa possam ser consumidoras em potencial. No entanto, considerando que esse aspecto religioso ainda é relevante no que se refere a lidar com a morte, a empresa disponibiliza que se acendam “velas virtuais” para qualquer visitante do *site*. Basta a pessoa que deseja acender essa vela digitar nome, e-mail e fazer um pedido, podendo ser para uma pessoa falecida ou para si mesmo, reduzindo o ato religioso ao seu aspecto imaginário.

A estratégia da *Memoriall*, que é a de personalizar e individualizar os produtos funerários é adotado por outras empresas do setor em outros lugares do mundo. Uma empresa americana, chamada *Eternime*⁵⁵ vai um pouco além, não se limitando apenas a uma empresa de “preservação de memórias”. O empreendimento promete a seus usuários a criação de um “avatar pós-vida” que se utilizando de dados do falecido, como o perfil da rede social *Facebook*, permitirá, mesmo após a morte, o falecido “interagir” com os vivos. Segundo Marius Ursache, CEO da empresa, *Dependendo dos fatos coletados, o avatar poderá oferecer qualquer coisa, desde dados biográficos básicos até ter um papo envolvente...*⁵⁶. Na *homepage* da empresa, a informação é de que mais de quarenta mil pessoas já aderiram aos serviços.

A personalização e customização de túmulos também se tornou nicho de mercado na França. A empresa *Funeral Concept*⁵⁷ oferece a estilização de um jazigo inteiro. Utilizando materiais como aço, madeira e granito, as estelas, lápides e todo o revestimento do jazigo podem ser escolhidos pelos enlutados acrescentando fotografias, depoimentos ou outros tipos de lembranças que serão impressos nos materiais e inseridos nos túmulos, que chamam a atenção pela variedade de cores e formatos. Um dos *slogans* da empresa é: “O mundo muda, o funerário também”. No vídeo de divulgação dos produtos da empresa, uma mãe incentiva seus dois filhos a fazerem desenhos, que depois são enviados à empresa, impressos em uma cerâmica e colocados sobre o jazigo personalizado. Aparentemente, o falecido é o pai das crianças. Contudo, não se observa nenhuma referência à dor da perda de um pai ou marido; a atividade desenvolvida pelos filhos possui ares de ludicidade, uma nítida referência de prática funerária ressignificada, na qual o culto à memória é mais evidente do que o culto à alma do falecido.

É possível observar, nesse sentido, outro aspecto do processo de ressignificação: o uso das imagens referentes à morte constituía uma maneira de povoar o imaginário coletivo no sentido de transmitir os valores referentes à religião, predominantemente católica. Das danças macabras, das representações das imagens do purgatório, até a arte cemiterial, a referência simbólica trazia consigo estratégias de uma edificação moral, que, apesar de também serem de certa forma distintivas no que se refere à clivagem de classe e outras, não eram em si, produtos. Com a consolidação do capitalismo, a representação do evento da morte e, por conseguinte, das práticas funerárias, essas representações passam a ser fabricadas, tornam-se mercadorias. Essa perspectiva é diametralmente oposta às artes *vanitas* apontadas anteriormente, cujas imagens

⁵⁵ www.eterni.me (acesso em 10/12/2018)

⁵⁶ <https://economia.uol.com.br/noticias/bbc/2017/08/27/velorio-online-e-avatar-pos-vida-as-startups-que-querem-revolucionar-a-industria-da-morte.htm?>

⁵⁷ <https://www.funeral-concept.fr/> (acesso em 05/06/2016)

macabras remetiam à reflexão sobre a vaidade exacerbada e à transitoriedade da vida perante a inevitabilidade da morte.

Uma vez mercantilizadas, as estratégias de convencimento sobre a necessidade de se atribuir outros valores a um evento tão significativo quanto a morte, passa a ser, como diz Guy Debord (2003) associadas a uma espécie de espetáculo. Considerando que Debord preocupava-se com os aspectos da influência da televisão como um dos principais vetores da sociedade do espetáculo, a mecânica ainda é similar quando observamos o papel preponderante da internet e das redes sociais, no sentido de “espetacularizar” os produtos nos quais as práticas funerárias e a morte se tornaram. No decorrer desse processo, a passividade diante da mercantilização é análoga à alienação religiosa, porém, deliberadamente fabricada, cuja fugacidade é necessária para a manutenção do *status quo*. A preocupação com o destino sagrado dos mortos, antes motor das práticas funerárias, aos poucos vai sendo ressignificada pela satisfação de se consumir os produtos relacionados ao universo funerário.

A satisfação, que a mercadoria abundante já não pode fornecer pelo uso, acaba sendo procurada no reconhecimento do seu calor enquanto mercadoria: com o uso da mercadoria bastando-se a si mesmo; e para o consumidor, basta a efusão religiosa para com a liberdade soberana da mercadoria. (DEBORD, 2003, p. 49)

O sentimento inverso também se aplica: a frustração gerada pela não-tomada de providências relacionadas aos rituais fúnebres, que levava às atitudes desesperadas das famílias mais pobres de abandonar os corpos de seus familiares nas Igrejas, ou gastar seus últimos recursos em busca de dignidade ou salvação das almas de seus entes queridos é substituída progressivamente pela preocupação com os gastos com os procedimentos; para que essa necessidade seja sanada, surgem as empresas do ramo funerário que farão com que essa necessidade, primária, seja acrescida de inúmeras outras, por vezes acessórias, mas que fazem das práticas funerárias uma forma de espetáculo. Para isso, é necessária a implementação de um discurso positivo, otimista sobre o evento, atenuando o quanto for possível o quão doloroso lidar com a morte pode ser.

Sua única mensagem (o espetáculo) é “o que aparece é bom, o que é bom aparece”. A atitude que ele exige por princípio é aquela aceitação passiva que, na verdade, ele já obteve na medida em que aparece sem réplica, pelo seu monopólio da aparência. (...) Ele é o sol que não tem poente no império da passividade moderna. (*op cit.* p. 17)

O “bom”, nesse caso, pode ser analisado pelo viés da racionalização, fio condutor do processo de ressignificação, o qual faz, através da exaltação de si mesma algo fetichizado. As práticas funerárias, cada vez mais tecnicizadas, e por esse motivo, oferecidas como “produtos de qualidade” se aproximam daquilo que Adorno e Horkheimer, já em 1947 desenvolviam como o conceito de *indústria cultural*. Não há que se negar que as práticas funerárias e a morte, com todas as suas implicações culturais e históricas geram uma determinada demanda sobre o que se fazer com relação a elas, mas uma vez transformadas em mercadoria, não basta apenas a execução daquilo que é necessário, mas acrescentar o acessório como se fosse fundamental. Como justificativa, é colocado aos consumidores enlutados que, diante de sua fragilidade e impossibilidade de executarem eles mesmos os procedimentos, devem alienar-se à essas empresas que darão todo o conforto e dignidade pela via da racionalidade, técnica e imparcialidade. Como afirmam ADORNO e HOKHEIMER (2002):

O contraste técnico entre poucos centros de produção e uma recepção difusa exigiria, por força das coisas, organização e planificação da parte dos detentores. Os clichês seriam causados pelas necessidades dos consumidores: por isso seriam aceitos sem oposição. Na realidade, é por causa desse círculo de manipulações e necessidades derivadas que a unidade do sistema torna-se cada vez mais impermeável. O que não se diz é que o ambiente em que a técnica adquire tanto poder sobre a sociedade encarna o próprio poder dos economicamente mais fortes sobre a mesma sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação, é o caráter repressivo da sociedade que se auto-aliena. (p. 6)

O discurso do mercado funerário, que direciona seus consumidores a adquirir seus produtos e serviços pode ser observado através de dois *sites*⁵⁸ de empresas funerárias em cidades nas quais foram realizadas a pesquisa: a funerária Unilutus em Curitiba, PR e a Funerária São José, em Ourinhos, SP.

Na página principal da empresa Unilutus consta a seguinte apresentação:

A Unilutus é um plano de Assistência Funeral Familiar, presente há mais de 20 anos em Curitiba e região, oferecendo conforto, segurança e tranquilidade para milhares de famílias.

Quando necessário, a Unilutus toma todas as providências inerentes a perda de um ente querido, para o Associado ou seus familiares.

O serviço oferecido pela Unilutus hoje, representa hoje o que há de mais moderno e eficiente em assistência funeral familiar, resultado de anos de aprimoramento e busca pela qualidade. O plano funeral Unilutus é a proteção que a sua família merece.

⁵⁸ <http://www.unilutus.com.br> e <http://funerariaememorialsaojose.com.br> acessados em 28/11/2018.

Observa-se no texto que os termos “conforto”, “segurança”, “tranquilidade”, “moderno”, “eficiente”, “qualidade”, “proteção” estão mais em evidência do que a expressão “perda de um ente querido”. Além dessa apresentação, outro elemento que chama a atenção é o fato da empresa ter oferecido uma promoção, na qual seis pessoas, que se associaram ao plano funerário da empresa seriam sorteadas com uma passagem ao parque temático “Beto Carrero World” com direito a acompanhante.

A Funerária São José, na cidade de Ourinhos, apresenta em sua página inicial a seguinte descrição da empresa:

A Funerária São José foi fundada em 01 de Setembro de 1995, sempre comprometida com trabalho sério, dedicação e investimento na formação de seus profissionais, garantem a qualidade do serviço prestado. Sempre preocupada em prestar um excelente serviço com atendimento humanizado, contamos com profissionais capacitados, atendendo Ourinhos e região, sul de São Paulo e norte do Paraná. Com planos de Assistência Funerária, o Associado paga uma pequena taxa mensal ou trimestral, garantindo a sua tranquilidade e de sua família.

No caso da Funerária São José, assim como a Unilutus, observa-se termos semelhantes no que se refere à empresa: “trabalho sério”, “investimento na formação de profissionais”, “excelente serviço”, “tranquilidade”. Percebe-se que o termo “Luto”, “Morte”, “perda”, ou qualquer outro termo relacionado, sequer aparecem no texto.

A desvinculação entre o significado da morte e os serviços prestados por essas empresas aprofundam o *interdito da morte*. ARIÉS (1977 p. 152), que construiu esse conceito de morte interdita, ao analisar os aspectos mercadológicos da morte, principalmente nos Estados Unidos, classifica-os como *invenção de novos ritos funerários*. Na concepção do autor, o avanço da mentalidade sobre o desaparecimento do assunto sobre a morte nos meios familiares, bem como o avanço da prioridade do bem-estar e do consumo, ainda encontra resistências em sociedades que “romantizam” a morte através dos cultos aos mortos e dos cemitérios como locais sagrados (como no caso brasileiro). No entanto, para Ariés, esses modelos estão fadados a desaparecer, haja vista que o avanço da modernidade exigirá que a morte interdita se aprofunde. Os Estados Unidos seriam os pioneiros no que se refere às novas formas de se lidar com a morte, e o procedimento racionalizado aplicado pelos norte-americanos aos cadáveres ilustra o que aqui consideramos como processo de ressignificação.

Para compreender essa singularidade da sociedade americana, seria preciso retomar a narrativa feita anteriormente sobre a morte do homem moderno, a

partir do último suspiro. Até esse momento, e após o enterro, durante o estranho luto, as coisas se passariam da mesma maneira na América e na Inglaterra. O mesmo não acontece no período intermediário. (...)

Na América, (...) a toailete funerária é o início de uma série de rituais novos, complicados e suntuosos: o embalsamamento do corpo, a fim de restituir-lhe as aparências de vida; a exposição no salão de uma *funeral home*, onde o morto recebe pela última vez a visita de seus parentes e amigos, em meio a flores e música; exéquias solenes, enterros em cemitérios projetados como parques, embelezados por monumentos e destinados à edificação moral dos visitantes, mais turistas do que peregrinos. (p. 153)

A distinção que Ariés estabelece entre Estados Unidos e Inglaterra de lidar com a morte se refere ao fato de que na Inglaterra o interdito sobre a morte se aprofunda ao ponto de o cadáver, enquanto representação da morte, deveria desaparecer. Por esse motivo, a cremação seria muito mais comum, pois elimina toda e qualquer referência ao corpo, transformando-o em cinzas. Nos Estados Unidos, a morte interdita seria ressignificada de uma outra maneira, tentando aplicar a ela uma máscara, retirando do cadáver as características que fariam dele um símbolo da morte. Em suas observações, o autor inclui a análise feita por Jessica Mitford, que adota uma postura mais crítica do que ele no que se refere ao modelo americano de práticas funerárias. Para a autora, a forma como a morte foi apropriada pela lógica capitalista constituiu um *american way of death*⁵⁹, que seria uma extensão do *american way of life*, principalmente no que tange ao modo de vida americano baseado no consumo desenfreado como busca pela felicidade e pelas estratégias questionáveis do setor funerário para atrair clientes. Na concepção da autora, a venda de produtos funerários nos Estados Unidos é tratada como qualquer outra, mas sobretudo baseada na fragilidade dos consumidores diante de um evento impactante como é a morte.

O vendedor do funeral, como qualquer outro comerciante, está preocupado com o preço, lucro, técnicas de venda. Sr. Leon S. Utter, um ex-reitor do San Francisco College of Mortuary Science, escreveu: “Seu plano de vendas deve entrar em funcionamento assim que o telefone tocar e você pediu para servir uma família enlutada... Nunca pré-conceitue sobre o que qualquer família vai comprar. Você não pode medir a intensidade de suas emoções, seguro não divulgado ou fundos que podem ter sido reservados para despesas de funeral.” (MITFORD, 1998, p. 38)

⁵⁹ *American way of death* é o título do livro Jessica Mitford, publicado em 1963, ao qual Ariés se refere, no qual a autora critica os métodos inescrupulosos do mercado funerário. Porém, uma das suas últimas obras foi uma atualização e ampliação desse livro, sob o título “*American way of death revisited*” publicado em 1998. É importante ressaltar que o mercado funerário passou por muitas mudanças nesse período (35anos), mas que para a autora apenas aprofundou o que já ocorria na década de 60.

Nota-se que as práticas mortuárias americanas, nesse caso extremamente mercantilizadas, possuem algumas particularidades que influenciam o mercado funerário brasileiro. Um sem-número de empresas funerárias oferecem seus serviços de maneira similar às *funeral homes* americanas, vendendo seguros funerários, caixões, salas de velório, pompas fúnebres, etc. Apesar dessas similaridades, no Brasil parece ter se desenvolvido também uma forma de mercantilização das práticas funerárias com características próprias. No caso estadunidense, as *funeral homes* atuam como empresas independentes, visando seus próprios interesses comerciais, ao passo que no Brasil, algumas empresas do setor funerário se associam ou até mesmo estabelecem uma relação *amalgamada* com os cemitérios, não ficando claro em alguns momentos os limites entre as atribuições de um e outro.

Um exemplo dessa relação foi observado no Cemitério Vertical de Curitiba, onde as vendas dos produtos e serviços funerários incluem elementos oferecidos pelas empresas do setor, como por exemplo sala de velório própria, traslados, assistência ao enlutado, etc. Segundo um dos funcionários, o cemitério possui um sistema de “rodízio” com as funerárias, nos momentos de prestação de serviços aos recém enlutados. Quando um cliente adquire o produto, os serviços funerários são realizados pela “funerária da vez” que possui parceria com o cemitério, ou seja, os enlutados não escolhem a funerária que cuidará dos procedimentos fúnebres. Em suma, se ao contratar uma empresa funerária uma família terceiriza as práticas fúnebres, nesse caso até mesmo essa terceirização é repassada a outrem, uma “terceirização terceirizada”.

Constata-se que os cemitérios de novo tipo surgem sob uma perspectiva diferente dos cemitérios tradicionais, haja vista que são empreendimentos que visam lucratividade, na qual a morte e as práticas funerárias não se configuram como elementos culturais ou religiosos que necessitam ser direcionados, mas transformam-se em demanda de mercado. No caso dos cemitérios verticais e cemitérios-parque, é comum a utilização de um discurso no qual a padronização é justificável pela não-distinção de classe, cor, religião, etc. Contudo, omitem o fato de que a própria existência desses cemitérios são novas formas de distinção social, pois o acesso aos seus produtos e serviços se encontra em um nível ainda distante da maioria dos brasileiros. Para que esse tipo de aquisição se amplie, esses empreendimentos cemiteriais cada vez mais se valem de meios para atrair clientes de renda menor, oferecendo financiamentos de seus produtos, com pacotes menos elaborados. Por outro lado, a inovação no sentido de acrescentar elementos acessórios para quem puder pagar mais também cresce, pois a personalização e individualização das práticas funerárias podem ser utilizadas como meio de ostentação. Segundo ARAÚJO R. (2012), uma morte assim personalizada e luxuosa,

individualizada, estimulada e desenvolvida por empresas do setor, incentiva o desejo nas pessoas de ter os seus mortos personalizados para si.

Personalizar significa representar a pessoa de alguém. No mercado da morte significa tornar pessoal e dar caráter pessoal ao serviço fúnebre oferecido. A justificativa do setor funerário é que diante de um mercado tão competitivo, houve a necessidade de um novo “conceito de atendimento humanizado”, voltado ao cliente. As funerárias procuram oferecer cerimônias cada vez mais luxuosas, com música, coquetel e tiram da família a responsabilidade organizativa de um cerimonial. Poderíamos chamar de “mercado da morte da classe A”. A ideia é tratar o morto como se vivo ele estivesse. (p. 347)

Chegando nesse ponto, a pesquisa se deparou com um elemento que, a priori, não se vincularia às práticas funerárias mais frequentes no Brasil, mas que, sobretudo com o avanço da mercantilização das práticas funerárias, merece ser analisada: a cremação.

5.1 – A cremação e sua relação com a mercantilização das práticas funerárias

A cremação enquanto prática funerária ainda é incipiente no Brasil⁶⁰. Contudo, a incineração dos corpos após a morte é uma prática comum em diversas sociedades no decorrer das eras. FANZERES (1910, P.61-62) afirma que Hindus, Chineses, Gregos, Romanos e Hebreus conheciam essa prática desde o início de suas civilizações. Contudo, o método como os corpos eram incinerados diferencia-se da cremação atual, realizada em fornos elaborados única e exclusivamente para esse fim.

A cremação moderna, segundo RODRIGUEZ-DOD (2008), acompanha a lógica da industrialização, sendo desenvolvida sobre os mesmos moldes dos fornos industriais, porém aplicados para uma incineração mais eficiente.

A cremação moderna começou quando o professor italiano Brunetti exibiu modelo de uma câmara crematória na Exposição de Viena de 1873. Depois disso, o movimento em direção à prática da cremação moderna começou em alguns Países europeus e se espalhar para os Estados Unidos. (p. 314)

No Brasil, a cremação moderna é mais tardia. O primeiro crematório do país, o Crematório da Vila Alpina, foi inaugurado apenas em 1970. Contudo, o índice de crescimento nos últimos 40 anos do setor justifica a relevância dessa prática: Se até meados dos anos 90, o

⁶⁰ Segundo o Sindicato dos Cemitérios e Crematórios Particulares do Brasil (Sincep), entre 8% a 9% dos mortos no país são cremados. Fonte: <https://exame.abril.com.br/negocios/dino/opcao-pela-cremacao-em-caso-de-morte-cresce/> (acesso em 10/11/2018).

Vila Alpina era o único, dados recentes do SINCEP apontam no mínimo 65 crematórios espalhados por várias regiões do Brasil, o que indica que em se tratando de práticas funerárias, a cremação começa a se tornar uma opção a ser considerada.

Atualmente, a cremação vem sendo apresentada como uma alternativa à inumação baseando-se, a princípio, pelo discurso de seu aspecto prático: não se exige da família nenhum local para se destinar os despojos, considerando que o cemitério exige cuidados constantes sobre os corpos, como manutenção, visita ao jazigo, exumação, traslado. No caso da cremação, apenas a urna cinerária é o espaço que o corpo ocupará após o processo, cabendo à família destinar essas cinzas para onde bem entender. Comumente essas cinzas podem ser “sepultadas” em jazigos, ou quando o cemitério oferece columbários⁶¹ para esse fim, mas em geral, as cinzas são espalhadas em algum local de referência afetiva do falecido, jogadas ao mar, etc. Porém, é necessário compreender alguns aspectos que envolvem essa prática funerária, bem como quais são os fatores que contribuem para que a cremação se torne atrativa para os enlutados e por consequência, para o mercado.

Primeiramente, é preciso considerar que, assim como a inumação, a materialidade do corpo morto é o ponto central da cremação e que os elementos culturais que circundam a compreensão dessa materialidade são determinantes quando se decide qual o destino será dado ao cadáver. Segundo REBAY-SALISBURY (2012),

Tanto a cremação quanto a inumação são respostas práticas à realidade que um corpo morto representa, mas são abordagens radicalmente diferentes; a dicotomia entre a inumação e as cremações representa um conflito intrínseco entre o desejo de preservar o corpo pelo maior tempo possível e o desejo de transformação. (p. 15)

Na concepção da autora, a cremação e a inumação não são abordagens radicalmente diferentes, não sendo práticas funerárias tão distintas quanto à sua motivação, pois ambas se baseiam na mesma intenção, que é a de destinar os corpos de maneira digna. Aspectos culturais, históricos e religiosos são os fatores determinantes para que tais práticas sejam executadas em maior ou menor grau, de acordo com as sociedades nas quais estão inseridas, ou como afirma HERTZ (1928, p. 38), *assim, entre a cremação e os vários modos de enterro (...) há uma diferença de tempo e meios, mas não da natureza.*

⁶¹ Columbários são pequenos compartimentos reservados à colocação de urnas cinerárias, semelhantes aos lóculos dos cemitérios verticais.

MALINOWSKI (1948) observa diversas similaridades nas práticas funerárias existentes entre as sociedades que o autor considerava “primitivas” e as sociedades ocidentais. Para o autor, é comum em todas as sociedades um misto de apego e repulsa pelo cadáver, no qual os sentimentos de inconformismo e desespero impulsionam determinadas sociedades a preservarem o corpo o máximo de tempo possível, ou eliminá-lo completamente.

Isto nos conduz, talvez, ao ponto mais importante, a dupla tendência contraditória, de um lado preservar o corpo, manter intacta a sua forma ou reter partes dele; do outro, o desejo de se livrar dele, de tirá-lo do caminho, de o aniquilar completamente. A mumificação e a cremação são as duas expressões extremas desta tendência dupla. É impossível considerar a mumificação ou a cremação ou qualquer forma imediata como determinada por mero acidente de crença, como faceta histórica de uma cultura qualquer que adquiriu a sua universalidade somente através do mecanismo da difusão ou do contato. Encontra-se nitidamente patente nestes costumes a atitude mental básica do parente, amigo ou amante vivos, a recordação de tudo o que ficou da pessoa morta e o desgosto e o receio da horrível transformação trazida pela morte. (p. 31)

Na concepção do autor, o papel das práticas funerárias, movidas pela crença religiosa, desempenham papel fundamental no sentimento de inconformidade perante a morte e por consequência, na crença na imortalidade. O corpo putrefato é a condição à qual os indivíduos se negam a acreditar que seja a sua última. Omiti-lo pela via do sepultamento ou pela cremação auxilia na superação da angústia gerada pela morte. Acrescenta-se a isso o fato de a morte ser um fator de desagregação de um grupo social, principalmente os do tipo mais nuclear, como a família ou pequenas comunidades, o que explicaria por que a morte possui um papel muito mais preponderante em grupos sociais “primitivos” ou “selvagens”.

As concepções de Malinowski contribuem para observar, no que se refere às sociedades “civilizadas”, e portanto com índice populacional maior e mais “complexo”, que a amplitude da perda, apesar de atenuada com o processo de ressignificação, ainda é impactante no que se refere ao núcleo familiar, ou a grupos menores que compartilham de algum tipo de convivência. O impacto emocional da morte de um pai, filho ou um amigo próximo ainda é proporcionalmente maior do que esse evento sob a perspectiva da sociedade na qual estão inseridos. Segundo RODRIGUES (1979) as práticas funerárias contribuem para que a morte não comprometa o tecido social. A morte de membros da família, assim como de pessoas próximas, se não fossem tratadas primeiramente pelos ritos funerários e depois pelas práticas funerárias, desagregariam os laços de solidariedade entre todos os membros de um grupo. Dessa forma, a “união diante da morte” reestabelece, *pelo calor da solidariedade dos que ficaram, a*

integridade do grupo (p. 57). Diante do corpo morto, o grupo necessita dar a ele sentido, haja vista que o falecido possuía uma identidade e um vínculo social antes de morrer. Desenvolve-se assim, os mais diversos encaminhamentos, que direcionados culturalmente, se modificam acompanhando as mudanças sociais que as envolvem. Para o autor, *A cremação, como o cozimento, representa uma transformação culturalmente orientada* (p. 60).

Para que novos hábitos sejam orientados, é necessário que haja um cenário favorável para que isso ocorra. No caso brasileiro, todo o processo de “pré-cremação” em quase nada se diferencia das práticas que circundam a inumação: preparação dos corpos, velório, exéquias e outras cerimônias e homenagens transcorrem normalmente. A diferenciação se dá justamente com o encerramento desses procedimentos, que, ao invés do tradicional cortejo fúnebre em direção ao local de sepultamento, onde todos podem presenciar o ato da inumação, no processo de cremação, o procedimento se passa distante dos olhares dos enlutados: o caixão é encaminhado para o forno crematório, onde ficará por algumas horas, e suas cinzas serão recolhidas e entregues posteriormente à família em uma urna cinerária escolhida previamente pelos familiares.

Vale ressaltar que, incrementada pela mercantilização, a cremação se insere no país já como prática funerária comercializável, principalmente no que se refere ao destino a ser dado às cinzas. Contudo, os usos das cinzas mergulha a questão da cremação em um cenário controverso, no qual a apropriação mercadológica de bens mortuários, bem como sua popularização, progressivamente se opõe a algumas diretrizes religiosas, que alertam seus fiéis para que esse tipo de produto/serviço não banalize o aspecto sacral dos corpos e por consequência o culto aos mortos. As igrejas cristãs, que são as religiões predominantes no Brasil, não se posicionam de maneira efetiva sobre o assunto “pós cremação”, deixando uma lacuna que é cada vez mais preenchida pelo setor do mercado funerário.

O protestantismo, como já observado, não presta nenhum tipo de culto aos mortos, sendo suas práticas funerárias não direcionadas a eles, mas à comunidade. No que se refere à cremação, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, através do documento “O Sepultamento Eclesiástico - Um posicionamento da IECLB referente a enterro e cremação – 1997⁶²” trata do assunto como algo opcional aos fiéis:

9. Na Igreja cristã tem prevalecido a forma de enterro. O cadáver está sendo devolvido à terra de que, conforme Gn 3,19, foi formado. Mas também a

⁶² <http://www.luteranos.com.br/conteudo/o-sepultamento-eclasiastico-um-posicionamento-da-ieclb-referente-a-enterro-e-cremacao-1997> acesso em 08/11/2018.

cremação é uma forma de devolução da pessoa à terra. Ela não contradiz os princípios cristãos, e mais e mais tem se tornado praxe nas Igrejas luteranas.

10. A membros que se escandalizam com a cremação de uma pessoa falecida, ou que se sentem inseguros diante da decisão a tomar, diga-se:

- a. A fé cristã não prescreve a forma de sepultamento; portanto, não existe um modo especificamente cristão deste ato;
- b. A escolha da forma de sepultamento faz parte do exercício da liberdade cristã;
- c. Dentro desta liberdade é lícito levar em consideração aspectos econômicos, higiênicos, de espaço físico, de distância geográfica ou outros, na opção por uma ou outra modalidade.

11. Quanto a possíveis objeções teológicas à cremação, convém lembrar:

- a. O receio de que a destruição do corpo impediria a ressurreição é infundada. Deus saberá recriar o que uma vez criou, mesmo que aos olhos humanos a pessoa falecida tenha desaparecido completamente;
- b. Quando, no início da Igreja cristã, mártires foram queimados/as e suas cinzas espalhadas ao vento ou na água pelos inimigos da Igreja, esta sempre afirmou que estes/as mártires, sem dúvida, participariam da ressurreição dos mortos.

A cremação, pois, não se presta a demonstração anti-cristã. Ela não limita ou impossibilita a ação re-criadora de Deus.

12. Há que se combater, isto sim, a idéia de que a cremação liberta ou purifica a alma ou o espírito de seus laços materiais e atinge somente o corpo. Toda a pessoa com corpo, alma e espírito, morre e desaparece desta vida, não havendo aí nenhuma diferença entre enterro e cremação.

13. Recomenda-se, ainda, com insistência, que a urna com as cinzas não seja guardada em casa, mas enterrada em local apropriado, para evitar que surja veneração de mortos/as ou que se criem amarras psicológicas.

A Igreja Católica Apostólica Romana se posiciona de maneira semelhante a respeito do tema, que até meados do século XX se apresentava como um tópico ainda não explorado de modo específico. Após o Concílio Vaticano II, em 1961, em seu Código de Direito Canônico, a Igreja recomendou a não proibição da prática da cremação: “§ 3. A Igreja recomenda vivamente que se conserve o piedoso costume de sepultar os corpos dos defuntos; mas não proíbe a cremação, a não ser que tenha sido preferida por razões contrárias à doutrina cristã”. (p. 205). Esse posicionamento da Igreja sobre o assunto se refere às exéquias, que são os rituais de corpo presente. Ou seja, a Igreja Católica até então se limitava em prestar o sacramento até o momento do encaminhamento do corpo, quer fosse esse para a inumação ou cremação. Porém, 57 anos depois, em documento oficial⁶³ assinado pelo Papa Francisco, em 25 de outubro de 2016, o destino a ser dado às cinzas passa a ser regulamentado:

⁶³http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20160815_ad-resurgendum-cum-christo_po.html. Instrução *Ad resurgendum cum Christo* a propósito da sepultura dos defuntos e da conservação das cinzas da cremação. Acessado em 20/12/2018.

Para evitar qualquer tipo de equívoco panteísta, naturalista ou niilista, não seja permitida a dispersão das cinzas no ar, na terra ou na água ou, ainda, em qualquer outro lugar. Exclui-se, ainda a conservação das cinzas cremadas sob a forma de recordação comemorativa em peças de joalheria ou em outros objectos, tendo presente que para tal modo de proceder não podem ser adoptadas razões de ordem higiénica, social ou económica a motivar a escolha da cremação.

Sob seu aspecto laico, a cremação no Brasil possui pouca literatura jurídica a respeito. Os crematórios são fiscalizados e regulamentados pelo CONAMA e pela ANVISA, sob as mesmas diretrizes dos cemitérios. A cremação é prevista apenas na Lei nº 6.015, de 31 de dezembro de 1973 (modificada pela Lei nº 6.216, de 1975), que versa sobre o tema:

Art.77 - § 2º - A cremação de cadáver somente será feita daquele que houver manifestado a vontade de ser incinerado ou no interesse da saúde pública e se o atestado de óbito houver sido firmado por 2 (dois) médicos ou por 1 (um) médico legista e, no caso de morte violenta, depois de autorizada pela autoridade judiciária.

Por se apresentar de maneira bastante limitada, a legislação sobre a cremação recebeu, em 2011, no Senado Federal o projeto de lei nº 474⁶⁴, que acrescenta outros elementos importantes para a regulamentação dessa prática. Das propostas de alteração, as mais relevantes, no que se refere à prática em si, eram:

Art. 77 – A: § 2º No caso de cremação em decorrência de mera manifestação verbal de vontade, a certidão de óbito identificará o declarante que tenha assegurado que o falecido manifestou o desejo de ser cremado.
§ 6º É vedada a dissipação das cinzas em locais públicos utilizados para o lazer da comunidade ou onde seja comum a aglomeração de pessoas.

É possível observar que, tanto na lei vigente quanto na primeira proposta de alteração, a vontade do falecido deveria ser manifestada sobre seu desejo de ser cremado. No entanto, não raro essa vontade muitas vezes não é registrada oficialmente, ou é suplantada pela vontade dos familiares, que diante da situação, precisam obter uma autorização jurídica para contratar o serviço. Na segunda proposta, acrescenta-se a questão do local apropriado para a dispersão das cinzas, vedando que as mesmas possam ser dispersas em qualquer lugar, afim de “respeitar” não a sacralidade religiosa, mas a dos espaços públicos e de lazer.

⁶⁴ SENADO FEDERAL. Altera a Lei nº 6.015, de 31 de dezembro de 1973, que dispõe sobre os registros públicos, e dá outras providências, a fim de aprimorar a disciplina relativa à cremação de cadáveres. O projeto de lei em questão foi encerrado e arquivado. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/101550> (acesso em 12/01/2019)

O posicionamento da Igreja, por sua vez, pode ser observado pela ótica da preservação, assim como o estado dos locais sagrados sob seu domínio, ou seja, as cinzas devem ser depositadas em local abençoado. Além dos preceitos religiosos, pode-se considerar que, manipular os restos mortais ao seu bel prazer pode implicar a longo prazo o enfraquecimento dos espaços cemiteriais e conseqüentemente do culto aos mortos pela via religiosa, cada vez mais apropriado pelo mercado. Diante dessa apropriação mercadológica, não se pode desconsiderar a racionalidade com a qual a morte vem sendo tratada e assim ressignificada. Nesse sentido, durante a pesquisa foi observado que a crescente popularização da ideia da cremação é bastante atraente⁶⁵, considerando que a procura por alternativas à inumação ou novas formas de se constituir cemitérios (como os cemitérios-parques ou os verticais) revelam que as estratégias relativas à morte na sociedade contemporânea se ampliam e se adaptam não somente ao fenômeno da finitude, mas também ao mal-estar que ela causa àqueles que ficam responsáveis pelo encaminhamento dos seus entes falecidos. Diante dessa demanda, a cremação não se torna “mera concorrente” da inumação, mas passa a ser apropriada pela lógica do mercado dos bens funerários, oferecida como mais um serviço prestado pelas mesmas empresas que fazem dos cemitérios um empreendimento.

Diante de uma morte cada vez mais vinculada à memória, em detrimento dos valores religiosos relacionados à finitude e ao cadáver, a demanda por novas possibilidades de tratamento aos falecidos é rapidamente assimilada; no entanto, na prática, o mercado se direciona muito mais aos vivos do que aos mortos, no que venha a ser a “melhor maneira de cuidar dos vivos que sofrem com a dor da morte”. O discurso de propaganda, quer seja da cremação ou da inumação nos cemitérios de novo tipo, se apresenta como alternativa aos problemas práticos gerados pela morte, que trazem consigo as justificativas da questão ambiental e do problema da superlotação dos cemitérios convencionais, como uma incrementação a essa viabilidade racionalmente constituída. Essa condição, ainda que incipiente, traz consigo as mesmas características que impulsionaram o direcionamento do enterro em cemitérios, substituindo a inumação no interior das igrejas, cuja argumentação se pautava principalmente na tese higienista. Unindo conforto perante a dor, praticidade espacial

⁶⁵ Considerou-se durante a pesquisa, a possibilidade da inserção de alguns dados de maneira acessória, afim de contribuir para a compreensão sobre o processo de ressignificação das práticas funerárias. Para isso, foi elaborada na plataforma *Google Formulários* algumas enquetes *online* divulgadas pelas redes sociais *Facebook*, *Whatsapp* e e-mail no período de 30 de Outubro a 10 de Novembro de 2017. No total, 1.429 pessoas responderam. Uma das perguntas, no tocante à cremação, foi assim elaborada: *Se você pudesse escolher, qual destino você recomendaria aos seus amigos e familiares para o seu corpo após a sua morte?* A preferência da maioria dos respondentes (63%) foi pela cremação.

e responsabilidade ambiental, alguns desses empreendimentos cemiteriais oferecem concomitantemente a inumação, a cremação, o objetificação das cinzas e até mesmo a possibilidade de inumar as urnas cinerárias, ou colocá-las nos columbários, atendendo a necessidade que algumas famílias ainda exigem de se ter um local para lembranças. Segundo CASTRO (2012)

Percebe-se em tais elementos a busca por uma proposta que torne esses lugares como passíveis de construir uma memória, algo que o ato da cremação parece negar. Um tipo de serviço oferecido para aqueles que assim desejarem, sem negar os seus princípios de sobriedade e de conforto aos enlutados. Essa estratégia parece procurar atender a necessidade de ter um lugar para ritualizar, já que [...] nesses espaços são realizadas homenagens e celebrações especiais, como no dia de Finados e outras datas, como o dia das mães, dos pais e em muitas são oferecidas celebrações mensais. (p. 148)

A questão da materialidade da memória após a cremação, pretensamente suprida por tais empreendimentos, se apresenta mais como reminiscência do que como realidade. Isso porque nesses espaços a ausência de símbolos e de elementos visuais, diferentemente dos cemitérios tradicionais, praticamente exclui a morte como fator simbólico. É a “morte interdita” apontada por ARIÉS (1977):

Uma vez esvaziada a morte, não há mais razão para visitar seu túmulo. Nos países onde a revolução da morte é radical, na Inglaterra, por exemplo, a cremação torna-se a forma dominante de sepultamento. Quando prevalece a cremação, às vezes com a dispersão das cinzas, as causas não são apenas uma vontade de ruptura com a tradição cristã, uma manifestação de *enlightment*, de modernidade; a motivação profunda é que a cremação é interpretada como a maneira mais radical de fazer desaparecer e esquecer tudo o que pode restar do corpo, de anulá-lo *too final*. Apesar dos esforços dos administradores de cemitérios, quase não se visitam as urnas hoje em dia, enquanto que ainda se visitam os túmulos dos enterrados. A cremação exclui a peregrinação. (p. 55)

Vale ressaltar que nesse universo de mercantilização de bens mortuários, existe a proporcionalidade em que esses produtos e serviços estão em relação ao poder aquisitivo de seus consumidores, constituindo uma nova forma de distinção social. Se em cemitérios oitocentistas o prestígio dos indivíduos notáveis e das famílias era explicitado pela arte cemiterial, hoje temos a individualização pelas cinzas encrustadas em uma joia, ou na própria aquisição do serviço de cremação. Se na inumação convencional é possível ostentar seu sobrenome através de um mausoléu repleto de estatuário, desenvolvido por um escultor ou de arquitetura suntuosa, na cremação, urnas cinerárias de materiais luxuosos, bem como a gasto

com destinos diferentes a serem dados às cinzas dão a tônica da distinção. Um vasto leque de possibilidades está à disposição de quem puder arcar com tais despesas, tais como:

- Arte picto-crematória: uma pequena quantidade dos restos mortais incinerados são misturados à tinta e aplicados a uma tela. No Brasil a artista plástica Cláudia Eleutério⁶⁶ é referência nesse tipo de pintura.
- Joias: as cinzas, bem como os cabelos do falecido podem se tornar diamantes. Segundo a empresa Diamond Legend⁶⁷, um diamante feito a partir de cinzas pode ser adquirido em cores amarelo, branco e azul. Em Curitiba, o Crematório Vaticano⁶⁸ oferece, além da possibilidade de transformar as cinzas em diamantes, a possibilidade de inserir uma pequena quantidade (20g) em um cristal.
- Cinzas ao espaço: A empresa Celestis Incorporated⁶⁹ oferece o serviço de enviar as cinzas de um falecido ao espaço. O Crematório Vaticano, localizado em Curitiba, chegou a oferecer essa possibilidade em parceria com a empresa, mas devido à pouca aquisição, cancelou o serviço.
- Biurna: algumas empresas do setor de urnas cinerárias oferecem a opção de urnas biodegradáveis. As cinzas são depositadas na urna, que acompanhada de sementes, serão plantadas em local a ser escolhido pela família.

Essa utilização das cinzas aprofunda a problemática da distinção social pela via do consumo, da individualização e da customização. Isso porque o “cliente” não é o morto, mas sim os vivos, que diante da fragilidade gerada pelo medo da morte e a necessidade de afirmação de seu *status* perante os seus, passa a desejar o quanto for possível tais bens e serviços funerários. O desejo pela aquisição é de muitos; entretanto, consumá-la é para poucos.

Nesse sentido, vale ressaltar que a relação existente entre os cemitérios de novo tipo e demais empresas do setor de cremação reflete, mesmo que indiretamente, o mesmo fator

⁶⁶ Segundo Selma Antunes, ex-aluna de Cláudia Eleutério, “Arte picto-crematória é a nomenclatura registrada pela artista plástica Cláudia Eleutério para nomear seu projeto que transforma as cinzas do processo de cremação em obra de arte. Foi pensada como uma forma de homenagear a vida, eternizando a memória de pessoas queridas através da pintura.” <https://selmaantunes.blogspot.com/2015/09/apresentacao-arte-picto-crematoria.html> Acesso em 05/08/2017.

⁶⁷ www.diamondlegend.com.br. Acessado em 08/06/2018.

⁶⁸ <http://www.portalvaticano.com.br/servicos/cristais-e-diamantes/>. Acessado em 11/06/2018.

⁶⁹ www.celestis.com. Acessado em 13/06/2018

decorrente nos cemitérios tradicionais, no qual a materialidade simbólica concernente à forma como os vivos tratam seus mortos esvazia-se gradativamente em direção a uma postura pragmática. A racionalização, nesse contexto, torna fértil o terreno no qual a cremação se torna objeto de consumo, onde o próprio cadáver se torna mercadoria, ou melhor dizendo, a matéria-prima utilizada para novas mercadorias. Isso faz da cremação uma prática funerária extremamente distante da inumação no Brasil: Diferentemente de outros países em que a cremação possui origens culturais e religiosas, a cremação no Brasil não se inseriu para atender uma necessidade social, religiosa ou mesmo de saúde pública, mas sobretudo mercantil, acreditando no redirecionamento dos costumes, no qual os aspectos comerciais são a prioridade, fazendo do consumo o seu motor.

Como consequência, a cremação e a inumação, uma vez consolidadas como mecanismos mercantis, contribuem progressivamente à ressignificação das práticas funerárias, nas quais os valores religiosos, antes norteadores desse tipo de conduta referentes à morte, progressivamente são diminuídos diante da apropriação do mercado à racionalidade com que são tratadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente tese procurou identificar, bem como compreender, os processos sociais que permeiam as mudanças em cemitérios e nas práticas funerárias que se configuraram no Brasil. A transformação identificada nos cemitérios tradicionais e a introdução dos cemitérios de novo tipo demonstra que a morte, enquanto evento social, não apresenta na contemporaneidade a mesma forma que possuía no século XIX, haja vista que as práticas funerárias, marcadas principalmente pela religiosidade católica, aos poucos foram sendo modificadas e substituídas por fatores cada vez mais racionalizados, o que considerou-se definir como um processo de ressignificação, em que as mudanças não estão pautadas somente quanto à forma, mas também no seu conteúdo.

Para que se chegasse à compreensão de que os cemitérios e as práticas funerárias não exercem hoje o mesmo papel que há aproximadamente duzentos anos, era necessário identificar qual a representatividade que a morte possuía, fortemente arraigada em princípios oriundos de uma religiosidade medieval, sobretudo católica. A carga simbólica que a morte possuía desde o medievo, fazia dela um evento central na vida cotidiana. Tratar do assunto da morte era edificante para a vida, haja vista que a referência moral era norteadada pelo medo do pós morte, no qual todos seriam julgados, e, portanto, passíveis de serem condenados ou absolvidos por Deus.

Na tentativa de se representar a morte, ela passou a ser ilustrada por diversas formas e símbolos, retratados em obras de arte, em igrejas, capelas mortuárias e cemitérios. Nota-se que durante o processo de se representar a morte, primeiramente ela é mostrada de maneira literal, através de imagens cadavéricas, ou imagens que retratassem as almas sendo conduzidas aos seus destinos, como o céu, o inferno ou o purgatório. Em segundo momento, a morte passa a ser apresentada por alegorias, como a arte *vanitas* e outras obras de arte que passam a ilustrar não mais a morte em si, mas sim as práticas funerárias. Com o advento da tecnologia, essas imagens puderam ser representadas também pelas fotografias post-mortem⁷⁰. Uma vez estipuladas essas representações, a pesquisa se direcionou ao local principal das manifestações sobre a representatividade da morte e por conseguinte, das práticas funerárias: o cemitério.

⁷⁰ Vale ressaltar que essa modalidade de representação fotográfica contribuiu para o aprofundamento de outras práticas funerárias, como por exemplo, a necromaquiagem e a manipulação dos corpos para parecerem “apresentáveis”, que culminou no que hoje se conhece por tanatopraxia.

A própria origem dos cemitérios tradicionais se funda no processo de ressignificação, haja vista que a prática funerária do enterro, predominante na mentalidade católica, primeiramente era executada no interior e no entorno das Igrejas, seguindo uma mentalidade religiosa de que o enterro *ad sanctum* seria uma prática funerária que garantiria benesses espirituais a quem tivesse a honra de ser sepultado junto aos santos. Com a secularização e o desenvolvimento mais intenso da racionalização, esse tipo de conduta mortuária implantou uma mudança de mentalidade na qual o sepultamento em igrejas comprometeria a saúde pública, que durante o século XIX passava a ser uma instância cada vez mais administrada pelo Estado. Uma vez órfãos de seus santos como protetores dos corpos de seus familiares, os enlutados se viram diante da necessidade de enterrarem seus mortos em outro local apropriado, que seriam os cemitérios tradicionais. A arte e a simbologia antes presentes nas Igrejas começa então a povoar esses locais e torná-los mais individualizados, configurando, assim, uma espécie de reprodução dos modos de vida da cidade dos vivos projetada na cidade dos mortos.

O modelo de enterro *ad sanctum* já configurava, àquela época, a distinção social praticada pelos vivos, concedendo lugares privilegiados nas igrejas aos notáveis e marginalizando os anônimos ao enterro no adro, local que se destinava a todo tipo de pessoa considerada “indesejável”. Com o advento do cemitério, as formas de se delimitar os privilégios e o destaque às pessoas e famílias mais abastadas se tornou cada vez mais evidente através da riqueza exposta pela arte tumular e pelos materiais mais caros utilizados para a confecção dos jazigos, além da suntuosidade e tamanho dessas sepulturas, proporcionalmente inverso aos jazigos e túmulos menos ostentosos, que quanto mais simples se apresentam, mais evidenciam a diferença de classe já reproduzida entre os vivos.

Conforme o avanço da racionalização, maior se tornou o processo de ressignificação dos cemitérios. Atendendo a uma demanda mercantil, começam a surgir no Brasil durante o século XX os cemitérios de novo tipo, particularmente os cemitérios-parque e os cemitérios verticais. Esses cemitérios revelam em sua configuração, um aprofundamento da técnica e da racionalização em torno das práticas funerárias: o esvaziamento das referências religiosas, que já é possível identificar nos cemitérios tradicionais, se tornam a regra para a implantação desses novos cemitérios, que, cercados de uma aura de tecnicidade e eficiência, sobrepujam os aspectos religiosos e culturais sobre as práticas funerárias para o fortalecimento de uma distinção social mais elaborada, na qual estes novos espaços acabam sendo destinados a quem possui maior poder aquisitivo. O Estado, nesse processo, passa a delegar cada vez mais liberdade para esses empreendimentos reservando-se apenas a fiscalizá-los.

Essa intensificação do modo racionalizado de destinar os corpos nos cemitérios não se restringe aos seus locais, mas também às práticas funerárias como um todo. Como se pôde perceber, as práticas funerárias, até a segunda metade do século XIX ainda envolviam os enlutados diretamente no tratamento dado aos corpos, dada aquela proximidade de se tratar a morte, oriunda da Idade Média, onde ela não era considerada um tabu. Com a “interdição da morte”, o trato com os moribundos e com os mortos passa a ser delegado a terceiros, como os médicos e os agentes funerários. No século XX e agora no século XXI essa terceirização se aprofunda numa velocidade ainda maior, a tal ponto em que hoje, um enlutado pode “encomendar” todas as providências necessárias para o encaminhamento da pessoa falecida sem que o familiar tenha qualquer contato com o cadáver. Os familiares, os religiosos e as irmandades passam no desenrolar do tempo a ceder lugar aos profissionais cada vez mais especializados.

Lidar com os mortos sob uma perspectiva religiosa, passa, portanto, a ser uma condição acessória, facultativa, em que os rituais passam a ser práticas e as práticas cada vez mais se tornam técnicas.

A morte e os mortos, nesse contexto, passam a ser “tratados”, “remediados”, “maquiados”, desvencilhando de si progressivamente sua carga emocional, transferindo para a racionalidade da técnica o que um dia foi atribuição de outros setores da sociedade, como a família e a Igreja. O mercado aparece como novo paradigma, passando a desenvolver um discurso voltado para esse viés racional, de que a “precisão”, a “qualidade”, a “excelência” dos serviços prestados perante a morte serão os novos elementos que nortearão a conduta com relação aos entes falecidos, principalmente como meio de atenuar a dor causada pela perda. Trata-se de uma grande oportunidade de apropriação a partir de três elementos: a) diante de uma sociedade cuja relação com a morte e com os falecidos é de interdição, de afastamento e de negação, oferecer um produto que aprofunde e alimente essa mentalidade pode ser altamente lucrativo; b) a associação existente entre racionalidade e viabilidade, oferece um vasto campo no qual o investimento em inovações no setor funerário se amplia e se renova constantemente; c) num cenário que motiva constantemente o consumo, oferecer novos produtos se torna uma regra, a ser seguida pelas empresas e facilmente absorvida pelos consumidores.

O cenário do consumo desenfreado, ou hiperconsumo, não só influenciou o processo de resignificação das práticas funerárias, como também inseriu, no contexto brasileiro, uma prática até então inédita no país: a cremação. A priori, essa prática funerária não estava prevista neste trabalho, considerando que o foco se concentrava nos cemitérios e, por conseguinte, na prática do sepultamento. Além disso, a cremação enquanto prática funerária, não sendo vista

com bons olhos pela Igreja Católica, teve sua implantação e expansão inibida até o século XX. Contudo, constatou-se durante o trabalho que a cremação, mesmo ainda não tendo a mesma expressividade que o sepultamento, passa ser mais popularizada e viabilizada pelo viés da mercantilização. As empresas do setor funerário, entre elas os cemitérios de novo tipo, passam inclusive a oferecer essa prática como um diferencial e uma alternativa a ser considerada, valendo-se de argumentos que em muito se assemelham à implantação dos cemitérios no século XIX: alternativa à superpopulação de pessoas enterradas nos cemitérios (como também eram as Igrejas que já não comportavam o volume de mortos), a importância dos aspectos higiênicos (os miasmas combatidos pelos higienistas cedem lugar ao combate à poluição do solo), a racionalidade de sua execução (os cemitérios não precisavam mais do aval da Igreja para realizar os sepultamentos. Com a cremação ocorre o mesmo, e assim como a inumação, ambos são fiscalizados e regulamentados pelo Estado). A diferença crucial entre a cremação e o enterro no Brasil se dá principalmente quanto à sua motivação e seu sentido. A inumação no Brasil é uma prática cujas origens ocorrem de maneira endógena, considerando que era orientada pela Igreja, um dos elementos cruciais no processo de estabelecimento da religiosidade que permeava as práticas funerárias. A cremação, por sua vez, se insere no Brasil de maneira exógena: trata-se de uma prática que não se identifica com os aspectos culturais e religiosos da sociedade brasileira, surgindo principalmente como mais um empreendimento no sentido de ampliar o mercado funerário, conseguindo, no século XXI aprofundar ainda mais a mercantilização. Esse aprofundamento é tamanho, que até mesmo o próprio cadáver se converte em mercadoria: devidamente processado e trabalhado, os restos mortais, bem como o próprio indivíduo, após ser cremado, pode se transformar em obras de arte, joias ou “simplesmente” ser lançado na atmosfera ou no espaço.

Dessa forma, compreende-se que o processo de ressignificação dos cemitérios e das práticas funerárias deve considerar os seguintes elementos:

- A forma como a morte é representada socialmente é reflexo do momento em que está inserida; sociedades fortemente impregnadas pela religiosidade tendem a ver a morte como fenômeno religioso mais fortemente do que as mais intelectualizadas, cuja mentalidade faz com que esse evento seja representado progressivamente de maneira mais racional.

- As mudanças que ocorrem nos espaços cemiteriais acompanham as mudanças de mentalidade de uma sociedade: uma sociedade que se racionaliza tenta racionalizar todos os seus espaços, incluindo os cemitérios. Estes espaços permanecem materialmente, mas seu significado não é estanque, adaptando-se à dinâmica social na qual estão inseridos. Isso não significa que os cemitérios deixarão de existir, mas sua função com relação à morte, que antes

os configuravam como espaços sagrados, aos poucos os caracterizam como espaços de memória, nos quais a religiosidade a ser praticada ali passa a ser opcional e/ou acessória. Nisso se inserem as mudanças estéticas nos cemitérios tradicionais e a implantação dos cemitérios de novo tipo.

- O processo de ressignificação das práticas funerárias segue o mesmo raciocínio, porém de maneira mais complexa, pois diferentemente dos cemitérios, que são locais passivos no processo, as práticas funerárias se movimentam de maneira mais ativa, cuja dinâmica retroage sobre os cemitérios e sobre si mesmas.

- A mercantilização da morte, e por consequência, das práticas funerárias atuam como uma espécie de “motor” no processo de ressignificação, que acelera o processo numa velocidade cada vez maior, cujo combustível é o consumo.

- Durante o processo de ressignificação, alguns valores se modificam, mas outros se aprofundam: tanto o cemitério quanto as práticas funerárias possuem uma estreita relação de reprodução da distinção social, na qual o poder aquisitivo é o fator determinante que delimitará qual o destaque será dado ao morto. Tanto no século XIX quanto atualmente, os espaços e as práticas relacionadas à morte reservam maior ou menor distinção de acordo com o prestígio da família ou do falecido. Com a mercantilização, esse aprofundamento das diferenças sociais se torna mais evidente, pois o acesso a tais bens mortuários torna-se cada vez mais distante de quem não puder pagar por eles.

Assim, o que se pôde concluir é que o processo de ressignificação transpõe valores de uma determinada mentalidade para um outro domínio; a religião e a espiritualidade que antes permeavam os locais onde as práticas funerárias eram praticadas e consolidadas são progressivamente diluídas para serem transformadas em outro tipo de visão, localização e desenvolvimento, que acompanhem de maneira mais efetiva os novos contextos nos quais estão imersos.

Compreender as complexidades que permeiam cemitérios, bem como as práticas funerárias, é um trabalho intelectual enriquecedor para se compreender o funcionamento da sociedade dos vivos, estes sim, detentores e direcionadores dos destinos não só dos mortos mas de si mesmos. A forma como os mortos são tratados e condicionados reflete muito bem os caminhos pelos quais os vivos direcionam a própria vida e a sociedade à qual pertencem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T. e HORKHEIMER, M. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo, Paz e Terra, 2002.
- ANTUNES, Selma. **Arte picto-crematória**. Disponível em: <https://selmaantunes.blogspot.com/2015/09/apresentacao-arte-picto-crematoria.html>. Acesso em 05/08/2017.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE NECRÓPSIA. www.ananec.com.br. Acesso em 10/10/2018.
- ARAÚJO, Rogério Bianchi de. **A mercantilização da morte na sociedade de consumo**. Revista Habitus. Goiânia, v. 10, n.2, jul./dez. 2012.
- ARAÚJO, Tiago Nicolau de. **Túmulos celebrativos de Porto Alegre: múltiplos olhares sobre o espaço cemiterial (1889 – 1930)**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2008.
- ARIÉS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.
- _____. **O homem perante a morte**. Lisboa, Ed. Europa-américa, 2000.
- _____. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro, Edições Guanabara, 1986.
- ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. São Paulo, Martins Fontes, 2000.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas, Papyrus, 1994.
- BARRETO, Lima. **O cemitério**. In: A nova Califórnia. Belém, Universidade da Amazônia, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Mortality, Immortality and other life strategies**. Cambridge, Polity Press, 1992.
- _____. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2008.
- BAUDRILLARD, Jean. **A troca simbólica e a morte**. São Paulo, Edições Loyola, 1996.
- BELTING, Hans. **Image, Medium, Body: A New Approach to Iconology**. Critical Inquiry; Winter 2005.
- BENJAMIN, Walter. **Origem do Drama barroco alemão**. São Paulo, Brasiliense, 1984
- BERGER, Peter. **O Dossel Sagrado**. São Paulo, Ed. Paulinas, 1985
- BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. São Paulo, Ed. Paulus, 1990.
- BRADBURY, Mary. **Representations of Death: A social psychological perspective**. New York, Routledge, 1999.

BRANDÃO, Angela. **Dos seres alados da antiguidade aos anjos do rococó**. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 61, p. 133-154, jul./dez. 2014. Editora UFPR.

BRASIL, AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. **Referência técnica para o funcionamento de estabelecimentos funerários e congêneres**. Brasília, dezembro de 2009.

BRASIL. CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Decreto nº 789, de 27 de setembro de 1890**. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-789-27-setembro-1890-552270-publicacaooriginal-69398-pe.html> (acessado em 01/12/2018)

BRASIL. **Classificação Brasileira de Ocupações**. Ministério do Trabalho, 2017. Disponível em : <http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>, acessado em 14/11/2017

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Atlas do Censo Demográfico 2010: Diversidade cultural**. Disponível em: https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag_203_Religi%C3%A3o_Evang_miss%C3%A3o_Evang_pentecostal_Evang_nao%20determinada_Diversidade%20cultural.pdf Acessado em 19/10/2018.

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Constituição política do Imperio do Brazil (**de 25 de março de 1824**). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm . Acesso em 18/10/2018.

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (24 de fevereiro de 1891)**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao91.htm (acesso em 01/12/2018)

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (de 16 de julho de 1934)** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao34.htm (acesso em 01/12/2018)

BRASIL. SENADO FEDERAL. Proposta de lei. **Altera a Lei nº 6.015, de 31 de dezembro de 1973, que dispõe sobre os registros públicos, e dá outras providências, a fim de aprimorar a disciplina relativa à cremação de cadáveres**. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/101550> (acesso em 12/01/2019)

BROSSAT, Alain. **Habiter sans vivre : le cimetière comme hétérotopie**. Rev. Le sujet dans la cité 2011/1 (n° 2).

BRUNO, Aguiomar Rodrigues. PEREIRA, Geovane Dias. **A morte no ambiente doméstico: ritos fúnebres no Vale do Paraíba Fluminense Oitocentista (Freguesia de Piraí)**. CLIO: Revista de Pesquisa Histórica, n. 35, p. 175-199, Jan-Jun, 2017

CAILLÉ, Alain. **Nem holismo nem individualismo metodológicos: Marcel Mauss e o paradigma da dádiva.** Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 13, nº 38, São Paulo, 1998.

CAMARGO, Luís Soares de. **Corpos excluídos e indesejáveis.** Cadernos do CEOM - Ano 16 nº 16. Chapecó, Argos, 2002.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. **A iconografia das Almas e do Purgatório: uma releitura bibliográfica e alguns exemplos (séculos XV ao XVIII).** Locus, Revista de história. V. 21 Nº 2. Editora UFJF. 2015.

CAMPOS, Ana Paula Silva. **Avaliação do potencial de poluição no solo e nas águas subterrâneas decorrente da atividade cemiterial.** Dissertação de Mestrado. São Paulo, USP, 2007.

CARNEIRO, Maristela. **Construções tumulares e representações de alteridade: materialidade no cemitério municipal São José, Ponta Grossa/PR/BR, 1881-2011.** (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2012.

CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke. **A antiguidade clássica na representação do feminino: pranteadoras do Cemitério Evangélico de Porto Alegre (1880-1930).** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2009.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** Vol. 1. São Paulo, Editora Paz e Terra. 2000.

CASTRO, Elisiana Trilha. **Para cada morto, a sua cova: algumas restrições para o sepultamento de protestantes no Brasil, século XIX.** Revista Inter-Legere, Jan-Jun 2013.

_____. **“Ao pó retornarás”:** um olhar sobre os crematórios e a morte contemporânea. Caderno de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, v.13, n.102, p.135-152 jan/jun 2012.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. **“As virtudes teologais”.** Terceira Parte - Primeira Seção – Capítulo I – Artigo 7. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/p3s1cap1_1699-1876_po.html . Acesso em 18/11/2018.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA – COMPÊNDIO. **Os Sete Sacramentos da Igreja.** Disponível em: http://www.vatican.va/archive/compendium_ccc/documents/archive_2005_compendium-ccc_po.html Acesso em 16/10/2018

CATROGA, Fernando. **Os passos do homem como restolho do tempo. Memória e fim do fim da História.** Coimbra: Edições Almedina, 2011.

CEMITÉRIO JARDIM DA RESSURREIÇÃO. Página oficial do *Facebook*. Disponível em: <https://www.facebook.com/jardimdaressurreicao> (acessado em 10/08/2017)

CEMITÉRIO MUNICIPAL DE OURINHOS. www.cemiterio.ourinhos.sp.gov.br. Acesso em 09/08/2017.

CEMITÉRIO PARQUE MEMORIAL GARDEN. www.memorialgarden.com.br. Acesso em 09/08/2017.

CEMITÉRIO VERTICAL DE CURITIBA. www.cemiteriovertical.com.br. Acesso em 09/08/2017.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis, Vozes, 1998.

CHEVALIER, Jean. **Diccionario de los símbolos**. Barcelona, Editorial Herder, 1986.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. **Título V - Do Sacramento da Unção dos Doentes**. Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, 1983.

CONCÍLIO ECUMÊNICO DE TRENTO. Sessão XXV. **Decreto sobre o Purgatório**. Disponível em: <http://www.montfort.org.br/bra/documentos/concilios/trento/#sessao25> . Acesso em 24/11/2018.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Instrução *Ad resurgendum cum Christo a propósito da sepultura dos defuntos e da conservação das cinzas da cremação***. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20160815_ad-resurgendum-cum-christo_po.html. Acesso em 20/12/2018.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo, Companhia das Letras, 2017.

DEBORD. Guy. **A sociedade do espetáculo**. Ilha do Mel, e-Books Brasil, 2003.

DEBRAY. Régis. **Vida e morte da imagem**. Petrópolis, Ed. Vozes, 1993.

DICIONÁRIO ONLINE GLOSBE. em: <https://pt.glosbe.com/en/pt>. acesso em 29/1/2018.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo, Martins Fontes, 2000

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**, seguido de **Envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

ETERNIME. www.eterni-me. acesso em 10/12/2018.

FANZERES, Gabriel Cardoso. **Inhumação e Cremação – Ligeiro estudo sob os pontos de vista higienico e medico-legal**. Cidade do Porto, Typographia Universal, 1910.

FARIA, Ernesto. (org.) **Dicionário escolar latino-português**. Ministério da educação e cultura — departamento nacional de educação. 1962.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário básico da língua portuguesa**. São Paulo, Ed. Nova Fronteira, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis, Editora Vozes, 2004.

_____. **De espaços outros.** Tradução de Ana Cristina Arantes Nasser. Revista Estudos Avançados, nº 27 (79), São Paulo, 2013.

FOTOLOG JACAREZINHO COM AMOR. <http://jacarezinho.nafoto.net/> Acesso em 16 de abril de 2018.

FUNERAL CONCEPT. <https://www.funeral-concept.fr/>. Acesso em 05/06/2016.

GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem.** Petrópolis, Vozes, 2011.

GINZBURG, Carlo. **Ojazos de madera. Nueve reflexiones sobre la distancia.** Barcelona, Ediciones Península, 2000.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, conventos e prisões.** São Paulo, Editora Perspectiva, 1974.

GORER, Geoffrey. **The Pornography of death.** Encounter, October 1955.

GRASSI, Clarissa. **A necrópole como reflexo da polis: um estudo sobre a arquitetura tumular do Cemitério Municipal São Francisco de Paula.** Anais do XVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis, 2015.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo, I: Racionalização da ação e racionalização social.** Volume I. Ed. Martins Fontes. São Paulo, 2012.

HENRY, Hugh Thomas. **Stabat Mater.** Catholic Encyclopedia (1913), Volume 14. Disponível em: [https://en.wikisource.org/wiki/Catholic_Encyclopedia_\(1913\)/Stabat_Mater](https://en.wikisource.org/wiki/Catholic_Encyclopedia_(1913)/Stabat_Mater). Acesso em 24/11/2018

HEUER, Johanna Wolfman. **A normatização dos sepultamentos em Nossa senhora do Desterro: Uma história funerária.** Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.

HERTZ, Robert. **Sociologie religieuse et folklore.** Paris, Les Presses universitaires de France, 1970

HONNET, Axel. E AVISHAI, Margalit. **Invisibility: On the Epistemology of ‘Recognition’.** *Aristotelian Society Supplementary Volume*, Volume 75, Issue 1, 1 July 2001, Pages 111–126. Oxford Academic, 2015.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. **O Sepultamento Eclesiástico - Um posicionamento da IECLB referente a enterro e cremação – 1997.** Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/conteudo/o-sepultamento-eclasiastico-um-posicionamento-da-ieclb-referente-a-enterro-e-cremacao-1997> acesso em 08/11/2018.

KATALOG DER DEUTSCHEN NATIONALBIBLIOTHEK. **Dados biográficos sobre Johann C. Männling.** Disponível em: <https://portal.dnb.de/opac.htm?method=simpleSearch&cqlMode=true&query=nid%3D129376361> Acesso em 24/11/2018.

KEHL, Maria Rita. **Muito além do espetáculo**. Disponível em: <https://artepensamento.com.br/item/muito-alem-do-espetaculo/> Acesso em 16/01/2019.

KANT, Immanuel. **Die philosophischen Hauptvorlesungen Immanuel Kants : nach den neu aufgefundenen Kollegheften des Grafen Heinrich zu Dohna-Wundlacken**. KOWALEWSKI, von Arnold (org). Munique, Ed. Rösl, 1924.

LEITE, Daniel T. Meirelles. **Alegorias nos cemitérios do Rio Grande do Sul**. In: **Cemitérios do Rio Grande do Sul: Arte – Sociedade – Ideologia**. BELLOMO, Francisco (org.). Porto Alegre, EDIPUCRS, 2008.

LEXIKON, Herder. **Dicionário de Símbolos**. São Paulo, Cultrix, 2013.

LIMA, Raquel Vaccari de. **O gênero de discurso epitáfio e a imagem do outro na memória social**. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal: Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. São Paulo, Companhia das Letras, 2014.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Magic, Science and Religion & Other Essays**. The Free Press, Glencoe, Illinois, 1948.

MARANHÃO, José Luiz de Souza. **O que é morte**. São Paulo, Brasiliense, 1996.

MARCHANT, Guyot. **Danse Macabre**. 1485. Disponível em: <http://www.lamortdanslart.com/danse/danse.htm> Acessado em 24/11/2018,

MARQUES, Roberto Barreto. **Morte e vida feminina: as múltiplas facetas da representação escultórica da mulher em cemitérios oitocentistas**. In: Anais da 29ª Reunião Brasileira de Antropologia. Natal, 2014.

MARTINS, Angelina Carr Ribeiro. **A religio do cristianismo primitivo: arte, símbolos e ressignificações nas catacumbas romanas**. revista Último Andar, n. 25, PUC – SP, 2015

MARTINS, José de Souza. **O amor nos cemitérios**. In: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,o-amor-nos-cemiterios-imp-,949010?success=true>. São Paulo, 2012. Acessado em 05/03/2017.

_____. **A morte e os mortos na sociedade brasileira**. São Paulo, Editora Hicitec, 1983.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo, Cosac Naif, 2003.

MEIRA, Silvio A. B. **A lei das doze tábuas: fonte do direito público e privado**. Rio de Janeiro, Ed. Forense, 1972.

MEMORIALL. www.memoriall.com.br. Acesso em 09/08/2017.

MITFORD, Jessica. **The American way of death revisited**. New York, Vintage Books, 2000.

MOTTA, Antônio. **Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros**. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº 71. 2009

NASCENTES, Antenor. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, s/ed. 1955.

OKADA, Sionara Ioco. SOUZA, Eliane Moreira Sá de. **Estratégias de marketing digital na era da busca**. REMark - Revista Brasileira de Marketing, São Paulo, v. 10, n. 1, p 46-72, jan./abr. 2011.

OLIVEIRA FILHO, Sérgio William de Castro. **Visões da morte: ritos fúnebres sob o olhar de uma missionária protestante no Ceará do século XIX**. ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História – Fortaleza, 2009.

PEREIRA, Júlio César Medeiros da S. **À flor da terra: O Cemitério dos Pretos Novos no Rio de Janeiro**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio do Rio de Janeiro, 2006.

PIERRON, Jean-Philippe. **Rites de mort et modernité : une lecture d'un tableau de Courbet**. Rev. Études sur la mort 2008/1 (nº 133)

PINTO, Lilian Silva. **Tem que pagar pra nascer, tem que pagar pra viver, tem que pagar pra morrer: mercado funerário e distinção social**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia, 2016.

PLANO FUNERÁRIO SÃO JOSÉ. <http://funerariaememorialsaojose.com.br>. Acesso em 28/11/2018.

POSSAS, Lidia . M.V. **Viuvez, Gênero e oralidade: recuperando os sujeitos invisíveis nos anos de chumbo (Brasil 1970-1989)**. In: História Oral. V.12, nº 1-2, Nov/dez/2009

PREFEITURA MUNICIPAL DE OURINHOS. **Prefeitura continua realizando o recadastramento de túmulos do cemitério**. Disponível em: <http://www.ourinhos.sp.gov.br/noticia/1345/prefeitura-continua-realizando-o-recadastramento-de-tumulos-do-cemiterio/> acesso em 20/04/2018.

PSEUDO-DIONÍSIO. **Da hierarquia celeste**. Disponível em: <https://sumateologica.files.wordpress.com/2010/02/pseudo-dionisio-da-hierarquia-celeste.pdf> Acesso em 11/11/2018

REBAY-SALISBURY, K. **"Inhumation and Cremation: how burial practices are linked to beliefs"**. in M.L.S. Sørensen and K. Rebay-Salisbury (eds) Embodied Knowledge: Historical Perspectives on Technology and Belief. 15-26. Oxford: Oxbow.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

REZENDE, Renata. BARBOSA, Marialva Carlos. **Fragmentos de um corpo: as novas tecnologias da comunicação e a construção da morte contemporânea**. Anais do VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação. Santos, setembro de 2007.

RIBEIRO, Vitor Santos. PERUSI, Maria Cristina. **Restrição à expansão do cemitério municipal de Ourinhos-SP e as condições sanitárias da população do entorno.** Ourinhos, Revista Geografia e Pesquisa - n. 1 - v.4, 2010

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do corpo.** Rio de Janeiro, Achiamé, 1979.

RODRIGUEZ-DOD, Eloisa. *Ashes to Ashes: Comparative Law Regarding Survivors' Disputes Concerning Cremation and Cremated Remains*, 17 Transnat'l L. & Contemp. Probs. 311 (2008).

SANTOS, Carolina Junqueira dos. **O corpo, a morte, a imagem: a invenção de uma presença nas fotografias memoriais e post-mortem.** Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, 2015.

SILVA, Manuela Pacheco Nunes. **Síndrome da anorexia-caquexia em portadores de câncer.** Revista Brasileira de Cancerologia 2006; 52(1): 59-77

SILVEIRA, Felipe Augusto de Bernardi. **Práticas tradicionais de sepultamento na cidade de Diamantina.** Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano III, n. 7, Mai. 2010

SINDICATO DOS CREMATÓRIOS E CEMITÉRIOS PARTICULARES DO BRASIL. www.sincep.com.br. Acesso em 10/11/2018.

SIMMEL, George. **A metafísica da morte.** Tradução de Simone Carneiro Maldonado. Revista Política e Trabalho. UFPB, 1998.

TALAMONI, Ana Carolina Biscalquini. **No anfiteatro da anatomia: o cadáver e a morte.** São Paulo, Cultura Acadêmica, 2012.

TENESCU, Alina. **La mort en ligne, le cimetière virtuel et l'architecture des rites funéraires postmodernes.** Rev. de l'Université de Silésie, n°9, Pologne, 2014.

TONON, Maria Joana. **Higiene: herdeira da teoria miásmática. Campinas no século XIX.** Tese de Doutorado. UNICAMP, 2015.

UNILUTUS ASSISTÊNCIA FUNERAL. <http://www.unilutus.com.br>. Acesso em 28/11/2018.

VAILATI, Luiz Lima. **As fotografias de “anjos” no Brasil do século XIX.** Anais do Museu Paulista. São Paulo. v.14, n.2, jul.-dez. 2006.

VERAS, Lana; COELHO SOARES, Jorge. **Aqui se jaz, aqui se paga: a mercantilização da morte.** Revista Psicologia & Sociedade, vol. 28, núm. 2, 2016, pp. 226-236

VOVELLE, Michel. **Imagens e imaginários na história.** São Paulo, Ática, 1997.

WEBER, Max. **A ciência como vocação.** In: Ciência e Política: duas vocações. São Paulo, Ed. Martin Claret, 2006.

_____. **A psicologia social das religiões mundiais.** In: Ensaio de sociologia. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1974.

_____. **Burocracia.** In: Ensaio de sociologia. Rio de Janeiro, Editora LTC, 1982.

_____. **Conceitos básicos de Sociologia.** São Paulo, Centauro, 2002.

_____. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo, Ed. Martin Claret, 2001.

WITECK, Ana Paula Gomes. **A *vanitas* em obras de arte contemporânea: um estudo iconográfico.** (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Maria. 2012.

APÊNDICE

DESCRIÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO NOS CEMITÉRIOS: CEMITÉRIO SÃO JOÃO BATISTA (JACAREZINHO, PR), CEMITÉRIO MUNICIPAL DE OURINHOS (SP), CEMITÉRIO SÃO FRANCISCO DE PAULA (CURITIBA, PR), CRIPTA DA CATEDRAL DA SÉ (SÃO PAULO, SP), CEMITÉRIO VERTICAL DE CURITIBA (PR) E CEMITÉRIO-PARQUE *MEMORIAL GARDEN* (OURINHOS, SP)

APÊNDICE - A PESQUISA DE CAMPO: OBSERVAÇÕES SOBRE OS CEMITÉRIOS ANALISADOS.

O interesse pela pesquisa sobre os aspectos sociológicos que envolvem os cemitérios se iniciou com um trabalho de iniciação científica com alunos do Ensino Médio do Instituto Federal do Paraná, campus Jacarezinho. Na ocasião, eu e meus orientandos fizemos algumas visitas ao Cemitério São João Batista e lá pudemos observar diversos aspectos que estão sendo analisados nessa pesquisa. No intuito de comparar e ampliar a análise sobre a constituição das necrópoles, decidi pesquisar outros cemitérios procurando encontrar entre eles semelhanças e diferenças. Para isso, analisei o Cemitério Municipal de Ourinhos e o Cemitério-Parque *Memorial Garden* também nessa cidade; o Cemitério Vertical de Curitiba, o Cemitério Municipal São Francisco de Paula ambos na capital paranaense; a Cripta da Sé e o Cemitério da Consolação, na cidade de São Paulo.

Os cemitérios foram visitados com a intenção de se observar os seus aspectos estéticos, funcionais e suas particularidades. Para isso, foram feitas fotografias e levantamentos básicos sobre esses locais, de maneira que se possa ilustrar as principais características do processo de ressignificação em seu contexto sociológico. Os cemitérios visitados foram separados em duas categorias, que são os cemitérios considerados tradicionais (Cemitério Municipal São João Batista de Jacarezinho, Cemitério Municipal de Ourinhos, Cemitério Municipal São Francisco de Paula de Curitiba, Cripta da Catedral da Sé e o Cemitério da Consolação) e os cemitérios de novo tipo (*Memorial Garden* em Ourinhos e o Cemitério Vertical de Curitiba). A partir dessa categorização foi possível identificar os elementos que demonstram as mudanças ocorridas no processo de ressignificação dos espaços cemiteriais e, por conseguinte, as práticas funerárias a eles vinculadas.

Cemitério Municipal São João Batista

O Cemitério Municipal São João Batista de Jacarezinho, localizado no norte do Estado do Paraná, foi inaugurado no início do século XX, e se encontra na Alameda Padre Magno, 559. Como o próprio nome já indica, apesar de ser um cemitério municipal, a denominação faz referência a uma religião específica que é o catolicismo. A entrada do cemitério também guarda a forte influência da Igreja católica naquele município: um arco decorado com uma cruz. Não só no portão principal, mas ao entrar na necrópole os primeiros elementos visíveis são mausoléus e monumentos vinculados à Igreja Católica.

A cidade de Jacarezinho não possui muitos registros históricos sobre seu cemitério. As poucas informações se encontram esparsas por alguns memorialistas informais. Um deles, cuja identidade preservou nesse trabalho, ao ser contatado por mim não manifestou interesse em contribuir para a pesquisa. Contudo o mesmo possui um *fotolog*⁷¹ com diversas informações sobre a história da cidade e no referido *site* autoriza a divulgação de algumas fotos desde que indicadas suas fontes. Buscando outras fontes como jornais locais e relatos de alguns moradores da cidade, o que descobri foi que originalmente o cemitério não se localizava onde está instalado hoje. Até o início do século XX, na área central da cidade onde hoje se localizam a Catedral da Imaculada Conceição e ao lado o Colégio Elo (antigo Cristo Rei) se encontrava o cemitério. Conta-se que na ocasião da construção da catedral e do colégio muitas ossadas foram encontradas, mesmo após os traslados dos restos mortais que ali estavam enterrados serem transferidos para o terreno do cemitério atual. Segundo um *blog* local⁷² a sepultura mais antiga do cemitério possui mais de um século, datando de 1916.

As primeiras quadras, próximas ao portão principal abrigam as sepulturas e mausoléus mais antigos da cidade e contam com uma grande variedade arquitetônica que vai desde o barroco ao moderno. Nessa região do cemitério se encontram os jazigos das famílias mais influentes da cidade, como os Setti, Alcântara, Fortes, Abujamra, entre outros. Estes jazigos são os principais responsáveis pela grande variedade de elementos estéticos (estelas, estátuas, ornamentos, imagens sacras, símbolos) encontrados. Inseridos nesse contexto, três jazigos se destacam por possuírem uma arquitetura destoante das demais e outro pelo impacto emocional.

- **Padres Palotinos:** este jazigo é um mausoléu impressionante pela sua verticalidade, possuindo uma estrutura de aproximadamente dez metros de altura dividida em dois níveis: no primeiro se encontra uma espécie de altar, composto por quatro paredes separadas em sua base distribuídas de maneira circular. No segundo, em oito, formando uma espécie de “torre vazada”, cujo topo possui uma orbe de barras de ferro encimada com uma cruz. Observado à distância é a construção mais visível, sendo o ponto mais elevado do cemitério.

⁷¹ <http://jacarezinho.nafoto.net/> Acessado em 16 de abril de 2018.

⁷² <http://santoantplatina.blogspot.com.br/2012/10/colecao-de-curiosidades-no-cemiterio-de.html> - acessado em 16 de abril de 2018.



Figura 33 – Jazigo dos Padres Palotinos. Acervo do autor

- Jazigo do casal Severino Conrado de Alcântara e sua esposa, Salviana Fortes Alcântara. Considerados os fundadores da cidade, cujo nome já foi Nova Alcântara em homenagem ao fundador, o jazigo de arquitetura moderna apresenta uma sutil ilusão de ótica a quem o observa: olhado de frente, lembra uma pequena casa de telhado curvo; de perfil, se observa apenas cinco faixas de alturas diferentes. Conforme se contorna o túmulo, pode-se notar que a composição se trata de duas mãos em formato de prece. Além desse aspecto estético, outro ponto que chama a atenção, que é o mal estado de conservação do jazigo. Pintado de forma grosseira, com muitas demãos de uma tinta desgastada pela ação do tempo, alguns elementos, como a lápide que homenageia os fundadores da cidade, se encontrava parcialmente coberta de tinta além de uma pequena palmeira que dificulta a visualização da mesma e dos demais familiares ali sepultados. Além disso, a tampa de metal do túmulo encontrava-se semiaberta possibilitando observar alguns ossos ali depositados, num estranho contraste entre inovação arquitetônica e má conservação física de um jazigo que remete à memória da cidade.



Figuras 34 e 35. Jazigo dos fundadores da cidade de Jacarezinho. Na foto à direita, a construção em forma de mãos em oração e no detalhe, restos mortais expostos. (Acervo do autor).

- Túmulo de criança. Túmulos destinados a crianças de maneira geral trazem um apelo emocional maior, considerando que uma vida interrompida ainda no início não é facilmente aceita, principalmente pelos pais e familiares. Comumente é possível identificá-los pelas dimensões reduzidas e pelos epitáfios. Contudo, um jazigo em particular no Cemitério São João Batista, cuja identidade da família será aqui preservada, chama a atenção pelos elementos que o constituem: construído de maneira simples como a maioria dos túmulos mais recentes, este tem em seu acabamento diversos adesivos de personagens infantis além de muitas fotos da criança, compondo uma espécie de mural. Além desses elementos, o jazigo possui uma estrutura em forma de oratório, cujo interior não é reservado a imagens sacras, mas sim a muitos objetos pessoais que a criança utilizou. De brinquedos a sabonetes, o singelo memorial traz um pouco da história da criança. As fotos distribuídas pelo túmulo acompanhadas de algumas mensagens, mostram que a criança nasceu com uma doença crônica mas não resistiu. Em relação a esse caso ousou dizer que encontro muita dificuldade em descrever o impacto emocional que a visão desse túmulo causa em quem o visita. De todas as visitas realizadas, nesse trabalho de campo, esse jazigo singelo em sua estrutura física é uma exceção. Ali se observa fortemente a dor causada pela morte e sua reverberação na vida dos familiares, em particular os pais.

Outra característica relevante que observei durante a pesquisa foi a má conservação de jazigos no cemitério de Jacarezinho. A quantidade de túmulos aparentemente abandonados é impressionante, principalmente na parte mais antiga do cemitério, chegando a aproximadamente um terço dos mesmos, diferentemente das áreas onde se localizam os túmulos

padronizados que são mais recentes se comparados aos que ali se encontram desde o início do século XX. Conforme se afasta da área mais antiga do cemitério se observa a mudança nos jazigos, pois não há mausoléus e pouca ou nenhuma ornamentação mais elaborada nos túmulos, uma regra observada em todos os cemitérios tradicionais observados.

De maneira geral, o problema da conservação dos jazigos se deve a diversos fatores, que vão desde o fim de uma geração familiar e, portanto, o desaparecimento de pessoas que se responsabilizariam pela manutenção, atos de depredação (o cemitério já foi depredado diversas vezes por ladrões), abandono ou o crescente número de protestantes na cidade. Durante a pesquisa, não encontrei nenhuma referência a projetos de conservação por parte da prefeitura de maneira direta aos túmulos ou algum processo de recadastramento das famílias para notificação ou controle, reservando-se a prefeitura a realizar apenas a manutenção da estrutura (meios-fios, calçamento, segurança).

O que se pode constatar no Cemitério São João Batista é que ele reflete um padrão existente nos os cemitérios tradicionais. Geograficamente, assim como em qualquer cidade, existem áreas privilegiadas e áreas periféricas. Dessa forma, é possível notar que que quanto mais distantes se encontram os jazigos da “área nobre” do cemitério, maior é o volume de túmulos simples e cada vez mais raros os elementos estéticos de diferenciação. Essa distância física reflete também a distância temporal, haja vista que as áreas ocupadas por jazigos mais antigos, carregam em si uma concepção de morte diferente dos mais recentes. Conforme se analisou no decorrer dessa pesquisa, isso foi também constatado nos outros cemitérios tradicionais analisados, como o Cemitério Municipal de Ourinhos, o Cemitério Municipal São Francisco de Paula em Curitiba e o Cemitério da Consolação em São Paulo.

Cemitério Municipal de Ourinhos

O Cemitério Municipal de Ourinhos, ou Cemitério da Saudade, localizado na rua Gaspar Ricardo, nº 1313, foi escolhido para essa pesquisa devido à facilidade de acesso (Ourinhos é minha cidade natal e onde resido) e pelos fatores característicos desse cemitério.

Inaugurado em 1928, o cemitério, assim como o de Jacarezinho, não foi originalmente iniciado no local atual. O antigo cemitério, do início do século XX, se localizava onde hoje é o Centro de Ressocialização, antiga Cadeia Pública. Com uma fachada de arquitetura moderna, os elementos religiosos encontrados são uma cruz e um anjo à direita. Originalmente eram dois anjos, mas devido a uma forte tempestade que afetou a cidade, uma das estátuas angelicais foi

destruída e não foi substituída. Apesar dessas referências, o Cemitério Municipal não recebe um nome religioso, apenas o termo *Cemitério da saudade*, que é utilizado em alguns meios de comunicação.



Figura 36 - Vista aérea do Cemitério de Ourinhos. Fonte: Prefeitura Municipal.

A história da implementação do Cemitério Municipal tem uma origem no mínimo curiosa: Jacintho Ferreira de Sá, um dos fundadores da cidade, doou o terreno para a prefeitura construir o novo cemitério, e, no mesmo ano, faleceu vítima de tifo, sendo o primeiro cidadão de Ourinhos a ser enterrado no novo cemitério. Além de ser o primeiro jazigo a ser construído no local, o túmulo da família possui características que o distingue dos demais:

- Com aproximadamente 16 m² de área, é o maior lote de todo o cemitério.
- Diferentemente dos demais túmulos históricos, o jazigo não pode ser observado à distância, pois não se encontra ali nenhum mausoléu, estátua ou qualquer objeto decorativo que o identifique. Trata-se de um túmulo quase ao nível do chão rodeado por uma espécie de cerca natural, feita de espadas de São Jorge ali plantadas.
- É o jazigo com o maior número de pessoas inumadas: segundo as placas de identificação, 14 pessoas estão enterradas naquele local.



Figura 37 – Primeiro Jazigo do cemitério da cidade de Ourinhos. Acervo do autor.

O túmulo da família do fundador agrega em sua constituição vários aspectos abordados nessa tese, considerando que, mesmo sendo o jazigo mais antigo, sua forma é notadamente moderna, ou seja, sua estrutura original foi modificada. A ausência de ornamentação mais elaborada e de elementos que o diferencie dos demais é compensada somente pelo material utilizado em sua composição: feito em granito rosa com uma grande placa de bronze com o nome da família e as demais placas também em bronze com a identificação dos familiares enterrados, demonstra a mudança de concepção sobre a função do túmulo não mais como objeto religioso, mas de cultivo à memória, evidenciando a racionalização do enterro.

Excetuando-se o caso do jazigo observado, é possível notar que no cemitério ourinhense, conforme se caminha pelo mesmo, em linha reta desde o portão principal, os túmulos padronizados vão se tornando mais constantes em sua constituição. Isso se deve ao fato de que os túmulos mais antigos se encontram próximos ao portão enquanto aos mais recentes cabem os terrenos mais periféricos, numa configuração similar ao cemitério de Jacarezinho.

Outro aspecto relevante no que se refere à racionalização é o sistema de localização implementado pela administração. Depois de passar por um período de recadastramento⁷³ realizado de 2014 a 2015 no qual os familiares deveriam comparecer munidos de certidões de óbito e documentos pessoais, os jazigos foram catalogados e mapeados, de maneira que qualquer pessoa, pelo site <http://cemiterio.ourinhos.sp.gov.br>⁷⁴ digitando qualquer parte do

⁷³ <http://www.ourinhos.sp.gov.br/noticia/1345/prefeitura-continua-realizando-o-recadastramento-de-tumulos-do-cemiterio/> acesso em 20/04/2018

⁷⁴ Acesso em 20/04/2018

nome do sepultado pode descobrir a quadra e o número da placa perpétua onde se localiza. Segundo o secretário de serviços urbanos da época, Edson Carnevale, em entrevista ao site oficial da prefeitura da cidade, (...) *como o Cemitério de Ourinhos tem cerca de 43 mil registros de sepultamentos datados em livros de 1920, 1930, nós optamos por recadastrar e atualizar estes dados no computador, com toda a segurança necessária para que os registros jamais sejam perdidos.*

Atualmente o cemitério passa por problemas de espaço. Sendo o único cemitério público da cidade, diversas sepulturas estão sendo construídas nas ruas internas, antes reservadas à passagem de pessoas. Uma área relativamente grande foi utilizada, porém ambientalmente inapropriada: ao fundo do cemitério passa o Córrego Christoni, e a distância entre ele e a última sepultura não chega nem a 5 metros. Para agravar o problema, o terreno é em declive, e toda a água das chuvas que passa pelo local vai em direção ao córrego. Segundo RIBEIRO e PERUSI (2009), as práticas relacionadas ao manuseio dos cadáveres no cemitério de Ourinhos não são viáveis ao meio ambiente:

Como de comum nas grandes e médias cidades, onde já estão praticamente esgotados os espaços para sepultamento, ocorre a prática de reutilização dos jazigos, após um período de 5 anos para adulto e 3 para criança. Os restos mortais exumados são destinados para o ossuário que fica no centro do cemitério, que por sua vez não possui nenhuma segurança para evitar que pessoas mexam e que insetos proliferem. (p. 33)

Fui averiguar o ossuário e o mesmo continua no mesmo local e nas mesmas condições. Uma espécie de poço com uma portinhola de metal sem cadeado, ou seja, mesmo após uma década tal prática não sofreu alterações.

Diante dos problemas causados pela saturação do espaço cemiterial, uma alternativa adotada pelos munícipes que possuem alguma condição financeira é o sepultamento no cemitério Memorial Garden, o único cemitério-parque da cidade.

Cemitério Memorial Garden – Ourinhos

No dia 29 de junho de 2018 estive no Cemitério Parque Memorial Garden, o único cemitério particular da cidade de Ourinhos. Localizado fora do perímetro urbano, a aproximadamente oito quilômetros do centro da cidade, esse cemitério, inaugurado em 2011, atende a uma demanda baseada na escassez de lotes e jazigos disponíveis no Cemitério

Municipal. No entanto, trata-se de um empreendimento, o que exige um valor financeiro considerável para se adquirir um jazigo, bem como mantê-lo.

O cemitério, à primeira vista pode ser facilmente confundido com um condomínio residencial: muros altos e uma guarita com portão e cancela, além do letreiro com a identificação do local contribuem para uma visão diferente dos cemitérios tradicionais. Ao entrar, pode-se observar as vagas de estacionamento, os primeiros lotes e as dependências do lugar. Na parte interna, diversas salas de velório climatizadas, piso impecavelmente limpo, assentos e poltronas estofadas dão um ar de “aconchego” ao local.



Figura 38 – Entrada principal do Cemitério Parque *Memorial Garden* em Ourinhos, SP. (acervo do autor)

Durante a visita, fui recebido por um dos sócios e gerente do cemitério, o Senhor Geraldo Nobile. Geraldo forneceu detalhes sobre o empreendimento. Primeiramente conversamos sobre os aspectos burocráticos do cemitério, como o processo de concessão por parte da prefeitura via licitação, as exigências sanitárias e de segurança para o funcionamento, passando depois para as dependências do local. O cemitério conta com locais para descanso, copa, cozinha e uma capela ecumênica. Diferentemente do Cemitério Municipal, que possui fortes referências ao catolicismo, o Memorial Garden não possui símbolos religiosos, em nenhum dos seus espaços, que segundo Geraldo é uma norma do cemitério, para que se atenda ao conceito de que o local não está vinculado a nenhuma instituição religiosa específica. Além das acomodações e dos sepultamentos, o cemitério oferece os serviços de traslado, exumação e reinumeração de despojos. Inserido no contexto comercial, o cemitério possui um site no qual

divulga esses produtos e serviços. Em sua homepage da internet⁷⁵, o empreendimento ressalta a importância da compra programada, que é aquela na qual a família adquire um jazigo antes do falecimento. No momento da pesquisa, havia uma promoção: um jazigo com dois espaços pelo valor de R\$2.350,00 ou financiado em 36 parcelas de 73,07 corrigidos pelo IGP-M, mais a taxa de R\$32,70 mensais de manutenção. Vale ressaltar que apesar de todos esses diferenciais que dão à necrópole os ares de empresa a que se destina, o discurso adotado em seu site é de que é um cemitério “igualitário”: “Um parque onde a igualdade é absoluta, com instalações e serviços que facilitam o momento de despedida em um ambiente sem ostentação e sem discriminação de credo, raça ou classe”. Esse posicionamento, ignorando o fato de que essa indiscriminação tem um preço não acessível a todas as classes, guarda em seu cerne um dos fatores relacionados à ressignificação das práticas funerárias e dos cemitérios, que é a padronização dos jazigos. Se por um lado, em cemitérios convencionais observa-se o contraste entre túmulos luxuosos e básicos, nesse conceito de cemitério não há espaço para diferenciação entre jazigos. Contudo, observei que em dois jazigos haviam objetos decorativos infantis (dois jazigos de crianças, um inclusive sendo o da primeira pessoa a ser sepultada naquele cemitério). Segundo Nobile, essa diferenciação foi permitida por dois motivos: pela dor da perda causada pela morte de uma criança e por não fazer referência a nenhum símbolo religioso. Exceto esse caso, as normas permitem apenas flores e a placa de identificação e as velas só podem ser acesas nos velários, localizados cada um em uma quadra do cemitério. Nem mesmo fotografias mortuárias são permitidas, para preservação do espaço na lápide, que é padronizado e de tamanho reduzido. O que pude observar relacionado à diferenciação entre os jazigos na verdade não se encontra na superfície, mas sim no subsolo, no qual pode-se adquirir jazigos de dois a oito lugares. Segundo o gerente, esse conceito é inspirado no padrão estadunidense no qual apenas as lápides ficam à vista de quem visita os jazigos.

⁷⁵ www.memorialgarden.com.br. Acessado em 12/05/2018



Figura 39 – Vista de alguns jazigos do Cemitério Memorial Garden. Ao fundo as dependências destinadas às famílias enlutadas e, no centro, objetos decorativos em túmulo de criança. (acervo do autor)

Considerando que esteticamente os jazigos são limitados pela padronização, a principal atenção, portanto, não reside no destino a ser dado aos mortos, mas sim ao conforto oferecido aos vivos, quer seja pelas acomodações ou pelos planos oferecidos para aquisição das propriedades mortuárias. Como o próprio site diz, *Queremos lembrá-lo que comprar um jazigo é tão importante quanto fazer um seguro de carro, de casa ou pessoal. Portanto viva a vida, mas esteja preparado para a única certeza que ela nos reserva.* Diante disso, perguntei ao gerente qual sua visão sobre esse foco na prestação de serviço aos vivos, principalmente no que se refere ao conforto das acomodações. Segundo Nobile, toda essa atenção é uma forma de amenizar a dor da perda, poupando os familiares de possíveis inconvenientes relacionados ao espaço. “O momento já é de dor e sofrimento. Estando num espaço aconchegante, pelo menos esse sofrimento é amenizado”, afirma o gerente. Conversando sobre o objeto da pesquisa, e falando sobre o processo de ressignificação da morte, o gerente ressaltou que inclusive é comum ali ocorrerem velórios de curta duração, nos quais as famílias velam os corpos por poucas horas e já encaminham para o sepultamento. O fato de no contrato de aquisição dos jazigos constar os valores relacionados à manutenção, o gerente também afirmou que o número de visitantes também não é constante, diferentemente dos cemitérios tradicionais, cujas famílias são as responsáveis por manter a integridade de seus túmulos e mausoléus. Essa “terceirização” é uma das principais características dos cemitérios particulares. Assim como toda a estrutura se assemelha à de um condomínio, a lógica de aquisição de um jazigo também é a mesma, na qual o proprietário ao adquirir o imóvel precisa ainda pagar um valor mensal para que o bem esteja seguro e com as devidas manutenções previstas em contrato.

Cemitério Vertical de Curitiba

No dia 13 de Outubro de 2017 estive no Cemitério Vertical de Curitiba. Previamente agendado por contato telefônico, fui atendido por um dos gerentes do empreendimento que apesar de ser muito solícito no seu atendimento, preferiu não permitir a inserção da sua identidade nesse trabalho. O gerente me apresentou todas as instalações do Cemitério Vertical, exceto a sala do crematório.

Também denominado Necrópole Ecumênica Vertical, trata-se de uma construção monumental em sua estrutura, um conjunto de prédios de três andares que se encontram num espaço central formando uma espécie de estrela. Inaugurado em 1989 é o maior cemitério vertical do Estado do Paraná. Atualmente mais de 17 mil pessoas estão sepultadas no local e foram realizadas mais de 7 mil cremações.



Figura 40 – Vista aérea do Cemitério Vertical de Curitiba. Fonte: <https://www.cemiteriovertical.com.br>
Acessado em 12/11/2017

Ao entrar no local, fui conduzido a conhecer as salas de velório. São salas pequenas, climatizadas com ar condicionado, distribuídas por um corredor amplo no qual circulam a maioria das pessoas que ali prestam suas últimas homenagens a seus falecidos. Saindo desse local, me foi mostrada a sala de atendimento psicológico, no qual um psicólogo presta atendimento aos enlutados. Próximo dali se encontra a sala de assistência social, que na verdade se trata de uma prestação de serviço no sentido de conduzir ações necessárias ao velório, sepultamento e cremação. No momento da visita os profissionais desses dois serviços não se encontravam no local.

Chegando à área central da necrópole me deparei com um imenso espaço reservado às cerimônias religiosas. Coberto por uma grande abóbada de telhado translúcido, o espaço tem

capacidade para 330 pessoas sentadas de frente para um altar desprovido de qualquer símbolo religioso. Segundo o gerente, o altar também pode ser utilizado para cerimônias de cremação. Uma porta no fundo do altar se comunica com a saída em direção ao crematório. Missas de sétimo dia e outras cerimônias também podem ser realizadas ali.

Assim como nos demais espaços do cemitério, o que chama a atenção é a atmosfera de extrema limpeza, do chão ao teto. Todos os ambientes visitados estavam impecavelmente limpos, com exceção daqueles que se encontravam em reforma. Em alguns momentos detectei um leve cheiro de inseticida, que segundo a gerência se deve à dedetização constante pela qual passa o cemitério.

Ao redor do espaço central existe uma rampa de aproximadamente três metros de largura em espiral pouquíssimo íngreme, que se comunica com todos os andares dos prédios do cemitério. Segundo o gerente, a rampa foi projetada tanto para facilitar o transporte dos caixões encaminhados para os locais de sepultamento quanto para a acessibilidade de pessoas com dificuldade de locomoção. Contudo, existem também elevadores para os usuários.

Os corpos são sepultados em pequenos espaços chamados lóculos, que podem ser adquiridos de maneira permanente, como uma perpétua de um cemitério tradicional. Na maioria dos casos, os corpos permanecem nesses lóculos temporariamente, pois, após três anos, o corpo que já passou pelo processo de decomposição é exumado e realocado no espaço adquirido pela família, que é um lóculo menor, reservado para uma, duas ou três pessoas, de acordo com o serviço contratado. De maneira geral os lóculos se assemelham a um grande armário de arquivos em uma parede de aproximadamente três metros de altura. Vale ressaltar que essa distribuição pode inviabilizar as visitas dos familiares, haja vista que não é confortável utilizar uma escada fornecida pelo cemitério para se poder visualizar de perto o lóculo de uma pessoa inumada a uma altura superior a dois metros.

Além disso, não é permitido praticamente nenhum tipo de personalização dos lóculos, exceto a fotografia e a placa de identificação do falecido. Até mesmo as flores, que devem ser artificiais, possuem apenas um pequeno espaço para serem colocadas, não maior do que um ramallete. Velas também não são permitidas no local. Esse objeto religioso deve ser acendido no velário, um espaço externo reservado para esse fim.

Segundo o gerente, além de toda a estrutura oferecida, um dos diferenciais do empreendimento seria o atendimento aos clientes, cuja filosofia de trabalho residiria em “amenizar o sofrimento do enlutado”. Nesse sentido, ele apontou que desde o atendimento telefônico, os funcionários são orientados a nunca atender utilizando a frase “bom dia”, haja vista que se alguém procura os serviços do Cemitério Vertical, existe uma grande possibilidade

de o contato ser por algum motivo relacionado a uma perda. Em suma, pode-se perceber durante a pesquisa que esse modelo de cemitério revela o processo de ressignificação das práticas funerárias no que se refere ao fato de que a morte se torna não mais o fator principal, mas sim o serviço prestado, que afeta os clientes diante desse momento de luto, tornando-os dispostos a pagar por um conjunto de produtos e serviços, voltados ao contato mínimo com os mortos. Esse contato é exercido por terceiros, que assumem a função de lidar com todos os procedimentos que envolvem o corpo da pessoa que faleceu.

Cemitério Municipal São Francisco de Paula – Curitiba

Terminada a visita ao Cemitério Vertical, me desloquei até o Cemitério Municipal São Francisco de Paula, o mais antigo cemitério de Curitiba. Fui até o local no intuito de fotografar a grande variedade de túmulos e mausoléus daquela necrópole. No dia seguinte eu participaria de uma visita guiada durante a noite, a ser realizada pela pesquisadora Clarissa Grassi, especialista em arte cemiterial e que desenvolve, em parceria com a prefeitura municipal de Curitiba um trabalho de preservação da memória da Cidade e do Estado do Paraná através de visitas guiadas. Algumas dessas visitas são temáticas; outras são tradicionais, nas quais a pesquisadora e guia do cemitério apresenta diversas informações e fatos históricos identificáveis pela composição do cemitério.

Apesar de sua pedra fundamental ter sido lançada em 1854, o primeiro sepultamento foi ocorrer somente em 1883. A estrutura externa do cemitério é impressionante pelo seu tamanho e riqueza de detalhes. Uma grande praça elevada, com vários espaços para velórios, floriculturas e outros serviços municipais, um chafariz, várias placas em azulejos com dizeres bíblicos e frases relacionadas ao luto, uma estátua em bronze de uma *pietá* e uma entrada feita em mosaico com imagens de anjos encimada por uma imagem de Cristo compõem a estrutura da fachada.



Figura 41 – Entrada Principal do Cemitério Municipal São Francisco de Paula. Acervo do autor.

Ao caminhar pelo cemitério me deparei com uma vastíssima riqueza de elementos de arte tumular. Tanto o estatuário quanto a arquitetura de túmulos e mausoléus fazem daquele local um verdadeiro museu a céu aberto. Realizadas as fotografias, restava a participação no evento da visita guiada.

No dia seguinte, diante de uma garoa fina, às 19:00 cheguei ao local e me deparei com a pesquisadora cercada de alguns participantes. Ela estava prestes a cancelar o evento por causa da chuva que durou o dia todo. No entanto, após esperar mais alguns minutos, o tempo pareceu firmar e Clarissa decidiu dar prosseguimento à visita guiada. Após fazer uma explanação sobre a história da inumação e dos cemitérios, Clarissa contou sobre a história daquela necrópole e como o Cemitério São Francisco de Paula contava a história da cidade e do Paraná.

Ao entrarmos no cemitério, a pesquisadora nos deu noções básicas sobre os materiais utilizados nos túmulos e como eles se relacionavam com o período em que foram construídos, bem como a arquitetura e os objetos de arte cemiterial que ali estavam. Um dos primeiros túmulos que Clarissa dedicou especial atenção foi o mausoléu de Maria Bueno, uma santa popular na cidade de Curitiba que, morta de maneira violenta, é considerada milagreira. O local onde a santa está enterrada é um grande mosaico de ex-votos, além da imagem de Maria Bueno, que segundo a pesquisadora era uma moça mulata, mas representada nas imagens como uma moça branca de cabelos pretos e olhos claros. Com o passar dos anos, conforme a imagem foi passando por processos de restauração, a única mudança ocorrida foi a cor dos olhos que se tornou escura. Um fato interessante durante a fala de Clarissa foi que ela mesma teria sido atendida pela santa, e como sinal de agradecimento, seria o primeiro túmulo de quem ela falaria com especial atenção durante suas visitas guiadas. Outro jazigo que também merece destaque

pela excentricidade é um mausoléu em forma de pirâmide, decorado com um estatuário que remete a imagens egípcias: uma sacerdotisa e uma esfinge. Segundo a pesquisadora se trata apenas de uma estrutura inspirada em elementos egípcios, sendo uma réplica mal elaborada de um mausoléu que se encontra no Cemitério São João Batista na cidade do Rio de Janeiro.



Figura 42 – Mausoléu “egípcio”. Acervo do autor.

Percorrendo os demais espaços do cemitério, a pesquisadora explicou que a geografia do lugar se assemelha à da cidade de Curitiba: à direita da entrada principal se encontram os jazigos históricos semelhantes ao Largo da Ordem, bairro marcado pelas suas construções oitocentistas. À esquerda e à frente os mais modernos e monumentais, se assemelhando ao Bairro do Batel, o mais luxuoso da cidade. Ao fundo, os túmulos comuns, na sua maioria desprovidos de arquitetura e estatuário distintivos.

Além do aspecto estético, que contrasta os monumentais mausoléus e túmulos ricos em estatuário e materiais nobres como o bronze, o mármore e o granito, um fator curioso é o entorno no qual está inserido o cemitério, pois ao seu redor se formou uma espécie de “complexo comercial funerário”: diversas empresas voltadas a esse setor se instalaram naquele local.



Figura 43 – Fachada de uma das empresas funerárias no entorno do cemitério, visível do seu interior. Acervo do autor.

Vale ressaltar que o Cemitério Municipal São Francisco de Paula agrega o processo de ressignificação da morte não somente dentro de seus muros mas também fora dele: o espaço ao redor, que não faz parte da necrópole em si, foi apropriado pelo mercado funerário. Apenas alguns metros separam o cliente e seus mortos do serviço contratado e do procedimento de inumação.

Cripta da Catedral da Sé

No intuito de demonstrar a prática de inumação *ad sanctus*, estive presente na cripta da catedral da Sé, na cidade de São Paulo. Inaugurada em 1919, abaixo do altar-mor, a cripta possui 30 câmaras mortuárias destinadas a autoridades eclesásticas falecidas a partir de 1748. Além dessas autoridades, a cripta também abriga os túmulos de alguns personagens importantes da história da cidade e do Brasil, como o Cacique Tibiriçá, o primeiro líder indígena catequisado, Regente Feijó, Padre Bartolomeu de Gusmão e o Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns.

A Cripta da Sé é uma pequena igreja, de 619 metros quadrados e 7 metros de altura com arcos em tijolos à vista e um piso de mármore preto e branco; as sepulturas estão distribuídas nas laterais da cripta que possui forma de cruz, centralizada por um altar voltado para duas sessões de assentos na cor vermelha.

Chegando à catedral, paguei uma taxa de entrada no valor de sete reais para fazer uma visita monitorada pelo guia da cripta chamado Estevam. O guia me levou até as dependências e me informou um breve histórico de todas as câmaras mortuárias existentes e das pessoas ali enterradas. Todos os jazigos são adornados com símbolos católicos e no caso dos bispos, seus túmulos são encimados pelos seus brasões episcopais. Além desses ornamentos, a cripta possui quatro esculturas, sendo duas de madeira em alto relevo e duas em mármore de Carrara. As esculturas em madeira representam o cacique Tibiriçá e Regente Feijó e as de mármore representando Jó e São Jerônimo. A única câmara que possui um símbolo não-religioso é a do Padre Bartolomeu de Gusmão, que é adornado com o símbolo da Força Aérea Brasileira.

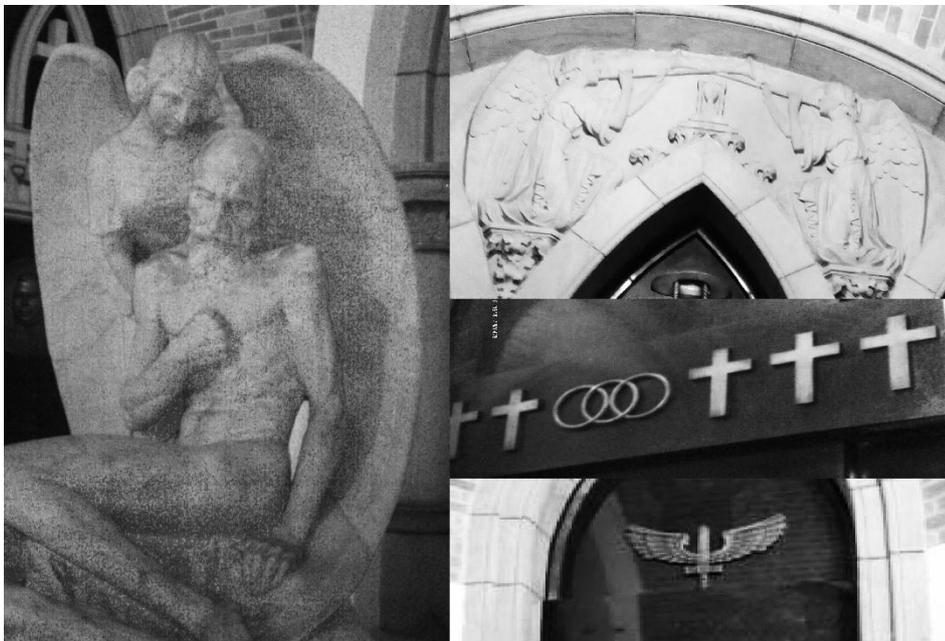


Figura 44 - À esquerda, escultura de São Jerônimo sendo levado por um anjo, representando a morte. Acima dois anjos do Juízo final com a ampulheta, símbolo do tempo de vida que se esgota com a morte. Abaixo, as cruzes e os três círculos que representam a Santíssima Trindade e o detalhe da câmara mortuária de Bartolomeu de Gusmão, único jazigo que possui um símbolo não-religioso. (acervo do autor)

Durante a observação, que durou cerca de uma hora, aproximadamente mais dez pessoas estiveram presentes para a visita à cripta. Pude notar que o interesse de todos os visitantes naquele momento era motivado por questões históricas, científicas ou por turismo. Excetuando-se as celebrações religiosas realizadas no local, percebe-se que a cripta possui mais atrativos turísticos do que religiosos em si.

Cemitério da Consolação

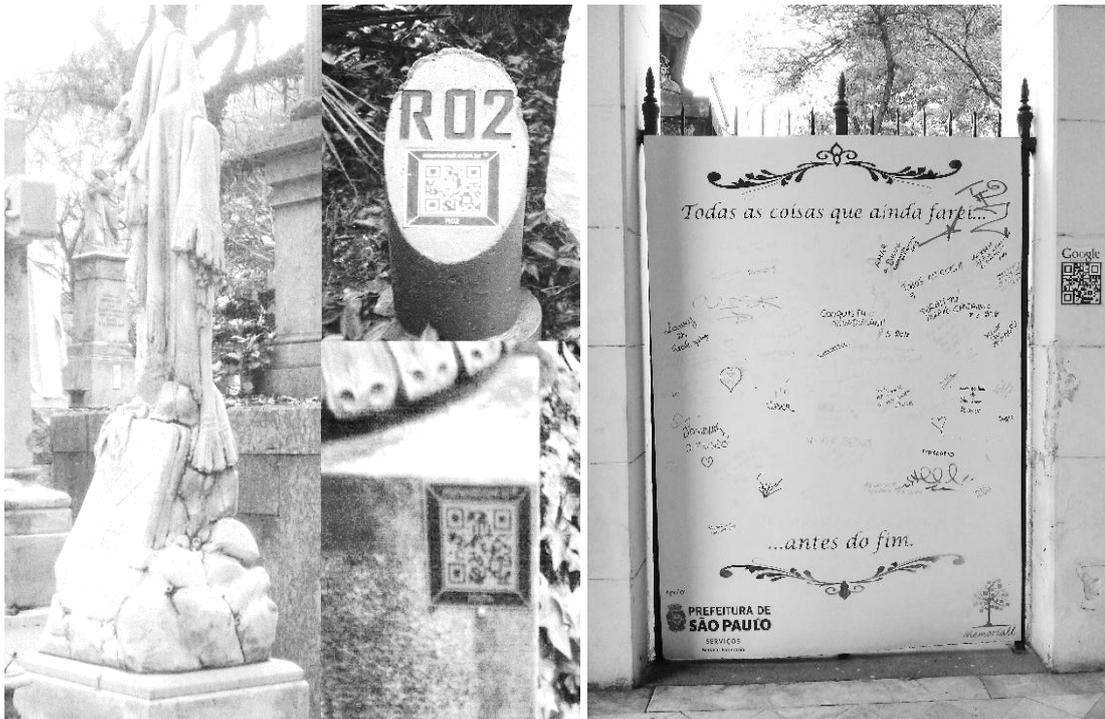
O Cemitério da Consolação se destaca por ser o mais antigo cemitério público da cidade de São Paulo, inaugurado em 1858 e também por abrigar muitos jazigos de pessoas importantes da história da cidade e do país. No entanto, o maior atrativo da necrópole é o grande número de obras de arte que adornam os túmulos e mausoléus. Sua origem se dá no contexto higienista, no qual os sepultamentos *ad sanctum* foram proibidos e passaram a ser direcionados aos cemitérios. Primeiramente destinado a atender as vítimas de epidemias, aos poucos o cemitério foi se elitizando até se tornar o que é hoje, ou seja, um cemitério “para poucos”. O maior sinal dessa elitização se dá ao observar que, diferentemente do que se nota nos demais cemitérios, os túmulos padronizados são raríssimos, haja vista que uma maioria avassaladora de jazigos possui ornamentos e estruturas que ostentam a riqueza das famílias e dos mortos ilustres sepultados, como Ramos de Azevedo, Luis Gama, Marquesa de Santos, Monteiro Lobato, Mario de Andrade, entre outros.

A pesquisa realizada no Consolação se deu no mesmo dia da visita à Cripta, dia 6 de junho de 2018. Previamente agendada junto à Assessoria de Imprensa da Cidade de São Paulo, a visita guiada é apresentada por um homem cuja atividade de guia do cemitério o tornou uma celebridade: Francilvado Almeida Gomes, o “Popó”, possui uma história e trajetória que já se mistura ao Cemitério da Consolação.

Inicialmente atuando como coveiro, Popó (como prefere ser chamado) teve contato com o Professor Délio Freire, historiador e administrador do cemitério, que lhe passou o conhecimento necessário para dar prosseguimento às visitas guiadas no intuito de preservar a memória da cidade e de valorizar a arte tumular. De fato, ao visitar aquele cemitério, tem-se a sensação de se estar adentrando em um museu: uma infinidade de estátuas, bustos, baixos e altos relevos, mausoléus suntuosos das mais diversas arquiteturas preenchem o espaço daquele local, desde o arco de entrada até os limites dos muros. Herança de tempos áureos da cafeicultura paulista, muitos artistas brasileiros e europeus tem algumas de suas obras expostas naquela necrópole. Popó inicia a visita guiada fazendo um breve histórico do cemitério, conduzindo os visitantes aos túmulos mais importantes, falando sobre as personalidades e os diversos estilos artísticos tumulares ali existentes. Infelizmente, devido ao clima chuvoso que ameaçava o evento e o tempo escasso, o guia não conseguiu apresentar todo o cemitério, mas conseguiu apresentar um panorama geral do Cemitério da Consolação.

No intuito de observar se em um cemitério histórico como esse o processo de ressignificação estaria presente, pude notar alguns fatores importantes:

- Ausência de velas e flores nos túmulos: tratando-se de um cemitério-museu, a administração do Consolação não permite, na intenção de preservar os jazigos, esse tipo de prática, comum em cemitérios.
- Aproveitamento de estrutura: uma das capelas do cemitério foi transformada em sede administrativa;
- Inclusão de *qr code* em diversos túmulos e localidades do cemitério, nos quais a utilização de um aplicativo permite saber sobre a biografia do falecido ou sobre as obras de arte;
- Arco de entrada, um mural de recados com o título “Todas as coisas que ainda farei...” “... antes do fim” no qual os visitantes podem deixar mensagens escritas.



Figuras 45 e 46 – Contrastes entre passado e presente: à esquerda: detalhe do túmulo de Luiz Gama, o primeiro sepultamento de pessoa ilustre do Cemitério da Consolação em 1882; ao lado, os *Qr Codes* espalhados por todo o cemitério. À direita, o mural na entrada do cemitério, sob patrocínio da mesma empresa que instala os códigos para aplicativo, com os dizeres “Todas as coisas que ainda farei...” “... antes do fim” (acervo do autor)

Após a observação no Cemitério da Consolação, pode notar que a resistência em preservar os aspectos históricos e artísticos da necrópole é justamente o ponto central no qual o processo de ressignificação é evidente naquele local. Mesmo o cemitério estando ainda em atividade (no momento da visita ocorria um sepultamento), a preservação da memória, movida por um princípio de racionalidade, se sobrepuja ao aspecto religioso; as práticas funerárias

naquele local são praticamente acessórias, haja vista que a dimensão histórica e museológica do Cemitério da Consolação se impõe de tal maneira que os enlutados se veem limitados em determinados aspectos, a prestarem alguns tipos de homenagens: para preservar o acervo artístico e histórico do cemitério, foram vedados aos enlutados o acendimento de velas diretamente nas sepulturas, bem como depositar flores ou qualquer outro tipo de material que não seja permanente. Nesse sentido, o Cemitério da Consolação se assemelha à regulamentação dos cemitérios de novo tipo, que também limitam esse tipo de prática, padronizando-o para “manter sua integridade”. No entanto, tais medidas direcionadas aos enlutados não impede que o cemitério, devido à sua vasta dimensão e ausência de infraestrutura, seja vítima de depredações e de deteriorações pela ação do tempo.